

**FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**Ana Catarina Calixto da Cruz**

O cyberbullying no contexto português

---

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação,  
variante Estudos dos Media e de Jornalismo**

**MARÇO, 2011**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, variante Estudos dos Media e de Jornalismo, realizada sob a orientação científica da professora doutora Cristina Ponte.

*Ao meu anjo da guarda que, mesmo ausente,  
continua a seguir todos os meus passos*

## AGRADECIMENTOS

À professora doutora Cristina Ponte pela dedicação e competência com que orientou a minha dissertação de mestrado e pelo apoio incansável demonstrado ao longo de todas as fases de trabalho. Sempre me mostrou qual o caminho certo a seguir quando as dúvidas eram mais do que as certezas.

A todos aqueles a quem enviei emails e que estiveram sempre disponíveis para esclarecer dúvidas ou para fornecer material útil à investigação. É obrigatório colocar os nomes de todos eles, pois sem a sua ajuda não teria conseguido obter a maior parte do material de pesquisa: professora Ana Tomás de Almeida (Universidade do Minho); inspector Baltazar Rodrigues (PJ Lisboa - divisão de combate ao crime informático); professora Cristina Novo (Escola Superior de Educação de Santarém); Francisco Pereira (projecto Proteja Internet); professor João da Silva Amado (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra); Luzia Pinheiro; professora Margarida Gaspar de Matos (Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa); Mariana Campos; Nancy Willard (directora-executiva do Centro de Uso seguro e responsável da Internet); Pedro Ventura; professor Sameer Hinduja (Escola de Criminologia e Justiça Criminal na Universidade Atlântica da Florida e co-director do Centro de Pesquisas de *Cyberbullying*); professora Sónia Seixas (Escola Superior de Educação de Santarém); professora Teresa Pessoa (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra); professor Thomas Jäger (Universidade de Koblenz, Landau); Tito Morais (fundador do *site* MiudosSegurosNa.Net) e Vanessa Fusco Nogueira Simões.

À minha família e namorado pelo apoio emocional. São os meus “pilares”, para sempre indispensáveis.

A todos os amigos que ajudaram na divulgação do questionário.

E, finalmente, a todas as entidades e jovens que aceitaram participar nos questionários.

A todos um sincero muito obrigada!

## RESUMO

A presente investigação tem como principal objectivo avaliar a dimensão do *cyberbullying* em território português.

Por ser um tema pouco debatido pelos *media* portugueses, procurou-se descobrir se as crianças e os jovens estão familiarizados com o conceito “cyberbullying” e se este fenómeno é já uma realidade no nosso país.

A amostra é composta por 205 alunos do 4.º ao 11.º ano de escolaridade e com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos. 49 % dos alunos são do sexo feminino e 50 % do sexo masculino.

Os resultados da investigação demonstram que, apesar de o *cyberbullying* ser ainda uma incógnita para a grande parte dos entrevistados, esta é já uma realidade também em Portugal, provando que este fenómeno não é próprio de uma só região ou localidade. Urbanas ou rurais, o *cyberbullying* já chegou a todos os cantos do país.

A frase “Eu posso ver-te, mas tu não podes ver-me” nunca fez tanto sentido à medida que o *cyberbullying* se vai assumindo como um problema cada vez mais actual e real.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cyberbullying*, Internet, *Bullying*, *Cybervítima*, *Cyberbully*, Tecnologias

## ABSTRACT

This research has as main objective to assess the extent of *cyberbullying* phenomenon in Portuguese territory.

Because it is a topic rarely discussed by the Portuguese media it was important to discover if children and young people know the term "cyberbullying" and whether the phenomenon is already a reality in our country.

The sample consists of 205 students from 4th to 11st year, aged between 9 and 16. 49% of students are female and 50% of males.

The results show that although the *cyberbullying* is still a mystery to the majority of the interviewees, this is already a reality in Portugal too, proving that this phenomenon is not unique to one region or locality. Urban or rural, *cyberbullying* has spread to all corners of the country.

The sentence "I can see you, but you can't see me" never made much sense as it takes on *cyberbullying* as a real problem.

KEYWORDS: *Cyberbullying*, Internet, *Bullying*, *Cybervictim*, *Cyberbully*, Technologies

# ÍNDICE

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
 <b>Capítulo I: O <i>cyberbullying</i>: aparecimento do conceito e sua discussão .....</b>	<b>4</b>
1. Definição do conceito “ <i>cyberbullying</i> ” .....	4
2. Quando surge em Portugal .....	10
3. Diferenças e semelhanças com o <i>bullying</i> tradicional.....	11
4. Prevalência do <i>cyberbullying</i> no mundo: O que tem sido estudado ..	14
5. Investigação em Portugal .....	20
6. Em síntese: o <i>cyberbullying</i> , fenómeno “sem lugar” e “sem rosto” ..	25
 <b>Capítulo II: O contexto português: um tema ausente?.....</b>	<b>28</b>
1. Quando e como se fala de <i>bullying</i> e de <i>cyberbullying</i> nas notícias? .....	28
1.1. A temática <i>bullying</i> . .....	29
1.2. A temática <i>cyberbullying</i> . .....	30
2. Caracterização das figuras das notícias. ....	31
3. O que pensam os jornalistas? .....	33
 <b>Capítulo III: O <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> na perspectiva dos jovens internautas .....</b>	<b>38</b>
1. O desenho da pesquisa, a apresentação do inquérito e a sua aplicação .....	38
2. Análise e discussão dos resultados obtidos. ....	40

<b>Conclusão</b> .....	50
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	54
<b>Anexos</b> .....	62
Tabela de notícias sobre bullying .....	62
Tabela de notícias sobre cyberbullying.....	63
Vozes das notícias.....	64
Questionário à jornalista Sandra Pereira (Jornal i) .....	65
Questionário à jornalista Rosa Ramos (Jornal i) .....	66
Questionário à jornalista Helena Fidalgo (Lusa) .....	68
Questionário à jornalista Elisabete Silva (DN).....	69
Questionário .....	72
Documento para os pais.....	78
Gráficos .....	79



## Introdução

A Internet é já parte integrante da vida de todos aqueles que estão ligados à sociedade de informação. O ciberespaço, ao possuir diferentes funcionalidades, coloca à disposição dos utilizadores um vasto leque de conteúdos, que se encontram à distância de um clique.

Nas sociedades abertas, o acesso à informação é agora ilimitado. Apesar de o seu aparecimento remontar a apenas algumas décadas, a verdade é que se tem verificado uma rápida e quase incontrolável multiplicação de conteúdos *online*, que os utilizadores utilizam cada vez mais cedo, não existindo um único espaço para se aceder à Internet. Actualmente, pode navegar-se no ciberespaço em casa através do computador, mas também na rua por meio de um telemóvel. As barreiras de acesso à Internet parecem estar a desaparecer.

O mundo *online* junta várias características num só espaço: entretenimento, informação, interacção, educação, fazendo com que seja o *media* preferido de cada vez mais utilizadores. A televisão, os jornais, as revistas, a rádio estão também integrados neste meio, numa convergência digital. O ciberespaço coloca à disposição dos utilizadores o que cada um dos meios acima referidos oferecia por si e muito mais. O texto, a imagem, o som, os vídeos estão juntos, pela primeira vez, num só suporte tornando todo o processo de informação, entretenimento, educação ou interacção muito mais dinâmico e enriquecedor.

Também o telemóvel adquiriu novas características. Agora, serve não só para fazer chamadas e enviar mensagens de texto (SMS's), sendo possível enviar mensagens de imagem e vídeo (MMS's), tirar fotografias, ouvir música, gravar vídeos e aceder à Internet. O telemóvel transformou-se num poderoso meio de comunicação indispensável ao dia-a-dia de muitos.

Para muitas crianças e jovens estar *online* é sinónimo de integração social. Para alguns, é uma condição para a interacção com os pares quando a comunicação face-a-face está longe de ser consumada, permitindo desta forma uma maior desinibição nas relações com os outros. Assim, é legítimo afirmar que a Internet está a alterar a vida de crianças e jovens, uma vez que interfere no modo como comunicam e se relacionam com outras pessoas.

A par com as oportunidades e vantagens do telemóvel e da Internet, estão também riscos e perigos ainda desconhecidos (ou simplesmente ignorados!) pela grande maioria da população portuguesa. E foi neste contexto que surgiu o tema desta pesquisa, cuja pergunta de partida foi “O que sabem as crianças e os jovens portugueses sobre o *cyberbullying*? Será que estão familiarizados com esta temática?”.

A presente investigação pretende contribuir para o estudo deste tema pouco explorado em Portugal. A pouca informação que existe sobre o tema foi o que me motivou a estudar esta temática. Antes de começar a pesquisa, confesso que nem eu própria sabia bem o que era o *cyberbullying*.

Assim, no primeiro capítulo caracteriza-se o conceito. Procura-se responder a questões como: “o que é o *cyberbullying*?”, “quais as suas características?”, “como se pode praticar *cyberbullying*?”, em que altura surgiu em Portugal e o que tem sido estudado?”. Este tópico revelou-se particularmente difícil de descobrir, devido às poucas informações que existem no país sobre este tema. Foi também relevante traçar as diferenças e as semelhanças entre o *cyberbullying* e o *bullying*, de forma a distinguir um fenómeno do outro. Foram realizadas várias pesquisas *online* para tentar perceber a prevalência do *cyberbullying* no mundo e o que tem sido estudado sobre o assunto. Este primeiro capítulo termina com aquilo que tem sido escrito e publicado sobre o tema em Portugal, incluindo teses de mestrado ou doutoramento e respectivas conclusões.

O segundo capítulo, por sua vez, corresponde a uma análise de imprensa para caracterizar como tem sido noticiado este fenómeno, que irrompeu recentemente na comunicação social. Procedeu-se a um levantamento *online* de notícias referentes ao ano 2010 sobre *bullying* e *cyberbullying*, o que serviu para perceber quando é que se publicam notícias sobre estes dois temas. Realizou-se uma caracterização das peças jornalísticas que tratam temas como: Será que aparece o nome da vítima? Quem tem voz? Que perspectiva é apresentada?, entre outros pontos. Por outro lado, contactei quatro jornalistas de diferentes meios de comunicação que escreveram algumas dessas notícias sobre *bullying* e *cyberbullying*. Ao responder a algumas questões através de *email*, as jornalistas deram a sua opinião, enquanto profissionais, sobre o que consideravam ser ou não correcto publicar e ainda sobre os cuidados que se devem ter quando se entrevista uma vítima de *bullying* ou *cyberbullying*.

Para conhecer o outro lado, como é que crianças e jovens se referem ao *cyberbullying*, quantas declaram já o ter sentido ou o ter praticado e através de que

meios, foi organizado um inquérito por questionário que constitui o centro do terceiro capítulo. O questionário foi respondido por crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos. Para além da apresentação da estrutura do questionário, são referidas as condições em que os jovens foram contactados e aceitaram participar na pesquisa e como se procedeu à entrega e recolha dos questionários. A análise conclui-se com uma reflexão dos resultados obtidos através das respostas dos participantes, confrontando-os com os conhecimentos recolhidos sobre o tema.

O quarto e último capítulo apresenta as conclusões da investigação.

## Capítulo 1. O *cyberbullying*: aparecimento do conceito e sua discussão

### 1. Definição do conceito “*cyberbullying*”

O *cyberbullying*, conceito que se crê ter sido utilizado pela primeira vez por Bill Belsey, tem sido um tema cada vez mais debatido no contexto da expansão da Internet, ganhando visibilidade (Wright, V., et al, 2009). Para além da forma tradicional de *bullying*, existe uma variante mais recente que não implica agressões face-a-face, mas que ameaça a segurança *online* de cada um e que foi surgindo com o crescente aparecimento e utilização das novas tecnologias de comunicação e de informação (TIC). O *cyberbullying* tem vindo a ser alvo de crescente atenção por parte de investigadores, educadores, psicólogos escolares e dos próprios meios de comunicação.

Antes de explorar ou abordar um assunto é necessário começar-se pela definição do tema. O *cyberbullying* tem sido definido como sendo “*o uso de tecnologias de comunicação e informação como forma de levar a cabo comportamentos deliberados, repetidos, hostis contra um indivíduo ou grupo, com a intenção de causar dano*” (Belsey, 2006)<sup>1</sup>. O *cyberbullying* caracteriza-se como sendo uma experiência traumática, que traz consequências físicas, psicológicas, emocionais, sociais e cognitivas principalmente para as vítimas. Os danos psicológicos causados na vítima passam por introversão, baixa auto-estima, sentimentos de pânico e insegurança, angústia, depressão, insucesso escolar ou, em casos muito graves, pode levar ao suicídio (Carney, 2008; Casey-Canon et al., 2001; Patchin & Hinduja, 2006)<sup>2</sup>. Tal como a utilização do conceito de ‘*bullying*’, existe também uma preferência para se usar o termo ‘*cyberbullying*’ em inglês, apesar de terem já sido propostas várias traduções, como *bullying* virtual ou *bullying online*, *e-bullying*, *bullying electrónico* (McLoughlin e Burgess, s/d)<sup>3</sup>. O prefixo ‘*cyber*’ refere-se à utilização das novas tecnologias de informação (e-mail, telemóvel, entre outros), enquanto o sufixo ‘*bullying*’ é relativo à forma tradicional de importunar, ameaçar e ridicularizar os outros, de forma intencional.

---

<sup>1</sup> Belsey, B. (2006). *Cyberbullying: An emerging threat to the ‘always on’ generation*. Consultado em Abril, em: [Http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying\\_Article\\_by\\_Bill\\_Belsey.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf)

<sup>2</sup> Citados em Wright, Vivian H.; Burnham, Joy J.; Inman, Christopher T.; Ogorchok, Heather N., 2009

<sup>3</sup> McLoughlin, Catherine e Burgess, Jill (s/d). *Texting, sexting and social networking among Australian youth and the need for cyber safety education*

De acordo com a socióloga Luzia Pinheiro, o *cyberbullying* teve o seu início com a fotocopiadora que, na altura, era a única ferramenta que os jovens tinham ao seu dispor. Foi através dela que se procedeu à distribuição de fotografias e textos, de modo a humilhar a vítima. Com o alargamento do telefone fixo a um maior número de casas, o *cyberbullying* começou a ser praticado através do telefone, fazendo-se telefonemas anónimos sempre para a mesma pessoa, insultando-a. De seguida, foi o telemóvel que substituiu o telefone fixo na prática do *cyberbullying* e foi nessa altura que este fenómeno adquiriu as dimensões que hoje lhe conhecemos: o envio de SMS's, fotografar e filmar agressões para depois distribuir por todos. Também o desenvolvimento da Internet começou a manifestar-se, dando-se início à publicação *online* de fotografias tiradas com o telemóvel, criação de perfis falsos, publicação de vídeos em *sites* como o *Youtube* ou a publicação de histórias falsas e embaraçosas sobre a vítima em *blogs* ou redes sociais<sup>4</sup>.

A socióloga distingue ainda uma evolução cronológica do *cyberbullying* ao estabelecer três fases. A primeira fase denomina-se 'pré-cyberbullying'. Foi neste período que o *cyberbullying* surgiu e começou a tomar forma através da fotocopiadora e do telefone fixo. A segunda fase denomina-se 'cyberbullying', onde adquiriu os contornos actuais. O recurso tecnológico que corresponde a este segundo estágio é o telemóvel. Os telemóveis de 1ª geração permitiram aos *cyberbullies* o envio de SMS's para divulgar todo o tipo de histórias sobre a vítima. Os telemóveis de 2ª geração estavam já equipados com câmara fotográfica e, uma vez que as MMS's eram mais dispendiosas do que as SMS's, as fotografias que eram tiradas à vítima eram, posteriormente, publicadas na Internet. A terceira fase adopta já o nome de 'bullying digital', devido ao facto de o *cyberbullying* começar a ser praticado principalmente através da Internet. Os telemóveis de 3ª geração pertencem também a este último estágio, uma vez que são mais desenvolvidos e equipados não só com câmara fotográfica e de filmar, mas também com ligação à Internet<sup>5</sup>.

Em 2007, existia ainda pouca informação sobre esta nova variante do *bullying* tradicional. O *cyberbullying* era considerado uma espécie de "novo território" a ser explorado (Li, 2007)<sup>6</sup>, por não existir muita quantidade ou variedade de informação sobre agressões contínuas, repetitivas e intencionais através das novas tecnologias. No

---

<sup>4</sup> [Http://sites.google.com/site/cyberbullyingportugal/Home/cyberbullying](http://sites.google.com/site/cyberbullyingportugal/Home/cyberbullying)

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Citado em Wright, Vivian H.; Burnham, Joy J.; Inman, Christopher T.; Ogorchock, Heather N., 2009

entanto, tem-se demonstrado cada vez mais necessário estudar este fenómeno, de modo a fornecer informações aos pais, professores, estudantes e psicólogos, numa tentativa de combater o *cyberbullying*, mas também num esforço de saber interpretar os sinais denunciadores de uma situação deste tipo (Wright, V. et al., 2009).

Segundo Kowalski, Limber e Agatston (2008), o *cyberbullying* não é um fenómeno separado do *bullying* tradicional. De acordo com estes autores, o *cyberbullying* é simplesmente uma versão electrónica do *bullying* face-a-face, podendo ser considerado uma forma de *bullying* mais sofisticada. Assim, as vítimas de *bullying* no contexto escolar são, normalmente, vítimas de *cyberbullying* em casa, por este se encontrar relacionado com a violência física que tem lugar no contexto escolar<sup>7</sup> (Steffgen e König, citado em Amado, João et. al., 2009). Na maioria dos casos, o *cyberbullying* complementa o *bullying* escolar, transformando-se numa espécie de reforço (Paias, s/d)<sup>8</sup>. Desta forma, a maior parte dos agressores são também *cyberbullies*<sup>9</sup>. Trata-se de um processo contínuo, repetitivo e intencional, que não termina quando a vítima abandona o espaço escolar.

O *cyberbullying* ganha forma através de uma simples ligação à Internet ou através de um telemóvel e também as formas de *cyberbullying* diferem das utilizadas no *bullying* tradicional. Os e-mails, as redes sociais, a criação de *sites* (ex: criar *sites* para ridicularizar alguém, como *sites* de votação – “o mais feio” ou “o mais mal-cheiroso”), as SMS’s e as MMS’s, os *chats* ou os *blogs*, onde os *cyberbullies* podem tornar público os segredos de outras pessoas, bem como as mensagens instantâneas e a publicação de vídeos que mostram uma situação embaraçosa para alguém constituem um meio para a concretização do *cyberbullying*, que vai ganhando cada vez mais terreno devido ao fácil acesso às novas tecnologias (Kowalski & Limber, 2007)<sup>10</sup>. Segundo Beale e Hall (2007), Mason (2007) e Willard (2008)<sup>11</sup> existem sete formas diferentes de *cyberbullying*:

---

<sup>7</sup> De acordo com um estudo realizado pelos psicólogos da Universidade da Califórnia (UCLA), em 2005, 85% dos que afirmaram ser vítimas de *bullying* na escola, confessaram também ser vítimas de *cyberbullying*. O motivo é por a Internet fazer parte da vida social destas crianças também na escola. In [Http://newsroom.ucla.edu/portal/ucla/bullying-of-teenagers-online-is-64265.aspx](http://newsroom.ucla.edu/portal/ucla/bullying-of-teenagers-online-is-64265.aspx)

<sup>8</sup> Paias, Tânia (s/d). *O Cyberbullying*. Disponível em:

[Http://portalbullying.com.pt/artigos\\_semanais/cyberbullying.pdf](http://portalbullying.com.pt/artigos_semanais/cyberbullying.pdf)

<sup>9</sup> Amado, João; Matos, Armanda; Pessoa, Teresa; Jäger, Thomas (2009). *Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação*

<sup>10</sup> Citados em Wright, Vivian H.; Burnham, Joy J.; Inman, Christopher T.; Ogorchock, Heather N., 2009

<sup>11</sup> Ibidem

- 1) Mensagens rudes, vulgares e agressivas para uma ou mais pessoas (*flaming/trolling*)
- 2) Assédio, envio de mensagens de forma repetitiva para alguém (*Online harassment*)
- 3) Difamação, envio e publicação de mensagens/imagens falsas na Internet (*Denigration*)
- 4) *Cyberstalking*, perseguição no ciberespaço, ameaças
- 5) Fingir ser outra pessoa (adopção de *nicknames*, por exemplo), enviar ou publicar imagens/mensagens para ridicularizar ou difamar, criar má reputação de alguém, alterando, por exemplo, a página pessoal da vítima, numa rede social virtual; roubo de *passwords* (*Impersonation*)
- 6) Enganar alguém para obter informação e segredos pessoais, que são depois enviados a outras pessoas que estão *online* (*Outing*)
- 7) Excluir alguém intencionalmente de um grupo de contactos *online*
- 8) Ameaçar o bem-estar físico (*threatening with physical harm*)

Segundo Luzia Pinheiro, o *cyberbullying* possui três tipos de caracteres: gráfico (utilização de imagens); verbal (utilização de linguagem) e psicológico (transmissão de falsas informações sobre a vítima)<sup>12</sup>. A socióloga defende ainda que o *cyberbullying* possui três níveis. O primeiro nível é aquele em que ocorre apenas *cyberbullying*, isto é, insultos, comentários de cariz sexual, criação de perfis falsos através da Internet. Este tipo de perseguição tem como único objectivo humilhar e assustar a vítima. O segundo nível envolve *bullying* e *cyberbullying*, funcionando como a continuação do primeiro nível. Os agressores tiram fotografias à vítima com o objectivo de as colocar *online* ou enviam SMS's com mensagens assustadoras como “Eu estou a ver-te” ou “Sei onde estás”. Estes são comportamentos conscientes, cuja finalidade é amedrontar e gozar com a vítima. Finalmente, o terceiro nível caracteriza-se pelo recurso ao *bullying* como meio de praticar *cyberbullying*. Este último nível possui duas variações, que Luzia Pinheiro designou como ‘light’ e ‘heavy’. A variação ‘light’ (leve) é semelhante ao segundo nível, no entanto a vítima é agredida fisicamente e fotografada. A fotografia é enviada

---

<sup>12</sup> [Http://sites.google.com/site/cyberbullyingportugal/Home/cyberbullying](http://sites.google.com/site/cyberbullyingportugal/Home/cyberbullying)

por MMS ou publicada na Internet. O lado ‘heavy’ (pesado) implica a agressão física da vítima e a filmagem dessa agressão. Este filme é depois publicado no ciberespaço em *sites* como o *Youtube*.

Como exemplo desta versão ‘heavy’ existe o ‘happy slap’. Em finais de 2004, surgiu nos EUA, uma nova forma de *cyberbullying* denominada *happy slapping*, que tem ocorrido não só nos pátios escolares, mas também no metropolitano, a caminho da escola e noutros locais menos vigiados. O *happy slapping* diz respeito a uma série de agressões que envolvem, principalmente, estalos na face dos colegas. Estas agressões físicas são filmadas ou fotografadas por telemóveis, publicadas na Internet e distribuídas por todos os contactos *online*. De acordo com o *The Guardian* (2004), verificou-se um total de 200 incidentes deste tipo<sup>13</sup>.

Por ter lugar no ciberespaço, torna-se mais difícil a identificação dos agressores, uma vez que estes podem ser conhecidos da vítima ou desconhecidos. Porém, o *cyberbully* (agressor) pode tornar-se ele próprio uma vítima, sendo comum a alteração de papéis dos envolvidos neste fenómeno. Na Internet, o *cyberbullying* conquista um maior número de aderentes, devido à rápida difusão dos comentários ou das ameaças. O número de testemunhas/espectadores é também bastante superior. À semelhança do *bullying*, também o *cyberbullying* pode ser praticado por uma só pessoa ou por grupos. O sentimento de poder, o facto de divertir terceiros e o próprio *cyberbully* e o facto de estarem aborrecidos por não terem nada para fazer são as principais razões pelas quais o *cyberbullying* é praticado (Kids Help Phone)<sup>14</sup>.

Morais (2007) defende que existem quatro factores próprios do *cyberbullying*:

- 1) Persistência. Uma vez publicado na Internet, o conteúdo fica para sempre registado;
- 2) Pesquisabilidade. Ao estar disponível *online*, qualquer utilizador pode ter acesso à informação;
- 3) Replicabilidade. Após ser publicado na Internet, o utilizador deixa de ter controlo sobre o conteúdo, podendo este último ser replicado e difundido;

---

<sup>13</sup> [Http://www.miudossegurosna.net/artigos/2005-05-06-acapital.html](http://www.miudossegurosna.net/artigos/2005-05-06-acapital.html)

<sup>14</sup> [Http://www.kidshelpphone.ca/teens/home/splash.aspx](http://www.kidshelpphone.ca/teens/home/splash.aspx)



- 4) Audiências invisíveis. É impossível remover um conteúdo que está disponível *online*, estando exposto a um público infinito.

Desta forma, o *cyberbullying* implica<sup>15</sup>:

- Acção repetida e sistemática (possibilidade de multiplicação da visualização do acto)
- Acção intencional e premeditada
- Incapacidade defensiva da vítima (assimetria de poder)
- Acções hostis para com as vítimas
- Acção contra a vontade da vítima
- Agressor anónimo e ausente (“tu não podes ver-me, mas eu posso ver-te”)
- Acção passivamente aceite

Pesquisas (Beale & Hall, 2007; Kowalski & Limber, 2007; Li, 2006, 2007)<sup>16</sup> revelam que, tal como no *bullying*, se verificam diferenças quanto ao género. Existe uma maior tendência para que sejam as raparigas a praticar *cyberbullying* por preferirem expressar agressão indirectamente através de rumores ou comentários, ao contrário do que acontece fora do contexto da Internet, onde os rapazes revelam uma maior preferência pela prática de um tipo de *bullying* mais directo e físico (Kowalski, Robin; Limber, Susan P.; Agatston, Patricia W., 2008) . Esta variante mais recente do *bullying* tradicional revela que existem também diferenças quanto à idade. O *cyberbullying* atinge o auge no ensino básico e sofre um declínio com a transição para o ensino secundário. Geralmente, os alunos do 6ºano (11 anos) são aqueles que constituem a maior parte das vítimas, enquanto os alunos do 8ºano (13/14 anos) constituem grande parte dos *cyberbullies* (Beale & Hall, 2007)<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Amado et al. 2009

<sup>16</sup> Citados em Wright, Vivian H.; Burnham, Joy J.; Inman, Christopher T.; Ogorchock, Heather N., 2009 e Kowalski, Robin; Limber, Susan P.; Agatston, Patricia W., 2008

<sup>17</sup> Citados em Wright, Vivian H.; Burnham, Joy J.; Inman, Christopher T.; Ogorchock, Heather N., 2009

## 2. Quando surge em Portugal?

Marie-France Hirigoyen, psiquiatra e psicanalista francesa, salienta, numa entrevista dada à revista VISÃO (edição nº. 888), que os primeiros estudos sobre violência no contexto escolar datam de 1857, em Inglaterra, numa escola de rãguebi. Quanto ao *cyberbullying*, este surgiu em Portugal, de acordo com Baltazar Rodrigues (Divisão de Combate ao Crime Informático, PJ de Lisboa), no princípio dos anos 90, quando a Internet chegou ao país – “(...) primeiro na forma de posts mal intencionados em facilidades como news groups, ou através de anúncios ilegais em páginas publicitárias livres, através da criação ou usurpação de endereços de correio electrónico alheios e só mais tarde através da divulgação ilícita de vídeos ou mesmo através da utilização perversa das facilidades da web2 (redes sociais, blogs, etc.)”. Por seu lado, Ana Tomás de Almeida, psicóloga e professora na Universidade do Minho, em entrevista à TSF em 2010, refere que “o *cyberbullying* tal como o fenómeno que acaba por afectar crianças e jovens é um fenómeno recentemente estudado, que acaba por chamar a atenção dos investigadores e depois do público em geral a partir dos inícios do ano 2000, mas de facto os primeiros estudos nacionais e depois internacionais, 2003/2004 e mais recentemente nestes últimos anos”.<sup>18</sup>

Têm sido vários os casos de *bullying* que se têm tornado públicos no nosso país, principalmente em 2010. De acordo com a revista VISÃO (edição 888), o “(...) *bullying* envolve, no país, uma em cada quatro crianças (40% a 42% são vítimas ou agressores). Segundo o *Health Behaviour in School* (...) 20,6% dos alunos portugueses do 2.º e 3.º ciclos, com idades entre os 11 e os 15 anos, estiveram envolvidos, com regularidade, em episódios de *bullying*, em 2006”. O suicídio de Leandro (12 anos), em 2010, foi tido como o primeiro caso de *bullying* a provocar o suicídio de uma criança, em Portugal. No entanto, existem versões que defendem o contrário.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> [Http://tsf.sapo.pt/Programas/BlogsMaisCedo.aspx?content\\_id=1016877&audio\\_id=1562746](http://tsf.sapo.pt/Programas/BlogsMaisCedo.aspx?content_id=1016877&audio_id=1562746)

<sup>19</sup> Não existem certezas ou bases que permitam afirmar que o suicídio de Leandro (12 anos), em 2010, tenha sido provocado por uma situação de *bullying* no contexto escolar. São vários os testemunhos e versões que dizem que a criança era vítima de maus-tratos contínuos por parte dos colegas e que foi essa a razão para que Leandro se tenha atirado ao Rio Tua em Março do passado ano. No entanto, são vários os especialistas, como Daniel Sampaio, psiquiatra, que defendem que o suicídio de Leandro não se deveu ao *bullying*, uma vez que o suicídio devido a situações de *bullying* por crianças com menos de 15 anos é bastante raro ([Http://diariodebraganca.blogs.sapo.pt/241855.html](http://diariodebraganca.blogs.sapo.pt/241855.html))

Ainda de acordo com a edição 888 da revista VISÃO, “no relatório de 2009, a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa dá conta de 145 inquéritos instaurados pelo Ministério Público a casos de violência, sem os diferenciar. O subcomissário António Afonso, 41 anos, da divisão da PSP que engloba o Programa Escola Segura diz que, no último ano lectivo [2009] as práticas de bullying «aumentaram 3% em relação ao ano anterior».

Foram já lançadas várias campanhas em Portugal. Em 2008, a Associação de Mulheres Contra a Violência deu início a uma campanha intitulada “Stop Bullying” em vários suportes mediáticos. Ainda no mesmo ano, o Governo lançou o projecto “Dadus” que teve como principal objectivo a sensibilização dos alunos do 2º. e 3º. ciclos para a não exposição de informação pessoal em espaços da Internet, bem como a importância da privacidade de dados e os problemas correspondentes à grande exposição *online*. Também a Associação Nacional de Professores (ANP) criou, em 2008, uma linha de apoio a casos de *bullying* e *cyberbullying*<sup>20</sup>.

### 3. Diferenças e semelhanças com o *bullying* tradicional

Por ser praticado através do ciberespaço ou do telemóvel, o *cyberbullying* coloca questões e desafios que o *bullying* face-a-face não implica. Porém, tal como o *bullying* tradicional, também o *cyberbullying* é sobre relações, poder e controlo (Belsey, 2006)<sup>21</sup>. Existem várias semelhanças entre ambos, como a assimetria de poder, hostilidade, premeditação e passividade na aceitação do acto, mas são as diferenças que mais se destacam. Segundo Shariff<sup>22</sup>, existem três questões particulares colocadas pelo *cyberbullying*: 1) o anonimato, que implica uma maior desinibição da parte dos *cyberbullies*, levando-os a serem mais agressivos do que aquilo que realmente são por saberem que dificilmente serão descobertos e punidos, sendo que o anonimato também encoraja os mais fracos a praticarem *cyberbullying*; 2) maior número de testemunhas/espectadores e, finalmente, 3) maior probabilidade de assédio sexual. O autor considera também que, questões deste género irão aumentar não só com a existência e o regular acesso a redes sociais virtuais, mas também com a utilização de

---

<sup>20</sup> [Http://alertabullying.blogspot.com/2008/05/nova-linha-telefonica-vai-apoiar-vitimas.html](http://alertabullying.blogspot.com/2008/05/nova-linha-telefonica-vai-apoiar-vitimas.html)

<sup>21</sup> Belsey, Bill (2006). *Cyberbullying: An Emerging Threat to the “Always On” Generation*.

<sup>22</sup> Citado em Wright, V.; et al., 2009

*chats*, como o *Messenger* ou os *chats* que as próprias redes sociais disponibilizam aos seus utilizadores, como é o caso do *Facebook* (Shariff, 2005).

Deste modo, pode ser mais difícil conseguir escapar a uma situação de *cyberbullying*, por implicar uma maior velocidade na difusão da mensagem ou do vídeo e por não existirem limites temporais e espaciais - as vítimas de *cyberbullying* não se sentem protegidas em casa, por ser em casa que estas situações mais têm lugar<sup>23</sup> (Cross et al., 2009)<sup>24</sup>, aumentando, assim, as percepções de vulnerabilidade das crianças. Outras diferenças apontadas entre os dois tipos de *bullying* são: a falta de *feedback* verbal e não verbal imediato, o que reduz a falta de empatia para com a vítima e o sentimento de culpa e de remorso, o que facilita a repetição do fenómeno; aqueles que foram vítimas de *bullying* face-a-face ou de *cyberbullying* encontram nas novas tecnologias um modo de retaliação, por ser menos perigoso do que uma retaliação face-a-face, dando continuidade à situação (Smith et al., 2008)<sup>25</sup>; podem existir várias faixas etárias envolvidas num acto de *cyberbullying*, enquanto o *bullying* face-a-face se desenrola entre pares e as vítimas de *cyberbullying* têm mais dificuldades em contar a um adulto por não existirem marcas físicas que denunciem a situação e por recearem que lhes seja retirado o computador (McGrath, 2009) e por se sentirem humilhados e envergonhados (Campbell, 2007). Existe ainda a crença de que os adultos não conseguem resolver o problema; não irão acreditar se lhes contarem que estão a ser vítimas de *cyberbullying* ou, se lhes contarem o que está a acontecer, os adultos não vão dar importância à situação (Campbell, 2007).

De acordo com o relatório do Eurobarómetro – “Safer Internet for Children. Qualitative study in 29 European countries” (2007), são as crianças mais novas que mais são afectadas pelo *cyberbullying*, pois têm dificuldades em lidar e resolver a situação. Por seu lado, os jovens (a partir dos 12 anos) adoptam a estratégia de resolver o que está a acontecer, partilhando a situação, por vezes, com um amigo ou irmão mais velho, dando forma a uma espécie de conspiração de silêncio ou um desejo de manter o assunto só entre eles. Ao tentarem resolver a situação eles mesmos, estas crianças respondem ao *cyberbullying* também com ameaças; ignoram e não respondem, principalmente as raparigas; bloqueiam o seu e-mail no *Messenger* ou mudam de e-

---

<sup>23</sup> Um estudo realizado em Londres, em 2006, revelou que 11% dos participantes era vítima de *cyberbullying* em casa, 3% era vítima de *cyberbullying* dentro da escola, enquanto 3% era vítima de *cyberbullying* dentro e fora da escola ([Http://www.observatorioperu.com/lecturas/ciberacoso\\_pSmith.pdf](http://www.observatorioperu.com/lecturas/ciberacoso_pSmith.pdf))

<sup>24</sup> Citados em McGrath, 2009

<sup>25</sup> Ibidem

mail/número de telefone. É mais fácil praticar *cyberbullying* contra alguém conhecido (Vandebosch e Van Cleemput, 2008<sup>26</sup> e Campbell, 2007), o que leva algumas crianças mais velhas a confrontarem o *cyberbully* (Eurobarómetro, 2007).

Kowalski, Limber e Agatston (2008) identificam diferenças entre o *cyberbullying* e o *bullying* tradicional. No *cyberbullying*, os agressores (*cyberbullies*) não são necessariamente mais fortes que as suas vítimas, ao contrário do que se verifica no *bullying*. “Assim, contrariamente ao que acontece no primeiro [*bullying* tradicional], em que são os mais fortes que violentam os mais fracos, no *cyberbullying* mesmo os mais fracos, protegidos pelo referido anonimato, podem exercer o mesmo tipo de violência” (Matos, Armanda; Pessoa, Teresa; Amado, João e Jäger, Thomas, 2009). Os *cyberbullies* transformam-se em agressores devido ao anonimato da Internet, sendo que é esta possibilidade de o agressor estar ausente e anónimo que distingue as duas formas de *bullying*. Os *cyberbullies*, à semelhança dos agressores do *bullying* face-a-face, também se transformam, frequentemente, em adultos com relações instáveis; grande consumo de álcool e personalidade instável (Sullivan, 2000)<sup>27</sup>. De salientar ainda o facto de os *cyberbullies* não terem um conhecimento imediato dos danos que causaram, minimizando eventuais sentimentos de remorso ou empatia para com a vítima, o que serve para aumentar a intensidade dos ataques e ter uma maior duração do que o *bullying* face-a-face (Campbell, 2007). Em segundo lugar, o comportamento dos *cyberbullies* não precisa de ser repetitivo e contínuo para ter o efeito desejado na vítima, pois a publicação *online* de falsas informações uma única vez serve para que a mesma seja divulgada com grande rapidez. Em terceiro lugar, no *cyberbullying*, a mensagem é escrita e enviada numa única direcção: do agressor para a vítima. Finalmente, os envolvidos estão fisicamente separados e a comunicação pode não ser em tempo real, como no *bullying* tradicional.

Por outro lado, existem algumas semelhanças entre os dois fenómenos. Segundo Ponte e Cardoso (2009), em ambas as situações existe continuidade, bem como a repetição ou registos do acto. Também o *cyberbullying* pode causar danos psicológicos de longa duração nas vítimas, que pode variar entre introversão, baixa auto-estima, sentimentos de pânico e insegurança, angústia, depressão, insucesso escolar ou, em última instância, o suicídio. O silêncio das vítimas revela-se como um obstáculo para

---

<sup>26</sup> Citados em McGrath, 2009

<sup>27</sup> Citado em Campbell, Marilyn A. (2007). *Cyberbullying and young people: Treatment principles not simplistic advice*

que estas sejam ajudadas. Revelam impaciência, alterações de humor e dos hábitos de alimentação; dificuldades em adormecer e dores de barriga ou de cabeça; relutância em ir à escola e alterações na utilização da Internet ou de outro tipo de tecnologias (Varela, L. et al (s/d).

No entanto, permanece a incerteza se estes sintomas são antecedentes ou consequências do *cyberbullying* e estudos (Hodges & Perry, 1999; Roland, 2002)<sup>28</sup> apontam nas duas direcções.

#### **4. Prevalência do *cyberbullying* no mundo. O que tem sido estudado?**

Estudos (Demetrovics et al., 2008)<sup>29</sup> revelaram que o uso intensivo e exagerado da Internet está associado a problemas psicológicos e de conduta, provocando uma deficiência na comunicação familiar e na relação com os pares. O comportamento aditivo em relação ao ciberespaço está associado à introversão, baixa auto-estima e à timidez nas relações face-a-face. É ainda importante mencionar, neste contexto de adição à Internet, o massacre de Columbine, também referido por Belsey (2006)<sup>30</sup>. A criação de *sites*, onde colecionavam *slogans* neonazistas e escreviam todos os seus pensamentos, foi a forma encontrada pelos responsáveis pelo massacre de Columbine, em 1999, para se expressarem. Eric Harris (18 anos) e Dylan Klebold (17 anos) eram gozados pelos colegas atletas, não eram alunos populares e era na Internet que encontravam um meio de expressar o ódio que sentiam, enquanto traçavam planos de vingança. Com problemas psicológicos graves e a atravessar depressões, os responsáveis pelo massacre não eram pessoas solitárias. Segundo a co-autora do livro “*Rampage: The Social Roots of School Shootings*” (2004), Katherine Newman, Harris e Klebold simplesmente não eram aceites por aqueles que desejavam que os aceitassem, como por exemplo os colegas que participavam nas provas e equipas de desporto, bastante populares no contexto escolar.

---

<sup>28</sup> Ibidem

<sup>29</sup> Citados em Amado, João; Matos, Armanda; Pessoa, Teresa; Jäger, Thomas (2009) *Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação*

<sup>30</sup> Belsey, Bill (2006). *Cyberbullying: An Emerging Threat to the “Always On” Generation*.

Segundo Neves e Pinheiro (2009) e Pinheiro (2009)<sup>31</sup>, existem dois tipos de *cyberbullies*: os acidentais e os adictos. Os *cyberbullies* acidentais não têm noção dos danos que os seus actos causam à vítima. A intenção de gozar com a vítima é, neste caso, passageira. Os casos de vingança por fim de namoro são um bom exemplo. Relativamente aos *cyberbullies* adictos, estes agem por prazer, revelando um distúrbio psicológico de adição à Internet, que pode contribuir para o surgimento e continuação de uma situação de *cyberbullying*. Os *cyberbullies* adictos podem ter começado a praticar *cyberbullying* por acaso, dando continuidade a esta prática por terem experienciado na altura uma sensação agradável. O *cyberbullying* torna-se, assim, um vício. Segundo Neves (2008), os *cyberbullies* adictos percorrem páginas pessoais, escolhem uma vítima e perseguem-na, procurando não o prazer físico, mas sim o prazer psicológico e uma sensação de poder e controlo.

No entanto, esta nova forma de *bullying* possui contornos que levam a considerá-lo um problema ainda mais grave que o tradicional *bullying* face-a-face, relativamente à saúde e ao bem-estar das vítimas (Willard, 2005)<sup>32</sup>. Com a possibilidade de rápida difusão que as novas tecnologias oferecem, o *cyberbullying* transcende as fronteiras do espaço pessoal e físico. O importante não é o uso da força física, mas sim o uso que um ou mais utilizadores dão à Internet ou a outra forma de tecnologia, através da qual seja possível ‘praticar’ *cyberbullying*. Deste modo, são acrescentadas novas facetas ao perfil dos *cyberbullies*, mas também ao perfil das vítimas, amplificando as consequências (Willard, 2005), uma vez que as agressões podem repetir-se devido à facilidade de difusão e contando com a prevalência no tempo permitida pelas novas tecnologias. Exemplo disso é um e-mail que pode ser reenviado sucessivamente ou a publicação de uma mensagem e/ou imagem que pode ser copiada, dando lugar a consequências contínuas e repetitivas que permanecem na Web por tempo indeterminado. Também o facto de poder ser levado a cabo em qualquer lugar provoca diferentes sentimentos na vítima, que deixa de se sentir segura em casa, provocando constantes ataques de pânico e insegurança. Assim, as interacções que ocorrem na realidade virtual podem afectar a realidade diária que as crianças experienciam noutros locais.

---

<sup>31</sup> Citados em Amado, João; Matos, Armanda; Pessoa, Teresa; Jäger, Thomas (2009) *Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação*

<sup>32</sup> Citado em Matos, Armanda; Pessoa, Teresa; Amado, João e Jäger, Thomas, s/data

Um estudo efectuado numa escola dos Estados Unidos revelou que 45.6% dos alunos afirmaram que nunca tiveram conhecimento de uma situação de *cyberbullying*; 29.8% confessou já ter sido vítima de *cyberbullying*; 14.9% admitiu já ter sido *cyberbully* e 4.4% dos alunos dizem que foram vítimas de *cyberbullying* na escola. Também o género foi examinado: 36% dos rapazes e 25% das raparigas já foram vítimas de *cyberbullying*; enquanto 16% dos rapazes e 14.1% das raparigas admitiram já terem sido *cyberbullies*. Quanto às formas mais populares de *cyberbullying*, 53% das vítimas dizem que o *cyberbullying* ocorreu através do *MySpace* e 70.6% daqueles que admitiram ser *cyberbullies* admitiram tê-lo feito através do *MySpace* ou do telemóvel (Wright, V. et al., 2009).

Em 2003, em Inglaterra, um grupo de investigadores decidiu estudar este fenómeno, para tentar perceber o perigo que representa<sup>33</sup>. Foi criado um perfil totalmente fictício e durante duas semanas, “Sydney” (14 anos) frequentou salas de *chats*. No entanto, “Sydney” teria de seguir algumas regras: iria visitar salas de *chat* de forma inocente, sem abordar nenhum dos outros utilizadores, sem encorajar nem demonstrar interesse sexual e agiria sem compromissos, actuando de forma passiva. Durante as duas semanas de investigação, “Sydney” foi abordada por 30 homens e por um casal de meia-idade que pretendia um encontro de cariz sexual com uma criança. Houve um homem em particular que enviou mensagens todos os dias durante as duas semanas de investigação; tentou convencer “Sydney” a encontrar-se com ele; colocou questões sobre a sua experiência sexual, mesmo sabendo que estava a conversar com uma (suposta) criança de 14 anos; disse-lhe para não contar a ninguém que falava com ele e que devia apagar o registo da conversa. Após contactar a polícia de Sussex, a equipa de investigadores concordou em marcar um encontro com o homem, que acabou por ser preso pela polícia de Sussex, sendo mais tarde libertado por não existirem acusações.

Segundo um estudo levado a cabo pelo National Children’s Home in Great Britain (2005), 16% dos participantes foram alvo de *bullying* através de mensagens de telemóvel, 7% através de salas de conversação via Internet e 4% através do e-mail.

De acordo com Łukasz Wojtasik (2007), o *cyberbullying* é já um problema que afecta também a Polónia. Foram entrevistados jovens dos 12 aos 17 anos. 52% dos entrevistados afirmam já ter tido contacto com agressões verbais através da Internet ou

---

<sup>33</sup> [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/2733989.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/2733989.stm)



do telemóvel; 47% dos participantes diz já ter sido insultado chamando-lhes nomes pela Internet; 21% admite já ter sido humilhado ou ridicularizado e 16% dos participantes foram chantageados através da Internet. Mais de metade dos inquiridos (57%) afirmam terem sido filmados ou fotografados pelo menos uma vez contra a sua vontade ou com o seu desconhecimento e 14% dos jovens dizem ter sido divulgado material embaraçoso sobre eles na Internet.

Em 2008, foi realizado um estudo na República Checa, no âmbito do Projecto *Internet World*, com jovens de 12 anos ou mais. Foi demonstrado que 2,4% dos participantes foi vítima de *cyberbullying* várias vezes no último mês; 14,1% admitiu já ter sido *cyberbully*; 9,7% relatou ter sido vítima de *cyberbullying* às vezes; 4,4% afirmou ter sido vítima e agressor e 0,9% diz ser *cyberbully*. Este estudo provou que o *cyberbullying* também afecta adultos, mas não com tanta frequência como afecta os adolescentes. A faixa etária de 36-49 anos já experimentou o papel de vítima tão frequentemente como foram *cyberbullies*; enquanto as pessoas com mais de 50 anos experienciam principalmente o papel de vítimas.

Também em 2008, foi desenvolvida uma pesquisa na Bulgária, no âmbito do Projecto “Real and Virtual Violence: Prevention through interactive education”, com jovens entre os 12 e os 17 anos. 22,6% das crianças/jovens entrevistados admitiu ter participado em algum tipo de violência através da Internet nos últimos quatro meses e 14,9% participou num acto de violência através do telemóvel. 16,7% admitiu ser *cyberbully*; 18,8% identificam-se como sendo vítimas; cerca de 60% diz ter testemunhado violência através da Internet e 27,4% testemunhou violência através do telemóvel. Enquanto 66,7% acredita estar protegido da violência *online*, 54,8% confessa que a Internet é perigosa e 58,9% dos participantes dizem sentir-se seguros na Internet (Georgi Apostolov, 2008).

Apesar de o *cyberbullying* não ser um fenómeno específico de um determinado país, como os resultados acima apresentados evidenciam, os dados variam bastante de país para país. Segundo Campbell (2007), no Canadá, 24,9% admitiram ser vítimas de *cyberbullying*, contrastando com apenas 14% na Austrália e 7% na América do Norte. Em 2002, existiam cerca de 25% de jovens americanos que disseram ser vítimas de *cyberbullying*. Em 2005, a prática deste fenómeno parece ter aumentado ao apurar-se que 35% dos sondados confessaram serem vítimas de *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é um fenómeno que envolve, principalmente, adolescentes, uma vez que as crianças não usam as novas tecnologias com tanta frequência (Rigby, 1997; Rigby & Slee, 1991)<sup>34</sup>, mas também os adultos podem ser vítimas de *cyberbullying*. E, desta forma, o fenómeno ganha a designação de *cyber-harrassment* (assédio cibernético) ou *cyberstalking* (perseguição cibernética), tendo, contudo, as mesmas características.

No artigo “*Cyberbullying: The new face of workplace bullying?*” (2009), Privitera e Campbell dizem existir situações de *bullying* também no local de trabalho entre colegas. Assédio moral no trabalho implica uma desigualdade de poder, em que o mais fraco, ou o novo membro, é intimidado/humilhado e o seu trabalho prejudicado. *Bullying* no local de trabalho pode provocar ansiedade, recusa em ir trabalhar, problemas psicológicos e até ameaças ao bem-estar emocional da vítima, bem como dificuldades na relação com os pares ou com a família. Também as testemunhas/espectadores sofrem consequências, que passam por ameaças ao bem-estar psicológico, baixa satisfação no emprego e queda do número de relações com os colegas de trabalho. A eficiência, empreendedorismo e rentabilidade das vítimas e testemunhas são também afectados.

O *bullying* no local de trabalho pode manifestar-se através de gritos para com a vítima; humilhações; opiniões ignoradas; repetidos avisos de erros; vigilância excessiva de trabalho e críticas ou até de comentários e publicações na Internet. De acordo com um estudo realizado pelo *The Negative Acts Questionnaire-Revised (NAQ-R)*, na Austrália, a trabalhadores do sexo masculino, 89,3% dizem ter experienciado pelo menos uma vez um acto negativo através de e-mail, SMS ou telefonema, nos últimos seis meses. Além disso, cerca de 25,2% dos entrevistados confessaram exposição semanal a vários actos negativos.

Segundo o artigo “*Cyberbullying: An Emerging Threat to the “Always On” Generation*”, de Bill Belsey, o *cyberbullying* é considerado crime no Canadá. De acordo com o Código Penal do Canadá, é considerado um acto criminoso a repetição de uma comunicação de forma contínua que faça com que alguém tema pela sua segurança, bem como a publicação de uma mensagem de ódio que difame alguém ou que o ridicularize. Um *cyberbully* também desrespeita a Lei dos Direitos Humanos do Canadá,

---

<sup>34</sup> Citados em Campbell, Marilyn A. (2007) *Cyberbullying and young people: Treatment principles not simplistic advice*

se publicar mensagens de ódio ou de discriminação com base na raça, etnia, cor, religião, sexo, orientação sexual, situação familiar ou deficiência.

De acordo com a especialista Christine Suniti Bhat, da Universidade do Ohio, existe, de forma inequívoca, uma grande diferença geracional relativamente ao uso do computador e da Internet. Os mais velhos utilizam a Internet para pagar contas e trabalhar, enquanto os mais novos vêem na Internet um espaço para manter e desenvolver relações: é na Internet que os mais novos socializam<sup>35</sup>.

Por seu lado, Margarida Gaspar de Matos diz que a Internet surge como uma espécie de amigo que não questiona e que está sempre presente. No entanto, existem factores que tornam possível uma situação de *cyberbullying*: *“Por trás deste anonimato, que permite a cada um forjar a imagem que quiser, é fácil alguém passar pelo amigo e confidente e desaparecer, passar por amigo e confidente e usar informações ou imagens privadas para perseguir, passar por amigo e confidente e depois ameaçar, ou até passar directamente para a ameaça sem a fase da vinculação”*, acrescentando que *“os adolescentes vinculam-se e depois ficam num processo de luto ou de medo e sozinhos porque não sabem com quem falar. Por medo de represálias, por medo de serem repreendidos, por medo do ridículo. O mau-estar pessoal e social associado a este fenómeno é considerável, chegando mesmo a ocasionar problemas de saúde física e mental e em casos extremos violência chegando ao suicídio”*<sup>36</sup>.

Em 2009, um estudo da Microsoft revelou que os portugueses são os que mais estão ligados à Internet de forma permanente: um em cada cinco portugueses passa uma média de cinco horas diárias a navegar no ciberespaço. Concluiu-se também que a população portuguesa é a mais preocupada com as ameaças à segurança *online*, sendo esta a razão pela qual alguns utilizadores não exploram de forma mais intensiva os serviços oferecidos pela Internet<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> [Http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond\\_the\\_Schoolyard\\_Nov\\_26\\_2007.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond_the_Schoolyard_Nov_26_2007.pdf)

<sup>36</sup> [Http://www.educare.pt/educare/Actualidade/Noticia.aspx?contentid=45F563C7EFA931C9E04400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0](http://www.educare.pt/educare/Actualidade/Noticia.aspx?contentid=45F563C7EFA931C9E04400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0)

<sup>37</sup> [Http://www.microsoft.com/portugal/presspass/press/2009/mai09/05-14ie8.msp](http://www.microsoft.com/portugal/presspass/press/2009/mai09/05-14ie8.msp)

## 5. Investigação em Portugal

Apesar de em Portugal existirem já vários estudos sobre o *bullying* tradicional, o mesmo não se passa com o *cyberbullying* (Amado, J. et al., 2009).

*Cyberbullying: Um novo campo de investigação e de formação* (2009) dá conta de um questionário que foi respondido por 43 formadores de diferentes países, no qual os sujeitos respondentes eram na sua maioria do sexo feminino (65.1%) e portugueses (48.8%), havendo também resposta de países como a Irlanda e Espanha e, em percentagens mais pequenas, também da Bulgária, Brasil, Alemanha, Itália, França e EUA. Concluiu-se que alguns respondentes têm conhecimento de que o *cyberbullying* possui várias características próprias<sup>38</sup>, mas que existem aspectos que o aproximam do *bullying* directo (desigualdade de poder, premeditação, hostilidade, passividade). Apenas cinco participantes mencionaram as consequências do *cyberbullying* e seis falam especificamente em crianças ou em pares como os mais afectados ou como potenciais vítimas.

Segundo Ponte e Simões (s/d)<sup>39</sup>, a principal preocupação dos pais portugueses relativamente à Internet é que os seus filhos sejam vítimas de *cyber crimes*, seguindo-se o acesso a conteúdos de cariz sexuais/imagens violentas; ser vítima de *cyberbullying* através da Internet e do telemóvel; obter informação sobre como causar danos a si próprios ou suicídio; dar informação pessoal na Internet e, finalmente, poder isolar-se das outras pessoas se passar demasiado tempo *online*.

Em 2009, o Kids Help Phone realizou 3000 inquéritos a adolescentes entre os 13 e os 15 anos e chegou a algumas conclusões: mais de 70% dos 3000 inquiridos já foram vítimas de *cyberbullying* e 44% destes 70% já foi vítima de *cyberbullying* mais do que uma vez<sup>40</sup>.

Em Junho de 2009, a socióloga Luzia de Oliveira Pinheiro, apresentou à Universidade do Minho a sua tese de mestrado intitulada “*Cyberbullying em Portugal:*

---

<sup>38</sup> O anonimato e a ausência física do *cyberbully* é apenas referida por dois respondentes. Apenas um respondente referiu que o anonimato faz com que a desigualdade de poder seja diferente no *cyberbullying*, em comparação com o *bullying* tradicional, uma vez que o agressor está, neste caso, presente fisicamente e não é um agressor anónimo.

<sup>39</sup> <http://www.lse.ac.uk/collections/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I/Conference%20Papers%20and%20abstracts/Victims%20and%20Perpetrators/Ponte.pdf>

<sup>40</sup> <http://cyberbullyingspyware.blogs.sapo.pt/1107.html>

*uma perspectiva sociológica*”, onde fez um estudo sociológico sobre este fenómeno entre os jovens universitários portugueses ao analisar o seu comportamento face ao *cyberbullying*, em termos de atitude, informação e crenças. Luzia Pinheiro dedicou-se também ao estudo do fenómeno recorrendo a abordagens inspiradas na psicologia social e na sociologia da comunicação.

A socióloga destaca três conceitos: o conceito de self; a formação de impressões e o estereótipo. O *cyberbullying* é um fenómeno que interfere com a vida social dos vitimizados, mas também afecta o indivíduo em si. A formação de impressões é também relevante. Para se ter boa ou má impressão de alguém basta um “ouvi dizer”, não sendo necessária a recolha de muita informação sobre essa pessoa. Assim, uma página na Internet com informações falsas é o suficiente para formar uma opinião (errada!) sobre alguém. Deste modo, segundo Luzia Pinheiro, “(...) *a inclusão de certos indivíduos em certos estereótipos, por meio da prática de cyberbullying, irá fazer com que a identidade social dessa pessoa sofra alterações, por vezes de carácter negativo, o que irá reflectir-se na vida social da pessoa em causa*”.

Outra conclusão da tese de mestrado da socióloga consiste na crença de que o *cyberbullying* é muitas vezes praticado como forma de divertimento para o *cyberbully*. Este fenómeno pode basear-se numa forma de vingança, mas pode também ser um meio de divertimento e prazer. No entanto, o carácter lúdico que o *cyberbullying* envolve é apenas desfrutado pelo *cyberbully* e por todos aqueles que contribuem para a continuação desta prática. Quanto à vítima, esta não sente qualquer divertimento: “*Ao perder-se o carácter lúdico, o desenvolvimento do processo comunicacional, o evoluir da capacidade de relacionamento social e cognitivo são interrompidos, provocando consequências desastrosas na vítima*” (Pinheiro, 2009). Ao manipular e alterar a imagem da vítima, o *cyberbully* provoca uma alteração do comportamento da vítima e no seu bem-estar psicológico, o que prova a não existência de qualquer relacionamento social.

Luzia Pinheiro realizou inquéritos em várias cidades portuguesas, tendo um total de 43 indivíduos (12 - 34 anos). A maioria dos inquiridos revelou que nunca foi vítima de *cyberbullying* (26%). Aqueles que confessaram já terem sido vítimas, afirmaram que foi através de insultos (18%), seguido de troca de identidades (15%) e comentários maldosos em relação a fotografias (13%).

Os participantes foram ainda interrogados sobre o seu papel como possíveis agressores, pois aqueles que confessaram terem sido vítimas de *cyberbullying* podem ter sentido vontade de se vingar, o que se traduz numa inversão de papéis. A maioria admite ter insultado as vítimas (35%), seguindo-se as ameaças (25%) e o acto de amedrontar (15%). 15% admitem nunca terem sido *cyberbullies*, mas não descartam a hipótese de o virem a ser. Quando confrontados com uma possível situação em que testemunhassem um acto de *cyberbullying*, 17% afirmam tentar que o agressor parasse com a agressão, enquanto 6% admitem que não faziam nada, mas que iriam acompanhar o desenrolar do caso.

Finalmente, o inquérito que Luzia Pinheiro realizou, questionava os inquiridos sobre o motivo pelo qual praticam *cyberbullying*. A convicção de não serem detectados é o factor de eleição da grande maioria (26%), seguindo-se o facto de o *cyberbullying* ser uma forma fácil de se vingar de alguém (24%) e o anonimato de que desfrutam os *cyberbullies* (23%).

Em Outubro de 2009, Mariana Campos, sob a orientação da professora doutora Susana Carvalhosa, apresentou a sua tese de mestrado ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE - Lisboa), com o título “*O cyberbullying. Natureza e ocorrência em contexto português*” e que teve como principais objectivos “(...) caracterizar e descrever a natureza e incidência do *cyberbullying*, correlacionando-o com o *bullying*, o suporte social, o tempo dispendido com as tecnologias de informação e comunicação, o conhecimento e utilização de estratégias de segurança online (...) É também pretensão do estudo saber se existem diferenças quanto ao género, idade, ano de escolaridade e média escolar dos participantes na incidência do fenómeno.” (Campos, 2009).

Como método, Mariana Campos optou por utilizar um questionário *online*, na plataforma e-Surveys Pro, e que foi enviado por e-mail a alunos do 5.º ao 12.º ano, de escolas de vários distritos de Portugal, e com idades compreendidas entre os 10 e os 26 anos.

Ao questionar 115 alunos, foi possível concluir que “(...) 8,7% dos indivíduos são *cybervítimas* e 6,1% *cyberbullies*. Verificamos que existe uma correlação entre *cyberbullying* e *bullying*, assim como ser-se *cyberbully* e *bully* ou *cybervítima* e vítima de *bullying*. As vítimas de *cyberbullying* têm um suporte mais elevado entre os colegas e os *cyberbullies* entre os amigos. Os agressores online dispendem mais tempo com as

*tecnologias e conhecem e utilizam mais estratégias de segurança. Não se verificaram contudo diferenças entre os casos de cyberbullying e o sexo dos participantes”* (Campos, 2009).

Uma das preocupações da tese de Mariana Campos foi descobrir se as vítimas de *cyberbullying* partilham com os adultos estes episódios de violência. Foi possível verificar que 8 em cada 10 (77,6%) participantes acredita que os adultos tentam pôr fim a uma situação de *cyberbullying* quando têm conhecimento do que se passa; mas por outro lado, 7 em cada 10 (65,9%) não revelou a ninguém que estava a ser alvo de violência no ciberespaço ou através de outra tecnologia. 34,6% das vítimas confessou que não sabia a identidade do agressor, enquanto 57,7% dos *cyberbullies* revela que ninguém impediu a situação.

O tempo dedicado às novas tecnologias revelou-se um factor determinante para situações de *cyberbullying*. Concluiu-se que as raparigas gastam mais tempo com o telemóvel (37,9% gasta 5 horas ou mais por dia), contrastando com os 37,9% que diz usar a Internet durante 1 a 3 horas; enquanto são os rapazes que dispendem mais tempo com a Internet (40,5% gasta entre 3 a 5 horas diárias com a Internet), enquanto 29,7% diz utilizar o telemóvel menos de 1 hora. Este facto contraria a opinião dos especialistas que defendem que são as raparigas que se envolvem mais em situações de *bullying* indirecto, principalmente no *cyberbullying*.

As vítimas de *cyberbullying* afirmam que o meio mais utilizado pelos seus agressores foi o telemóvel (17,4%), enquanto 10,4% dos *cyberbullies* confirma esta teoria. Aqueles que conhecem alguém que já foi ou é vítima de *cyberbullying* (*cyberbystanders*) dizem que os meios de perseguição mais comuns são o telemóvel e o MSN (9,6%).

Já em 2010, a rede EU Kids Online conduziu uma pesquisa cujo objectivo foi investigar riscos *online*, como a pornografia, o *bullying* através da Internet, receber mensagens de cariz sexual, o contacto com pessoas desconhecidas, encontros com pessoas que se conheceu através da Internet, conteúdos potencialmente nocivos criados por utilizadores e abuso de dados pessoais.

Foram entrevistadas mais de 25 mil crianças e jovens (9 – 16 anos) na Primavera/Verão de 2010 em 25 países europeus.

Verificou-se que as crianças navegam pelo ciberespaço cada vez mais novas e que a Internet é já parte integrante da vida das crianças e jovens entrevistados: cerca de 93% está *online* pelo menos uma vez por semana e 60% acede todos os dias ou quase todos os dias.

As redes sociais parecem ser populares entre os participantes: 59% tem um perfil numa rede social e cerca de 26% tem um perfil público, ao qual todas as pessoas podem aceder.

Receber mensagens de cariz sexual *online* parece ser mais frequente do que ser vítima de *bullying online*. Uma em cada oito crianças diz já ter recebido mensagens de cariz sexual e apenas uma em cada vinte assinala já ter sido *cybervítima*. Ainda assim, 6% já recebeu mensagens desagradáveis e 3% já enviou esse tipo de mensagens a outras pessoas. A maioria das *cybervítimas* contou a alguém o que se tinha passado.

14% assinalaram ter visto, nos últimos 12 meses, imagens *online* de cariz sexual e a grande maioria partilhou essa experiência com outra pessoa. Os mais novos são aqueles que se sentem mais incomodados com essas imagens.

15% dos jovens de 11 a 16 anos dizem já ter recebido de amigos conteúdos de cariz sexual e 3% assinalam já ter enviado ou publicado *online* conteúdos do mesmo tipo.

O contacto e os encontros com pessoas que se conhece através do ciberespaço parecem ganhar contornos. 30% das crianças europeias, dos 9 aos 16 anos, já falaram com alguém que não conhecem pessoalmente e 9% já se encontraram com pessoas que conheceram através da Internet.

7% das crianças dizem ter sido vítimas de usos indevidos da sua *password*, 4% da sua informação pessoal e 1% de fraudes monetárias.

Nesta pesquisa verificou-se que existe um elevado nível de desconhecimento dos pais: “40% dos pais cujos filhos já viram imagens sexuais *online* afirmam que eles não as viram; 56% dos pais cujos filhos receberam mensagens desagradáveis ou prejudiciais *online* respondem que eles não as receberam; 52% dos pais de crianças que receberam mensagens sexuais declaram que elas não as receberam; 61% dos pais cujas crianças se encontraram *offline* com um contacto *online* desconhecem esse facto”. Por outro lado, “a maioria dos pais declara falar com os filhos sobre o que estes fazem na internet (70%) e ficar por perto quando a criança está a utilizar a internet (58%)”.



Mas não é aos pais que as crianças e jovens recorrem quando têm algum problema com a Internet. 44% declaram ter recebido orientações sobre uma navegação segura dos seus amigos e 35% assinalam ter dado conselhos a amigos sobre uma boa utilização da Internet. Em relação a fontes de conselhos de segurança *online*, e estabelecendo uma comparação entre os países envolvidos na pesquisa, parece que a grande parte dos conselhos provém dos pais (63%), seguindo-se os professores (58%) e depois os amigos (44%).

78% das crianças portuguesas com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos utiliza a Internet, estando entre as crianças europeias que mais utilizam a Internet nos seus quartos (67%).

Portugal é um dos países com menos incidência de riscos, uma vez que apenas 7% dos intervenientes dizem já se ter deparado com pornografia, *bullying online*, mensagens de cariz sexual, contacto com desconhecidos, encontros com pessoas que conheceram na Internet, conteúdos potencialmente nocivos gerados por utilizadores e abuso de dados pessoais.

Cerca de 49% das crianças portuguesas dizem sentir que fazem um uso excessivo da Internet.

13% declaram já ter visto conteúdos de cariz sexual em *sites*. Apenas 2% referiram o risco de *cyberbullying*. 5% dos participantes já se encontraram com pessoas que conheceram na Internet e 16% declaram que ainda mantêm contacto com essa pessoa.

As redes sociais parecem ser também populares em Portugal. 59% têm um perfil numa rede social, 25% têm um perfil público a que todos podem aceder e 7% têm ainda a morada ou o número de telefone no perfil da rede social.

## **6. Em síntese: o *cyberbullying*, fenómeno “sem lugar” e “sem rosto”**

Não existe muita informação sobre o aparecimento do *cyberbullying* em Portugal, mas Baltazar Rodrigues (Inspector da PJ - Divisão de Combate ao Crime Informático) aponta o início dos anos 90 como a altura mais provável, acompanhando o aparecimento da Internet no país.

Parece ser indiscutível que a grande particularidade do *cyberbullying* é o facto de não ocorrer num lugar específico e de o agressor ser, na maior parte dos casos, difícil de identificar. O uso das novas tecnologias como meio de afectar a vítima repetitiva e intencionalmente é também um factor importante, uma vez que outra grande característica é a ausência de dor física. Ao contrário do *bullying* tradicional, no *cyberbullying* as vítimas são afectadas psicológica e emocionalmente. O uso das novas tecnologias para a prática do *cyberbullying* aumenta a gravidade das consequências no estado emocional e psicológico da vítima, devido à facilidade de difusão e à prevalência no tempo.

A dificuldade em identificar o *cyberbully*, o inegável aumento de testemunhas/espectadores e o facto de ser possível uma inversão de papéis (um *cyberbully* pode transformar-se em vítima e vice-versa) são os principais aspectos que distinguem o *cyberbullying* do *bullying* face-a-face. A inexistência de *feedback* verbal, o que contribui para que o *cyberbully* não sinta remorso e empatia pela vítima, bem como a possível existência de várias faixas etárias envolvidas, são outros dois factores que distinguem um fenómeno do outro.

Quanto às semelhanças entre o *cyberbullying* e o *bullying* destaca-se a continuidade do acto, a sua repetição e o seu registo, tal como o efeito provocado nas vítimas: introversão, baixa auto-estima, insegurança, depressão, recusa em ir à escola, insucesso escolar, alterações de humor, dificuldades em adormecer, dor de barriga ou de cabeça e impaciência.

São vários os autores (Kowalski, Limber e Agatston (2008); Steffgen e König citados em Amado, João et. al., (2009); Paias (s/d)) que acreditam que o *cyberbullying* não é um fenómeno separado do *bullying* face-a-face. De acordo com os mesmos, o *cyberbullying* é apenas uma versão electrónica do *bullying*, cujas vítimas são também normalmente vítimas de *cyberbullying*, por este se relacionar com a violência física que tem lugar no contexto escolar. Paias (s/d) defende que um elevado número de *bullies* são também *cyberbullies*.

Desta forma, torna-se agora necessário formular as questões que irão conduzir a pesquisa:

- Quais as situações de *cyberbullying* mais frequentes entre as *cybervítimas*?
- Será que as vítimas de *cyberbullying* conhecem, na sua maioria, os agressores?
- As vítimas de *cyberbullying* têm tendência para partilhar esta situação com alguém? Se sim, a quem recorrem mais frequentemente?
- E o factor idade? Será que os mais novos constituem o grupo de vítimas que mais partilha esta situação com outra pessoa?
- Será que os agressores conhecem, na sua maioria, as suas vítimas?
- Será que o número de horas dedicadas ao computador e à Internet influencia comportamentos de *cyberbullying*?
- Será que os *cyberbullies* têm o computador no quarto, um espaço privado?
- E o género? Será que são as raparigas que mais praticam *cyberbullying*, como defendem os especialistas? Ou será que são os rapazes, como defende a tese de mestrado (2009) de Mariana Campos?
- Será que o factor idade também é relevante num *cyberbully*? O grupo dos agressores será constituído por mais novos ou por uma faixa etária mais alta?
- Será que os agressores são também vítimas?
- Os jovens estão familiarizados com o *cyberbullying*?

## Capítulo II. O contexto português: um tema ausente?

### 1. Quando e como se fala de bullying e de cyberbullying nas notícias?

Foram vários os casos que trouxeram o *bullying* novamente para a ribalta, no contexto português.

De modo a poder avaliar quem tem voz e que perspectiva é apresentada foram recolhidas notícias sobre *bullying* e *cyberbullying* do Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Expresso, Correio da Manhã, Público e Jornal i. Esta pesquisa foi feita *online*, através dos *websites* dos jornais acima referidos, e semanalmente. O período de eleição para a recolha de notícias foi o ano 2010.

Foram encontradas 125 peças sobre esta temática referentes ao ano passado (109 notícias sobre *bullying* e apenas 16 sobre *cyberbullying*). De salientar que se verificou uma maior concentração de notícias sobre o assunto quando alguma situação se tornava pública. Ou seja, pode afirmar-se que as notícias produzidas pelos meios de comunicação social em torno de situações de *bullying* e *cyberbullying* ocorrem, mais frequentemente, quando estas têm lugar, de modo a dar-lhes maior visibilidade. Verificou-se, após a recolha de notícias, que o *bullying* e o *cyberbullying* são temas noticiados apenas quando teve lugar uma situação que envolvia os fenómenos. A temática *bullying*, por exemplo, foi noticiada em Março de 2010 por todos os jornais analisados mais do que uma vez, devido à morte de Leandro. O *bullying* volta a ser notícia para cinco dos sete jornais analisados em Setembro de 2010. A razão é o início de um novo ano lectivo, enquanto o *bullying* continua a não ser tipificado como crime, o que só acontece em Outubro do mesmo ano. E, uma vez mais, todos os jornais analisados publicam peças sobre o tema, que volta a cair no esquecimento nos meses seguintes (ver Anexos, tabela notícias bullying).

Os *media* são a principal fonte de ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses mesmos acontecimentos. De acordo com Bernard Cohen, “*a imprensa pode, na maioria das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar; mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar*” (Cohen, 1963: 72, apud Traquina, 1999, 20). Nelson Traquina afirma ainda que as conclusões de McCombs indicam que os temas enfatizados pelo campo jornalístico

influenciam directamente a opinião pública. A selecção das ocorrências que vão constituir a agenda, tal como a selecção do enquadramento para interpretar essas ocorrências são bastante relevantes para o *agenda-setting* (Traquina, 1999: 26). Assim, pode afirmar-se que as pessoas falam do que é noticiado pela televisão, rádio e imprensa escrita, sendo os meios de comunicação importantes impulsionadores da circulação do conhecimento. Deste modo, explica-se então o papel dos *media* na divulgação do *bullying* e do *cyberbullying* para que ambos se tornem conhecidos entre a população.

### **1.1.A temática *bullying***

Março foi o mês em que o *bullying* ganhou destaque em todos os meios de comunicação portugueses e a grande razão prende-se com o suicídio de Leandro, de doze anos, residente em Mirandela. Foram várias as opiniões (familiares, amigos...) que associaram o suicídio de Leandro aos maus tratos que a criança sofria na escola, mas não existem provas ou certezas de que a sua morte se tenha devido ao facto de Leandro ser vítima de violência escolar. Caso isso se provasse, Leandro seria a primeira vítima mortal de *bullying* em Portugal e talvez tenha sido essa a principal razão pela qual todos os jornais analisados abordaram este acontecimento mais do que uma vez no mês em que tudo aconteceu (ver Anexos, tabela notícias *bullying*). Também o suicídio de um professor de música, em Fitares, Sintra, marcou o mês de Março. Amigos e familiares, dizem que Luís se suicidou por não aguentar a indisciplina dos alunos que o maltratavam verbalmente na sala de aula.

O mês de Abril continuou a ser marcado por notícias sobre *bullying* e o assunto ‘Leandro’ ainda não tinha sido esquecido. Das cinco notícias publicadas *online* sobre *bullying*, três foram sobre Leandro.

Esta temática voltou a ter grande visibilidade no mês de Setembro e a principal razão foi o começo de um novo ano lectivo enquanto o assunto “*bullying*” continuava a não ser tipificado como crime de violência escolar (apesar de o Ministério da Educação ter dito que o iria fazer há cinco meses atrás) e a inexistência de penalizações para os agressores. A denúncia de outros casos de *bullying* também teve lugar nos meios de comunicação analisados, bem como um estudo realizado por três psicólogos de

diferentes instituições, onde se concluiu que existem poucos casos de *bullying* nas escolas portuguesas.

Em Outubro, a violência escolar entre pares teve ainda mais destaque e, uma vez mais, todos os jornais escreveram sobre esta temática (ver Anexos, tabela notícias *bullying*). O motivo foi a aprovação, pelo Governo, de uma proposta que considera a violência escolar um crime. Os agressores com mais de 16 anos serão penalizados com uma sanção penal de um a cinco anos de prisão.

### **1.2.A temática *cyberbullying***

Se o ano 2010 ficou particularmente marcado por notícias relacionadas com *bullying*, o mesmo não se verificou com as publicações noticiosas sobre *cyberbullying*.

O Diário de Notícias foi o único a publicar notícias sobre *cyberbullying* em Janeiro de 2010, onde denunciava quatro casos reais.

Em Fevereiro, o Jornal i publicou um artigo onde questionava os pais sobre as actividades que os filhos praticam na Internet, alertando para os perigos do ciberespaço. No mesmo mês, a agência Lusa dava conhecimento de que a linha Internet Segura recebeu, em 2009, mais de duzentas queixas mensais sobre conteúdos ilegais, como pedofilia ou pornografia. A Lusa publicou ainda um estudo da Microsoft que diz que dois em cada três adolescentes já foram contactados por desconhecidos na Internet. Também em Fevereiro, o jornal Expresso publicou a notícia de que a Google foi processada por violação de privacidade por ter publicado, em 2006, um vídeo onde vários estudantes espancam um colega com síndrome de Down.

Em Março, o Jornal i afirma que a judiciária recebe uma queixa por dia a nível nacional. No mês seguinte, o Correio da Manhã publica uma notícia referente ao facto de a PJ ensinar truques sobre segurança na Internet em escolas.

Em Maio, o Expresso escreve sobre *formspring* (rede social que permite que os usuários recebam perguntas de outros usuários, revelando localidades ou o que se está a fazer), enquanto o Jornal de Notícias avança que a taxa de *cyberbullying* de Portugal está próxima da dos Estados Unidos.

O tema voltou a ser abordado pelo jornal Expresso, em Outubro, para dar conhecimento de um caso de *cyberbullying* em New Jersey, que culminou com o suicídio da vítima. Também a agência de notícias Lusa escreveu sobre este assunto defendendo que Portugal é um dos países com menor incidência de riscos *online* para crianças, segundo um inquérito realizado a 23 mil crianças europeias (9 – 16 anos).

## **2. Caracterização das figuras das notícias**

Após ter lido e analisado as notícias recolhidas correspondentes a este período de tempo, foi possível obter pontos comuns em algumas peças jornalísticas:

- Ausência do nome da vítima ou nome fictício. As únicas informações sobre a vítima que surgem nas notícias são a idade e a escola que frequenta ou a localidade onde reside, bem como o ano escolar da vítima;
- São poucos os testemunhos das vítimas (cinco no total). Todos os testemunhos presentes nas notícias recolhidas pertencem a familiares das vítimas, principalmente a mãe, tios e avós;
- O nome do agressor é um dado que não é concedido, tal como a inexistência de testemunhos dos agressores ou da família destes;
- Os ‘outros’ foram aqueles que mais testemunhos concederam às notícias recolhidas (ver Anexos, tabela vozes). Estes ‘outros’ são fontes da PSP, Ministério da Educação, citação de outros jornais/meios de comunicação, Comissão Nacional de Protecção a Crianças e Jovens em Risco, CNIPE, CNE, PGR, fontes do CDS-PP, PS, directores das escolas onde se verificaram casos de *bullying*. Seguem-se os ‘especialistas’, que são psicólogos ou pessoas que realizaram teses de mestrado ou doutoramento sobre o tema. Em terceiro, estão os testemunhos dos familiares das vítimas.

Os jovens/crianças vítimas de *bullying* e de *cyberbullying* são, na sua grande maioria, vítimas ausentes nas notícias. A sua perspectiva e testemunho são quase inexistentes nas peças jornalísticas publicadas sobre a temática, por ser pedido, muito frequentemente, o anonimato.

Relativamente à cobertura jornalística, a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo e a Lei Tutelar Educativa, ambas aprovadas em 1999, impedem “qualquer divulgação de dados que permita a identificação de crianças em perigo ou envolvidas em práticas ilícitas, sob pena de os seus agentes incorrerem na prática de crime de desobediência”. (Carvalho e Ferreira, 2009)<sup>41</sup>.

Também o Código Deontológico dos jornalistas portugueses defende, no ponto 7, que “o jornalista não deve identificar, directa ou indirectamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade, assim como deve proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor”. Deste modo, todas as vítimas menores têm o direito a salvaguardar e ocultar a sua identidade e um jornalista só pode obter o testemunho de uma vítima menor de idade se a mesma estiver disposta a estabelecer contacto com o jornalista e se os pais estiverem presentes e derem, também eles, o seu consentimento, o que se relaciona com questões éticas e deontológicas, no exercício do jornalismo e na pesquisa com crianças.

No entanto, continuam a ser vários os casos de vítimas menores de *bullying* e *cyberbullying* que vêem o seu nome tornado público na imprensa, quebrando, assim, o direito que estas vítimas têm à reserva da sua privacidade.

De acordo com o *Best Practice Guide: How to research children and online technologies from a comparative perspective*<sup>42</sup>, disponibilizado pelo EU Kids Online, existem vários aspectos relacionados com a ética na pesquisa com crianças menores de idade que não devem ser esquecidos:

1. Salvaguardar os interesses de todos os envolvidos na pesquisa, tendo em conta as possíveis consequências que a mesma pode trazer para todos os envolvidos, bem como o uso incorrecto dos dados fornecidos
2. Compromisso em ouvir e incluir a perspectiva das crianças e dos jovens na pesquisa
3. Obter de forma legal o consentimento escrito de todas as crianças participantes na pesquisa, bem como o consentimento dos pais. Garantir que todos compreendem que podem recusar participar na pesquisa ou não responder a alguma questão

---

<sup>41</sup> <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n60/n60a07.pdf>

<sup>42</sup> <http://www.ifap.ru/library/book364.pdf>



4. Utilizar panfletos, próprios para cada idade, para informar os pais e as crianças sobre o tema da pesquisa, como será feita e como serão utilizados os dados fornecidos
5. Garantir a confidencialidade de todos os dados obtidos
6. Dar, por escrito, a todos os participantes o contacto do pesquisador
7. Informar sobre o *feedback* da pesquisa a todos aqueles que o pedirem (enviar, por exemplo, uma cópia do relatório de síntese às escolas participantes)
8. Não ofender os participantes e não mencionar assuntos que possam ser sensíveis a alguns deles

### **3. O que pensam os jornalistas?**

De modo a conseguir uma análise mais correcta, entrei em contacto com quatro jornalistas autoras de três das notícias recolhidas. Rosa Ramos e Sandra Pereira (Jornal i), Helena Fidalgo (Agência de Notícias Lusa) e Elisabete Silva (Jornal Diário de Notícias) foram questionadas sobre a temática do *bullying/cyberbullying* na imprensa portuguesa.

#### **Sandra Pereira e Rosa Ramos (Jornal i)**

As jornalistas Sandra Pereira e Rosa Ramos publicaram, no passado dia 29 de Março de 2010, uma notícia intitulada “*Cyberbullying. Judiciária recebe uma queixa por dia*”, onde mencionam o facto de a violência na Internet estar a aumentar, bem como a falta de conhecimentos e de programas de intervenção para situações de *cyberbullying*, por ser uma questão ainda pouco explorada em Portugal.

Sandra Pereira afirma que a frequente ausência do nome das vítimas de *bullying/cyberbullying* das notícias publicadas se deve ao facto de as vítimas pedirem o anonimato. Na notícia acima referida, é mencionado, no início, o caso de “Maria” (nome fictício), que foi vítima de *cyberbullying* pelo próprio namorado, que se apoderou da página pessoal de “Maria” no hi5 e enviou mensagens difamatórias a todos os contactos. No entanto, Sandra Pereira menciona que tentaram falar com “Maria”, mas

esta ordenou que não divulgassem o seu contacto e nome verdadeiro. A jornalista acrescenta que quando as vítimas são menores é frequente a não divulgação dos casos, devido ao forte sentimento de protecção parental e pelo receio de represálias.

A jornalista do Jornal i defende ainda que não é incorrecto um jornalista falar com uma criança vítima de *bullying*, desde que os pais dêem autorização, como foi referido anteriormente. O incorrecto, de acordo com a profissional, é não respeitar o anonimato quando este é pedido, e a publicação de informações pessoais não desejadas. Numa situação de *bullying*, o mais acertado, do ponto de vista jornalístico, é, segundo Sandra Pereira, falar com a vítima e com os pais para registar dois pontos de vista da mesma situação.

Os casos que envolvem menores são sempre mais delicados de abordar na imprensa e, por isso mesmo, é necessário que o jornalista tente perceber, antes de tudo o resto, se a criança está realmente preparada para falar e se o deseja fazer; ouvir várias versões da história e respeitar a regra do anonimato. Ainda de acordo com Sandra Pereira, é importante não esquecer a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo que defende isso mesmo: *“Os órgãos de comunicação social, sempre que divulguem situações de crianças ou jovens em perigo, não podem identificar, nem transmitir elementos, sons ou imagens que permitam a sua identificação, sob pena de os seus agentes incorrerem na prática de crime de desobediência”*.

Rosa Ramos, também jornalista do Jornal i, refere a actual dificuldade que os jornalistas sentem em encontrar casos de *cyberbullying* quando querem abordar esse tipo de fenómeno, o que se deve, na sua opinião, à falta de conhecimento da própria sociedade sobre o fenómeno em si por ser ainda muito recente em Portugal. De acordo com Rosa Ramos, os meios de comunicação devem ter um papel decisivo na denúncia de casos que envolvem *bullying*, sensibilizando os agentes sociais para estas situações.

Mas será incorrecto tornar público o testemunho de uma criança vítima de *bullying/cyberbullying*? *“Não será, nunca, incorrecto, tornar público o testemunho de uma criança vítima de bullying, desde que o mesmo seja consentido pela própria e, como é menor, pelos pais. E desde que o testemunho seja recolhido de forma ética. O nome da criança deverá ser omitido se os pais assim o entenderem (sendo que neste caso, e para evitar, eventualmente, represálias, talvez seja recomendável omiti-lo e recorrer-se a um nome fictício)”*, afirma Rosa Ramos. À semelhança da sua colega Sandra Pereira, também Rosa Ramos menciona que é importante ter contacto com as

crianças vítimas de *bullying/cyberbullying*, mas também com os pais, principalmente se as crianças forem menores. No entanto, há um aspecto que não deve nunca ser esquecido: a ocultação do nome da criança, de forma a não interferir com a sua segurança.

### **Helena Fidalgo (Agência de Notícias Lusa)**

A jornalista Helena Fidalgo, da Agência de Notícias Lusa, publicou no dia 3 de Março de 2010 uma notícia cujo título era: “*Bullying: Mãe de menino de dez anos queixa-se de que o filho está a ser vítima de violência em escola de Mirandela*”, em clara associação ao ambiente de receio pelo bem-estar e segurança dos filhos, vivido pelos pais dos alunos da escola de Mirandela depois do ‘caso Leandro’. À semelhança de muitas outras notícias sobre este tema, o testemunho da criança vítima de *bullying* está ausente na notícia escrita pela jornalista da Lusa.

Helena Fidalgo confessa que o testemunho da criança não está presente no seu texto por opção sua, por achar que este género de testemunhos não acrescentam nada de novo ao texto e por poder ser “*mais prejudicial do que benéfico*”. A jornalista acrescenta ainda que o facto de não identificar ou expor as crianças vítimas deste tipo de violência é um princípio seguido pela grande maioria dos profissionais do jornalismo.

Tentar um contacto com a vítima de *bullying* para obter o seu testemunho não é visto como algo de relevante para a jornalista, por considerar que o testemunho da vítima não traz eficácia à denúncia. No entanto, apesar de a criança que foi vítima de *bullying* numa escola em Mirandela não ser identificada no texto de Helena Fidalgo (apenas se sabe a idade e a escola que frequenta), esta defende que a vítima acaba por ser sempre identificada, quer através do nome da mãe – também presente na notícia em questão – ou pelo nome da escola. Deste modo, a tão defendida privacidade e anonimato de uma vítima menor não são assegurados. Para que ambos sejam garantidos, pormenores como o nome da mãe ou de outros familiares e o nome da escola frequentada pela vítima devem também estar ausentes na notícia.

Uma vez ausente as declarações da criança, é a perspectiva da mãe que predomina na notícia de Helena Fidalgo. Durante o contacto que Helena teve com a mãe da criança, a jornalista não procurou um contacto com o menor.

Quando se publica uma notícia sobre menores é necessário haver maiores cuidados com o que é escrito, devido a serem, normalmente, situações mais delicadas do que aquelas que envolvem adultos. Helena Fidalgo acredita que o mais importante é ter *“consciência de que se trata de uma criança e de que nós jornalistas nem sempre estaremos preparados para saber lidar com algumas situações mais complexas e sensíveis”*.

### **Elisabete Silva (Jornal Diário de Notícias)**

No dia 31 de Janeiro de 2010, Elisabete Silva, jornalista do Diário de Notícias, publicou uma notícia com o título *“A vida infernal das vítimas de humilhação pela Net”*. O que motivou Elisabete a escrever sobre este tema foi precisamente por ser um fenómeno ainda desconhecido para grande parte dos portugueses.

De acordo com a jornalista do Diário de Notícias, que utilizou nomes fictícios para dar a conhecer três casos de *cyberbullying* em Portugal, existe ainda alguma resistência e recusa da parte das vítimas de *bullying* tradicional e de *cyberbullying* em denunciar este tipo de situações: *“...no cyberbullying, tal como em muitas outras situações do género, as pessoas continuam a ter medo de dar a cara, pois receiam represálias. Fazem as denúncias e até podem falar com os jornalistas, mas pedem o anonimato”*. O facto de aceitarem conversar com os jornalistas deixa transparecer uma vontade, da parte das vítimas, em dar a conhecer as suas histórias. No entanto, estas são histórias envoltas em nomes fictícios, em pessoas que preferem não se identificar. São pessoas “sem rosto”, tal como o próprio fenómeno.

Também Elisabete não teve qualquer tipo de contacto com as três vítimas mencionadas na notícia.

Por serem situações ainda pouco conhecidas e denunciadas, a jornalista também reforça o facto de não ser incorrecto publicar o testemunho de uma vítima menor de idade, desde que, em primeiro lugar, se consiga *“a autorização do responsável pela criança. Se for dada a autorização, então não há qualquer impedimento. Será também esse mesmo responsável a decidir se a criança pode ser identificada pelo nome próprio e se se pode tirar fotografias. Mesmo que a opção seja o anonimato, é importante o depoimento na primeira pessoa. No caso de menores de idade e em casos de violência,*

*o normal é optar pelo anonimato. O bullying já é muito tratado nos media, mas o cyberbullying ainda está um pouco “na sombra”. A melhor forma de alertar para uma realidade que se está a tornar cada vez mais assustadora, devido à evolução dos meios tecnológicos, é dar a conhecer casos reais. São esses [casos] que têm mais impacto nos leitores e que podem alertar de forma mais eficaz para o cyberbullying”.*

O depoimento de especialistas e psicólogos, aspecto que está presente na notícia de Elisabete, é considerado pela mesma como sendo absolutamente fundamental para alertar a população e as escolas sobre o *cyberbullying*. Uma vez que as vítimas recusam, na maior parte dos casos, a denúncia de situações de *cyberbullying* e de *bullying*, as palavras dos especialistas e dos psicólogos surgem como a melhor solução para preencher este “vazio”.

Publicar notícias que dão a conhecer situações que envolvem menores significa respeitar e seguir algumas regras como o pedido de autorização aos pais ou aos responsáveis pela criança para uma conversa ou para fotografar, mas também “*não explorar as emoções, o sofrimento da criança (...) é essencial ter respeito e não esquecer que está ali uma criança*”.

Em resumo, as quatro jornalistas com quem estabeleci contacto defendem que:

- A ausência dos nomes das vítimas de *bullying* é importante, de modo a salvaguardar o anonimato e a segurança da criança;
- Existe, ainda hoje, pouca divulgação de casos que envolvam *bullying/cyberbullying*, devido à protecção parental, medo de represálias ou à falta de conhecimento que a sociedade tem sobre o tema;
- Não é incorrecto um jornalista falar com uma criança vítima de *bullying/cyberbullying*, desde que os pais autorizem esse contacto e desde que a criança aceite dar o seu testemunho;
- Não é incorrecto um jornalista publicar o testemunho da criança vítima de *bullying/cyberbullying*, desde que os princípios éticos sejam respeitados e seguidos. No entanto, a jornalista Helena Fidalgo, da Agência de Notícias Lusa, defende que a publicação do testemunho da vítima pode ser prejudicial, pois não traz nada de novo à notícia.

### **Capítulo III. O *bullying* e o *cyberbullying* na perspectiva de jovens internautas**

#### **1. O desenho da pesquisa, a apresentação do inquérito e a sua aplicação**

O presente estudo tem como principal objectivo tentar perceber o que os jovens portugueses sabem sobre o *cyberbullying*. Para isso, foram realizados questionários em suporte de papel a crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, do 4.º ao 11.º ano de escolaridade.

A amostra é composta por 205 jovens portugueses pertencentes ao distrito de Lisboa e de Santarém.

50% dos jovens que preencheram o questionário são do sexo masculino (n = 103) e 49% são do sexo feminino (n = 102).

Relativamente às idades, a grande maioria dos respondentes tem 13 anos (n = 39) (ver Anexos, gráfico 1).

Apenas 3% dos participantes frequentam o 4.º ano de escolaridade (n = 6), enquanto a maior parte da amostra (n = 40) frequenta o 7.º ano e o 8.º ano (n = 40) (ver Anexos, gráfico 2).

A grande maioria (65%) vive com os pais e com os irmãos e 89% dos intervenientes afirma ter irmãos.

Quanto à escolaridade dos pais, verificou-se que as mães são mais instruídas do que os pais. Neste grupo, muitas mães têm licenciaturas (36%), estando acima da média nacional das habilitações das mulheres<sup>43</sup>, enquanto 33% dos pais têm apenas o ensino secundário (ver Anexos, gráfico 3). Muitas destas crianças vivem em lares de classe média urbana, o que vai de encontro ao elevado número de respostas que se obteve por via de uma rede social de contactos em associações juvenis.

O material é composto por um questionário dividido em três partes. Existe uma parte introdutória, que antecede a primeira parte, onde são pedidas informações como a idade, o sexo e o ano escolar do participante, e informações sobre o agregado familiar

---

<sup>43</sup> Em 2008, a percentagem de mulheres com o ensino superior não chega aos 15% (12,5%). In [http://195.23.38.178/cig/portalcig/bo/documentos/Igualdade\\_de\\_Genero\\_em\\_Portugal\\_2009.pdf](http://195.23.38.178/cig/portalcig/bo/documentos/Igualdade_de_Genero_em_Portugal_2009.pdf) ( página 82)

(com quem vive o participante; idade, escolaridade e profissão dos pais; se tem irmãos e respectivas idades).

A primeira parte aborda questões relativas às novas tecnologias (se o participante tem telemóvel e computador em casa, assim como o uso que lhes dão e ainda o tempo que passam *online*). A segunda parte corresponde, essencialmente, aos perigos da Internet: questiona os participantes sobre situações desagradáveis que tenham acontecido enquanto navegavam na Internet; procura saber se o participante já foi vítima de *cyberbullying*, se conhecia o seu agressor e se contou a alguém (o *cyberbullying* na perspectiva da vítima); se conhece alguém que tenha sido vítima de *cyberbullying* (o *cyberbullying* na perspectiva da testemunha) e, por fim, se ele próprio já praticou *cyberbullying*, se conhecia a sua vítima e com que frequência o fez (o *cyberbullying* na perspectiva do agressor). A terceira e última parte questiona os intervenientes sobre notícias de *bullying* e *cyberbullying*: se já leram ou viram notícias sobre esta temática e pede a opinião dos respondentes sobre o modo de como se deve falar de *bullying* e *cyberbullying* nas notícias.

Para a realização deste estudo foram contactadas 21 entidades<sup>44</sup>. Destas 21 entidades, aceitaram participar 11<sup>45</sup>. Optei por contactar instituições de Santarém e Lisboa por ter mais facilidade em distribuir os questionários nestes dois locais. Santarém é a minha área de residência e são vários os conhecidos que frequentam algumas das entidades contactadas. Contactei ainda entidades da área de Lisboa por ter também facilidade na deslocação até à capital. No entanto, antes de contactar estes espaços de actividades extra-curriculares, era minha intenção deslocar-me às escolas, uma vez que assim contava com a participação das crianças e jovens que não frequentam actividades extra-curriculares. Não me desloquei às escolas porque era necessária uma autorização do Ministério da Educação, o que levaria algum tempo.

---

<sup>44</sup> Escola de dança Ana Köhler; Escola de dança do Conservatório Nacional; Escuteiros de Santarém; Escuteiros de Odivelas; Associação Académica de Santarém; Grupo de Catequese de Santarém; Santarém Basket; Vitória Clube de Santarém; Círculo Cultural Scalabitano; Complexo Aquático Municipal de Santarém; Hóquei Clube de Santarém; Conservatório de Música de Santarém; Centro de Karaté Amicale; Casa do Benfica; Escuteiros de Lisboa; Escuteiros de Torres Novas; Gymsau Clube de Santarém; Associação de Ginástica de Santarém; Grupo de guias de Santarém; Escuteiros de Évora e Escuteiros de Fernão Ferro (Seixal).

<sup>45</sup> Escuteiros de Santarém; Escuteiros de Odivelas; Associação Académica de Santarém; Santarém Basket; Vitória Clube de Santarém; Círculo Cultural Scalabitano; Centro de Karaté Amicale; Escuteiros de Lisboa; Escuteiros de Torres Novas; Associação de Ginástica de Santarém e Grupo de guias de Santarém.

Antes de os participantes responderem aos questionários, foi necessária uma ida a cada uma das instituições para deixar um documento, que seria entregue aos pais, onde estes eram informados sobre esta pesquisa e onde se explicava em que consistia este estudo e os seus objectivos, assegurando-os do anonimato das respostas. Assim, autorizavam (ou não) a participação dos seus filhos.

Foi combinado com cada instituição um dia para regressar lá, de modo a entregar os questionários aos jovens cujos pais tivessem autorizado a sua participação na pesquisa. Achei relevante a entrega dos questionários em mãos às crianças/jovens de forma a poder explicar-lhes, através de um discurso simples, em que consistia o questionário, para que servia, o que eu iria fazer com as respostas. Garanti-lhes também que o questionário era anónimo e confidencial, o que pode ter contribuído para que tenham sido sinceros nas suas respostas, uma vez que não se justificava que tivessem receio que outras pessoas as vissem, como os pais, por exemplo.

Com algumas instituições foi possível a entrega e a recolha no mesmo dia, uma vez que algumas disponibilizaram tempo para isso antes de darem início às actividades. No entanto, com outras instituições foi necessário deixar lá os questionários, procedendo-se à recolha uma semana depois da entrega. Optei por idas semanais às instituições que não disponibilizaram tempo para a entrega e recolha dos questionários no mesmo dia, para garantir, de certa forma, que o assunto não caísse no esquecimento, o que iria atrasar toda a investigação.

A entrega e recolha dos questionários decorreu a partir de inícios de Outubro e terminou no final do mês de Dezembro de 2010.

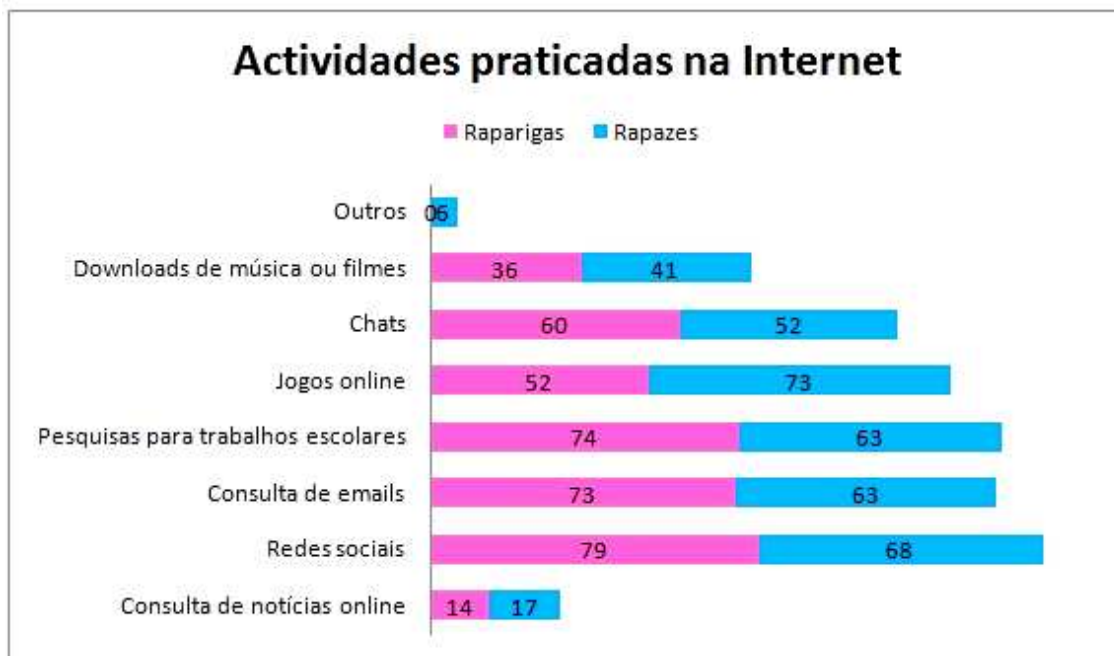
## **2. Análise e discussão dos resultados obtidos**

Ao estudar o *cyberbullying*, a presente investigação mostra que o fenómeno ganha significativos contornos em Portugal. Apesar de terem sido poucos aqueles que disseram ter praticado *cyberbullying* (n = 12), a verdade é que existe já um número considerável de *cybervítimas* (n = 56) e de testemunhas de situações que envolvem *cyberbullying* (n = 42).

Esta pesquisa confirma o que a especialista Christine Suniti Bhat (Universidade



de Ohio) defende: é na Internet que se verifica uma grande interacção entre os jovens e adolescentes<sup>46</sup>. Foram questionados 205 jovens portugueses (9 – 16 anos) e todos eles utilizam a Internet diariamente. Apenas um assinalou que não tem computador em casa. As redes sociais e os *chats* parecem ser dois elementos-chave para esta interacção.



Quanto ao tempo dispendido com o computador e com o ciberespaço, verificou-se que a grande maioria assinalou gastar “alguns minutos por dia” (n = 63) e “cerca de 1h por dia” (n = 63). Apenas 15 participantes disseram estar *online* mais do que 5h diárias, com grande foco nos rapazes. Verificou-se ainda que as raparigas passam menos tempo *online* do que o género masculino: a maior parte das raparigas está *online* apenas durante alguns minutos e grande parte do sexo masculino gasta cerca de 1h por dia com o ciberespaço (ver Anexos, gráfico 7). Estes resultados confirmam uma conclusão de Mariana Campos: “(...) são os rapazes que dispendem mais tempo com a Internet...” (Campos: 2009).

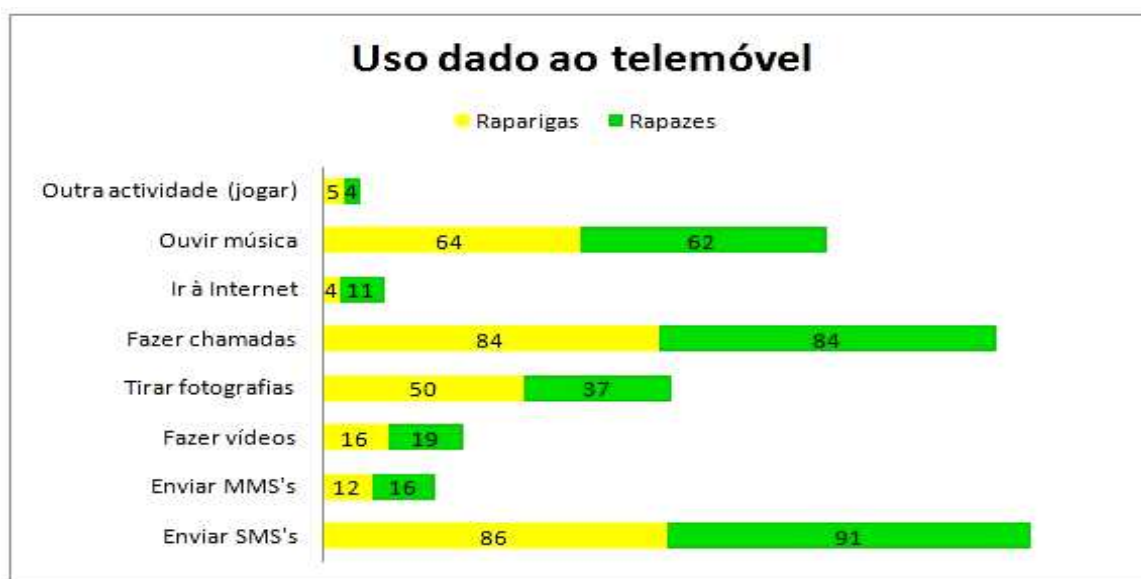
Associado ao tempo está a segurança *online*. Deste modo, foi também de grande interesse averiguar se os intervenientes conversam com alguém sobre as medidas de segurança a ter no ciberespaço. À semelhança da conclusão obtida por Mariana Campos, também nesta pesquisa mais de metade da amostra (n = 149) disse conversar com outras pessoas sobre segurança na Internet. Ambos os géneros partilham o mesmo padrão, embora com pesos diferentes, falam mais com os pais sobre segurança na

<sup>46</sup> [Http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond\\_the\\_Schoolyard\\_Nov\\_26\\_2007.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond_the_Schoolyard_Nov_26_2007.pdf)

Internet, seguindo-se os pares (ver Anexos, gráfico 9). O cuidado mais mencionado foi não dar informação pessoal a desconhecidos na Internet, tal como na pesquisa de Mariana Campos em 2009 (ver Anexos, gráfico 10).

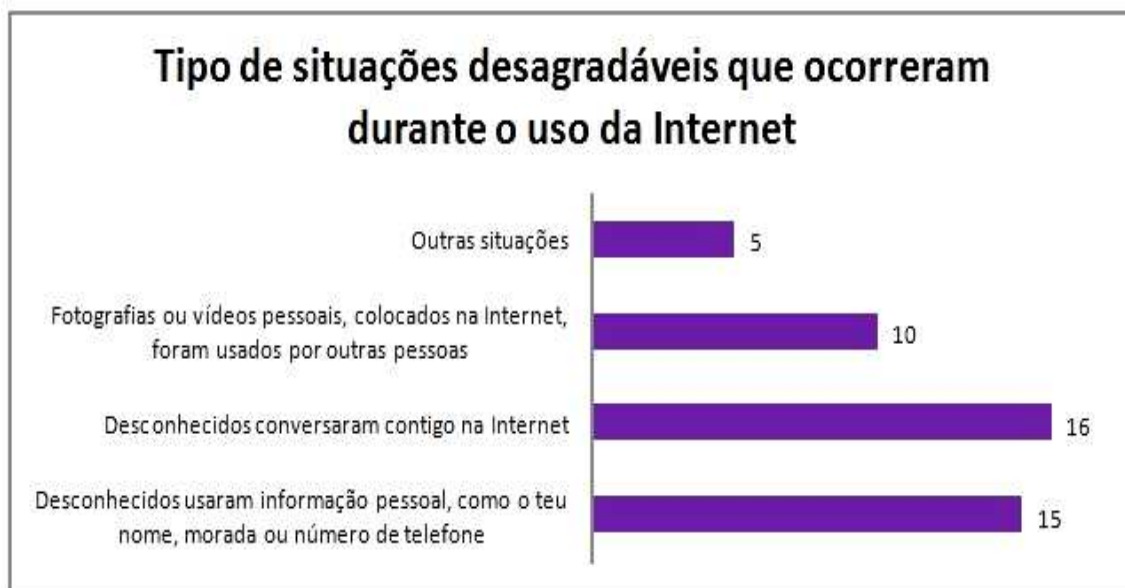
Achou-se pertinente averiguar se os jovens com pais de baixa escolaridade e não utilizadores da Internet são influenciados pelo não uso do ciberespaço pelos seus pais. O mesmo não se verificou, dado que todos os 205 participantes que constituem a amostra são utilizadores da Internet, que é já parte integrante da vida de todos os jovens.

Mas não é só a Internet que faz parte do dia-a-dia dos jovens portugueses. Também o telemóvel assume um grande destaque. A maioria dos intervenientes assinalou ter tido o primeiro telemóvel aos 10 anos, o que corresponde à transição para o 5.º ano de escolaridade. Talvez os pais sintam necessidade de estar em contacto permanente com os filhos por esta transição significar uma mudança na vida das crianças. Apenas seis participantes (quatro de 9 anos e dois de 11) dizem não ter telemóvel. O envio de SMS's é a actividade de eleição de ambos os géneros, seguindo-se a realização de chamadas e ouvir música.



Apesar de todos os participantes serem utilizadores da Internet, verificou-se que apenas uma pequena minoria navega no ciberespaço através do telemóvel, talvez por este serviço ser ainda um pouco dispendioso.

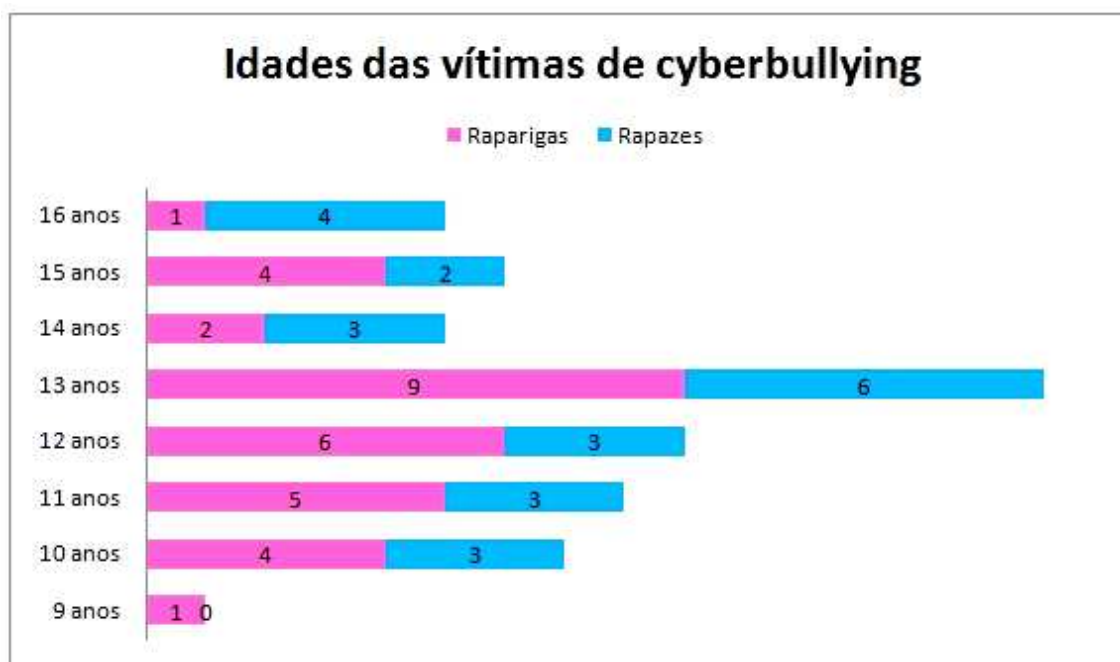
De uma lista de várias situações desagradáveis na Internet, a mais assinalada foi “desconhecidos conversaram contigo na Internet”, seguindo-se o uso de informação pessoal dos participantes por desconhecidos. Esta última situação pode indicar que os jovens continuam a ter estes dados pessoais no perfil de uma rede social, levando-nos a crer que existem jovens que têm o seu perfil público, e desta maneira, desconhecidos teriam acesso a este tipo de informação.



A rede EU Kids Online realizou, em 2010, um estudo cujas conclusões abordavam também este mesmo aspecto: “25% [dos participantes portugueses] *tem um perfil público e 7% partilham a morada ou o número de telefone*”<sup>47</sup>. Foi possível verificar que os rapazes tiveram mais situações desagradáveis enquanto estavam *online* do que as raparigas (ver Anexos, gráfico 12).

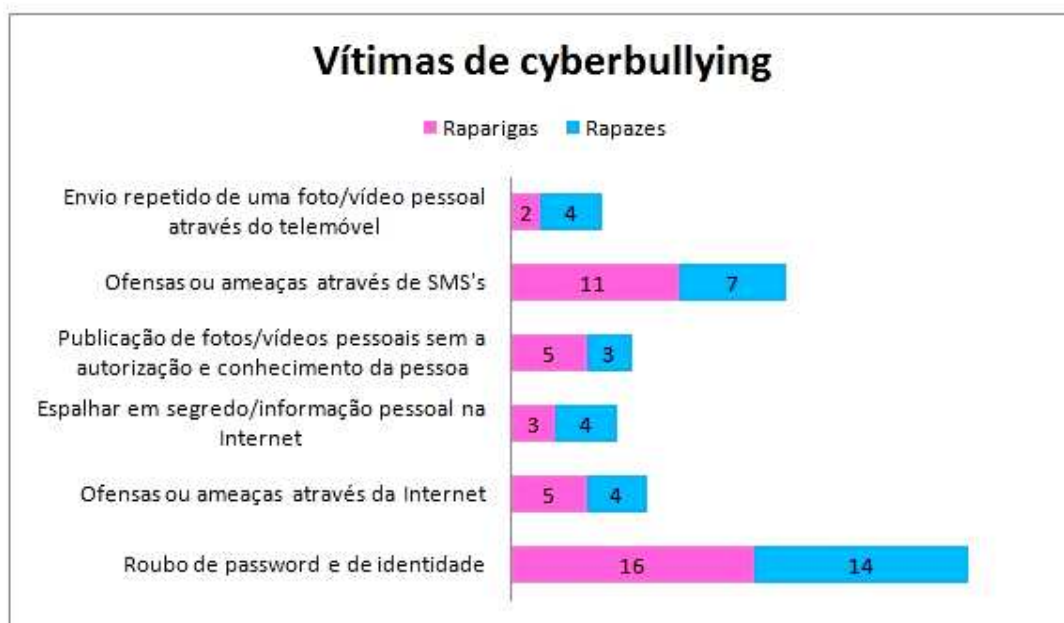
<sup>47</sup> [Http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/](http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/)

De acordo com os resultados obtidos por esta investigação, o *cyberbullying* parece afectar mais a faixa etária dos 13 anos, à semelhança daquilo que Rigby (1997) e Rigby & Slee (1991) afirmaram: “O *cyberbullying* é um fenómeno que envolve, principalmente, adolescentes, uma vez que as crianças não usam as novas tecnologias com tanta frequência”<sup>48</sup>.



O roubo de *password* e de identidade, seguindo-se as ofensas e as ameaças através de SMS's, são as práticas mais comuns entre as cybervítimas. Curiosamente, Luzia Pinheiro chegou à mesma conclusão na sua tese de mestrado: “*Aqueles que confessaram já ter sido vítimas de cyberbullying, afirmaram que foi através de insultos, seguido de troca de identidades...*” (Pinheiro: 2009).

<sup>48</sup> Citados em Campbell, Marilyn A. (2007) *Cyberbullying and young people: Treatment principles not simplistic advice*



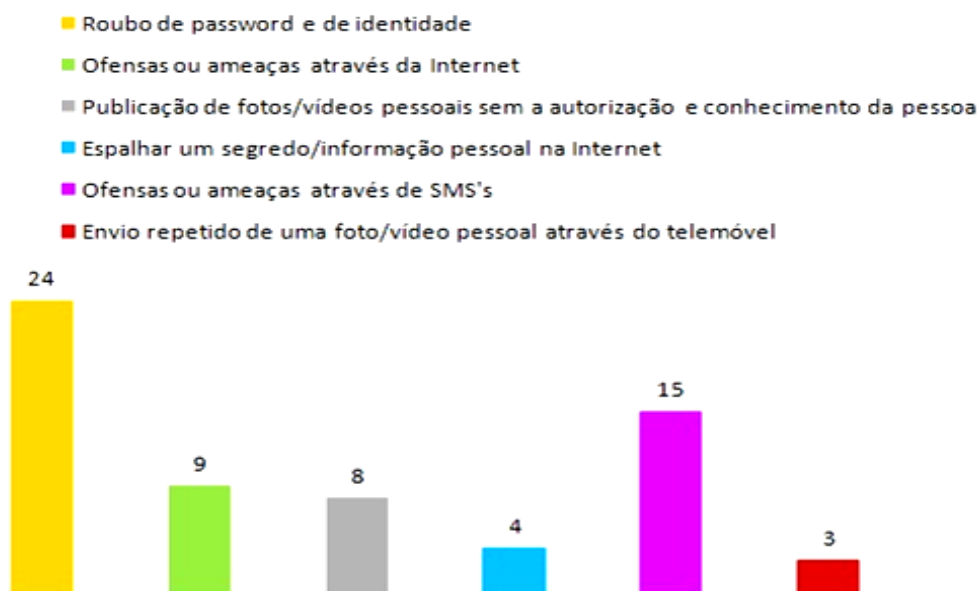
Foi também preocupação deste estudo saber se as vítimas conhecem o seu agressor. A maioria das *cybervítimas* desconhece a identidade do agressor, correspondendo ao que Mariana Campos escreveu na sua tese de mestrado: “*Os dados encontrados no presente estudo confirmam a ideia que o cyberbullying é um fenómeno caracterizado pelo anonimato do agressor*” (Campos: 2009).

Quanto à partilha destas situações, a grande parte das *cybervítimas* assinalou ter partilhado o seu sofrimento com outra pessoa, ao contrário dos resultados obtidos por Mariana Campos, que mostram que a grande maioria das *cybervítimas* não revelou a ninguém que estava a ser alvo de *cyberbullying* (2009). As raparigas revelaram mais tendência para partilhar este tipo de situação com os amigos, enquanto os rapazes, pelo contrário, decidiram contar, na sua maioria, aos pais (ver Anexos, gráfico 15). Verificou-se ainda que as *cybervítimas* mais novas (10, 11 e 12 anos) revelam maior tendência para desabafar com alguém sobre aquilo que se passou por sentirem, provavelmente, que são incapazes de resolver sozinhos a situação (ver Anexos, gráfico 16).

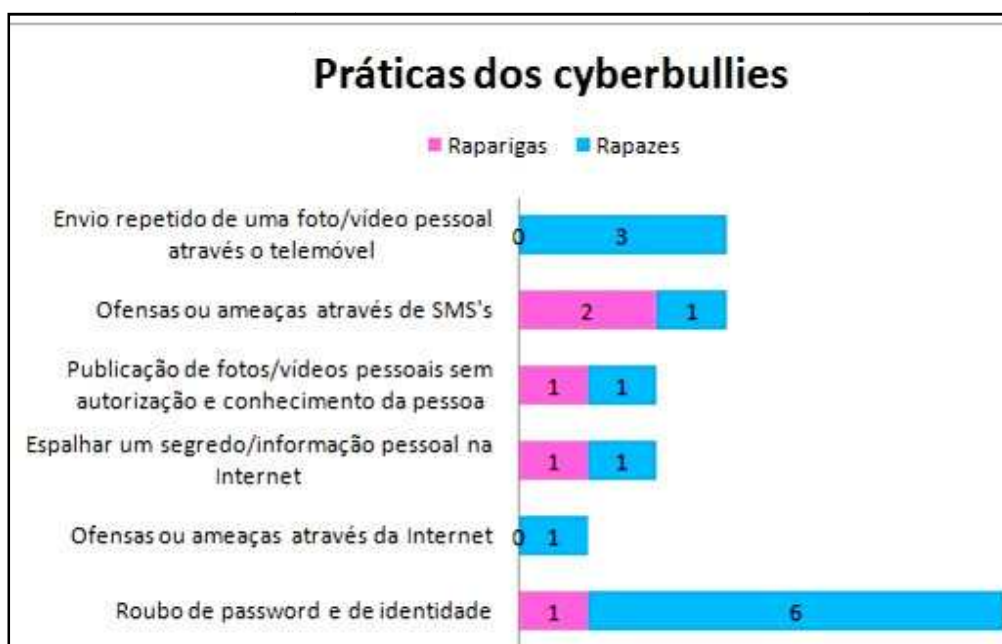
Das 56 vítimas de *cyberbullying*, 50 diz que este acontecimento se verificou apenas uma ou duas vezes, o que não vai de encontro ao carácter repetitivo do fenómeno.

Na posição de testemunhas de casos de *bullying* na Internet, 42 participantes disseram ter conhecimento de situações deste tipo. O roubo de *password* e de identidade foi a situação mais assinalada, seguindo-se as ofensas e as ameaças através de SMS's.

### Casos de que têm conhecimento



Curiosamente, estas duas situações foram também as mais assinaladas pelas *cybervítimas*, exactamente pela mesma ordem. Já os *cyberbullies* corroboram esta teoria. Dos 12 agressores, 7 assinalaram o roubo de *password* e de identidade como a prática mais realizada. De seguida, estão também as ofensas e ameaças através de SMS's e ainda o envio repetido de uma fotografia/vídeo pessoal através do telemóvel.



Estes dados revelam que a Internet parece ser a grande favorita para a prática de *cyberbullying*, ao contrário do que Mariana Campos defendeu na sua tese, com base nos resultados por ela recolhidos. Na sua tese de mestrado, Mariana Campos afirma que as *cybervítimas* e as testemunhas de casos de *cyberbullying* referem que o telemóvel é o meio mais utilizado pelos agressores, enquanto os *cyberbullies* confirmam esta teoria.

Questionados sobre o conhecimento da identidade das vítimas, 10 dos 12 agressores assinalaram conhecer a sua vítima e a maioria (n = 9) praticou *cyberbullying* apenas uma ou duas vezes.

À semelhança da pesquisa levada a cabo por Mariana Campos, também aqui o tempo dispendido com a Internet parece contribuir bastante para comportamentos de *cyberbullying*. Aqueles que confessaram ser agressores passam mais tempo *online* do que aqueles que disseram não o ser. Os agressores estão *online* cerca de 1h a 3h diárias.

Perceber se o computador dos *cyberbullies* está num espaço privado parece ser também relevante, uma vez que apenas um disse não ter o computador no quarto. Ter o computador no quarto, confere mais privacidade ao *cyberbullie*, uma vez que está na sua zona de conforto, no seu território, o que provavelmente poderá aumentar-lhe a segurança e a certeza de que não será interrompido ou descoberto.

Verificou-se que é o sexo masculino que passa mais tempo no ciberespaço (ver Anexos, gráfico 7), à semelhança da pesquisa de Mariana Campos, o que vai de encontro a outro resultado obtido: são os rapazes que mais têm comportamentos de *cyberbullying*. Dos 12 agressores, 8 são rapazes. Esta posição é apoiada pelos dados recolhidos por Mariana Campos, em 2009. Assim, estas duas pesquisas não reforçam a opinião dos especialistas, sendo que estes defendem que “(...) *são as raparigas que se envolvem mais em situações de bullying indirecto, principalmente no cyberbullying*” (Campos: 2009). Um estudo efectuado numa escola dos EUA revelou o mesmo: existiam mais rapazes a praticar *cyberbullying* do que raparigas<sup>49</sup>. Quanto ao factor idade, esta parece não ter muita importância, uma vez que os agressores têm idades diferentes e não existe uma especial concentração numa só faixa etária.

Ser vítima de *cyberbullying* pode conduzir a uma inversão de papéis. Pode existir o desejo de vingança. Desta forma, a vítima de hoje pode ser o agressor de amanhã. Neste estudo, apenas 3 dos 12 agressores não estiveram no papel de

---

<sup>49</sup> Citado em Wright, V. et al., 2009

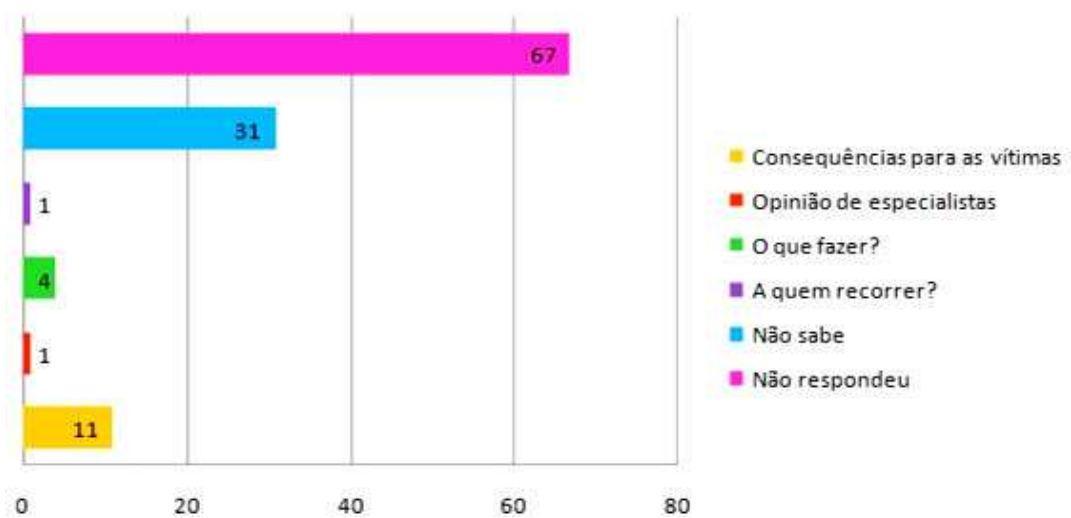
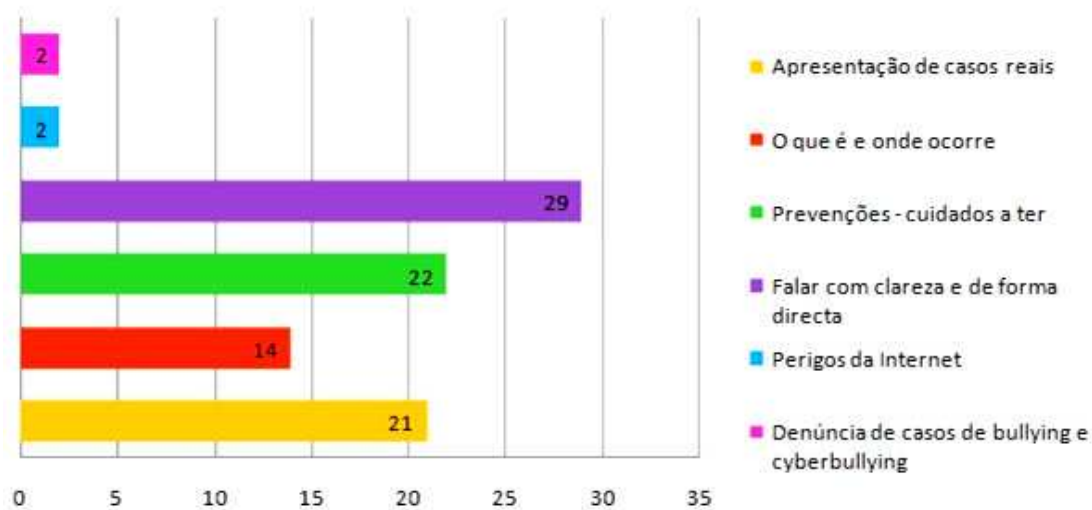
*cybervítima*, o que pode confirmar este desejo de vingança, de retribuir o sofrimento que os próprios agressores já tiveram anteriormente. Os dados recolhidos estão em sintonia com os resultados da investigação levada a cabo pela socióloga Luzia Pinheiro, na sua tese de mestrado (2009).

O *cyberbullying* é ainda uma incógnita para os jovens portugueses, que parecem não estar familiarizados com o tema, ao contrário do *bullying*. Apenas 10 participantes referiram lembrar-se de ter lido ou visto uma notícia sobre *cyberbullying*. Contra os 10 que referiram notícias sobre *cyberbullying*, estão 65 que mencionaram notícias sobre *bullying* e apenas 3 intervenientes falaram sobre notícias referentes a ambos os fenómenos. Estes números espelham a falta de conhecimento das crianças/jovens portugueses sobre o *cyberbullying*, uma vez que as próprias notícias raramente falam sobre o tema (ver Anexos, tabela notícias *cyberbullying*), permanecendo o *cyberbullying* na sombra e longe de se mostrar à sociedade através da comunicação social. Ao longo do ano de 2010 houve um grande foco na temática “*bullying*”, devido ao caso “Leandro”, referido por 24 participantes.

Foi ainda possível verificar que as crianças/jovens portugueses não sabem como se deve abordar este tipo de temas nas notícias, uma vez que 67 não responderam à questão e 31 disseram não saber como se deve falar destes assuntos na imprensa. No entanto, a maior parte daqueles que responderam à pergunta, disseram que se deve falar nas notícias de *bullying* e *cyberbullying* de forma clara e directa, seguindo-se a necessidade de saber que cuidados se deve ter para evitar este tipo de situações. Saber a quem se deve recorrer, ficou no fim das escolhas dos participantes, tal como a opinião de especialistas sobre o tema.



## Como achas que se deve falar de bullying e cyberbullying nas notícias?



## Conclusão

As crianças e os jovens crescem hoje numa sociedade em permanente mutação. O acesso à informação e à comunicação possui actualmente características nunca antes alcançadas, principalmente devido ao desaparecimento de barreiras temporais e espaciais. Agora, é possível estar *online* em espaços exteriores, a qualquer altura do dia ou da noite.

O mundo *online* tem-se revelado repleto de oportunidades, mas também de grandes riscos. Os pontos de acesso a diferentes e novas formas de comunicação multiplicaram-se, oferecendo a possibilidade de viver experiências ímpares e de ter contacto com novas realidades.

A investigação aqui apresentada teve como principais intervenientes as crianças e os jovens. Através das respostas dos que aceitaram participar neste estudo, não podemos deixar de concordar com a especialista Christine Suniti Bhat (2007) quando esta defende que é na Internet que se verifica uma grande interacção entre os jovens e adolescentes. As redes sociais e os *chats* assumem uma forma cada vez mais popular de comunicação e o relacionamento face-a-face é muitas vezes substituído por este contacto mais indirecto.

Por sua vez, um bom uso da Internet passa pela utilização de medidas de segurança *online*, de que nem todos os utilizadores (com principal ênfase nas crianças e jovens) têm conhecimento. É desta forma que se pode prevenir e evitar situações desagradáveis no ciberespaço, como por exemplo o contacto com desconhecidos em *chats*, roubo de *passwords*, alteração de um perfil numa rede social, imagens privadas serem copiadas e utilizadas por terceiros, entre outros. No entanto, o ciberespaço conta com outros perigos, como é o caso do *cyberbullying*.

Esta pesquisa serviu para apurar se o *cyberbullying* é também uma realidade em território português. E, de facto, este fenómeno parece ganhar contornos significativos também no nosso país: perto de um quarto já foram *cybervítimas*; 42 testemunharam situações de *cyberbullying* e 12 dizem já ter estado no papel de *cyberbully*.

As raparigas são as que constituem grande parte das *cybervítimas*, enquanto os rapazes são o grupo que constitui a maioria dos *cyberbullies* e é também o género masculino que passa mais tempo *online*, de acordo com os resultados obtidos. Quanto à

idade predominante, o *cyberbullying* parece afectar mais a faixa etária dos 13 anos, à semelhança daquilo que Rigby (1997) e Rigby & Slee (1991) afirmaram: “*O cyberbullying é um fenómeno que envolve, principalmente, adolescentes, uma vez que as crianças não usam as novas tecnologias com tanta frequência*”.

Segundo a grande maioria dos que dizem ter sido *cybervítimas*, o roubo de *password* e de identidade foi a forma de *cyberbullying* mais referida, seguindo-se as ofensas ou ameaças por mensagens escritas (SMS's). De acordo com estas afirmações, estão também as testemunhas, que apontam estas duas situações, respectivamente, como as mais presenciadas. Por seu lado, a maior parte dos *cyberbullies* corrobora esta teoria e menciona o roubo de *password* e identidade como a situação mais praticada, seguindo-se as ofensas ou ameaças através de SMS's e o envio repetido de uma fotografia/vídeo pessoal através do telemóvel.

Assim, num momento em que regista uma forte expansão entre os mais novos por via dos programas de incentivo à aquisição de portáteis e ligação à rede, ao contrário do que Mariana Campos constatou na sua tese de mestrado (2009), a Internet parece ter ultrapassado o telemóvel e é agora, dois anos depois, o meio preferido para a prática de *cyberbullying*, provando o seu inigualável poder e influência na vida dos utilizadores, principalmente nos mais novos. O ciberespaço está a transformar o crescimento de crianças e jovens enquanto indivíduos, bem como as formas de interacção. Em vez da prática de desportos ou brincadeiras ao ar livre, são cada vez mais aqueles que preferem estar em casa a navegar na Internet; e em vez de realizarem uma chamada telefónica, são também cada vez mais aqueles que optam por enviar uma SMS. A interacção é feita através de um computador e do telemóvel, ferramentas que podem ser bastante úteis, mas que podem contribuir para um relacionamento deficiente, fechado e indirecto.

A imprensa portuguesa, por outro lado, também não tem dado grande ênfase ao *cyberbullying*. Após uma recolha de notícias *online*, verificou-se que o *cyberbullying* foi notícia apenas 16 vezes, enquanto o *bullying* foi um tema noticiado 109 vezes, com uma concentração desmesurada em curtos períodos de tempo. Assim, as crianças não podem estar familiarizadas com o tema. As respostas aos questionários apuraram isso mesmo: de uma amostra de 205 participantes, apenas 10 referiram notícias sobre *cyberbullying*.

Verificou-se ainda que os participantes não sabem como se deve abordar este tema nas notícias, uma vez que 67 não responderam à questão e 31 disseram não saber

como se deve falar destes assuntos na imprensa. No entanto, a maior parte daqueles que responderam à pergunta, disse que se deve falar nas notícias de *bullying* e *cyberbullying* de forma clara e directa, seguindo-se a necessidade de saber que cuidados se deve ter para evitar este tipo de situações.

Deste modo, os pais assumem um papel relevante enquanto educadores ao serem confrontados com novas preocupações, no sentido em que têm de acompanhar o ritmo a que os mais novos adquirem conhecimentos sobre as novas tecnologias. Apesar de a grande maioria dos respondentes ter assinalado que conversa com os pais sobre os cuidados a ter enquanto navegam no ciberespaço, a verdade é que são várias as pesquisas que mostram que são poucos os pais que sabem como o filho utiliza a Internet ou as actividades *online*, como se viu nos resultados do inquérito europeu EU Kids Online.

Torna-se importante saber aceder à Internet, de modo a evitar determinados riscos *online*. Mas ainda mais importante, é ter conhecimento desses riscos e, nesse sentido, a imprensa portuguesa não está a ter um papel de destaque. A falta de informação e de conhecimento sobre o tema “cyberbullying” é muito grande. Investir na literacia digital entre pais e professores assume-se como uma necessidade, de forma a diminuir a falta de informação sobre o fenómeno aqui estudado, permitindo uma educação orientada para comportamentos seguros em ambientes *online*, mas também para esbater o enorme fosso entre jovens e adultos.

As quatro jornalistas com quem tive contacto defendem que o nome da vítima deve ser omitido, devendo recorrer-se a um nome fictício para salvaguardar a segurança da criança/jovem e evitar possíveis represálias. As notícias analisadas espelham este mesmo aspecto: o nome verdadeiro da vítima é um dado ausente, tal como o seu testemunho. A perspectiva que impera nas peças jornalísticas é a de familiares da vítima ou de especialistas. Em concordância com este aspecto, está a opinião das jornalistas que defendem ser importante falar com os pais da vítima, sendo assim bastante frequente optar pelo testemunho de familiares (ver Anexos, vozes das notícias). Também os agressores são figuras ausentes: o seu nome e testemunho não estão presentes.

Apesar de o nome não estar presente nas notícias, a vítima acaba por ser identificada através da escola, do nome da mãe ou do ano escolar que frequenta. Estes

são dados que, por vezes, estão presentes nas peças jornalísticas e que colocam em causa o anonimato e a privacidade a que as vítimas têm direito.

O *cyberbullying* é um fenómeno complexo, composto por características muito próprias e que estabelece uma estreita relação com o tempo que se dispende com as novas tecnologias e com a segurança no ciberespaço. Esta nova forma de *bullying* já fixou também as suas raízes em Portugal, como consequência da crescente globalização e dinamismo tecnológico do mundo moderno, transformando-se numa ameaça à sociedade, que é preciso combater.

## Referências Bibliográficas

Alerta Bullying. Notícias nos media para melhor entender o fenómeno bullying e cyberbullying. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://alertabullying.blogspot.com/2008/05/nova-linha-telefonica-vai-apoiar-vitimas.html>>

Amado, João; Matos, Armada; Pessoa, Teresa; Jäger, Thomas (2009). *Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação*. Interacções – nº. 13, pp. 301-326. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/M16%20-%20Amado%20et%20al.pdf>>

Amado, João; Matos, Armada e Pessoa, Teresa (2009) *Cyberbullying: um novo campo de investigação e de formação*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t1/t1c11.pdf>>

Apostolov, Georgi (2008) *Kids and violence on the Internet*. In EU Kids Conference June 2009. [Consultado em 1 de Maio 2010] Disponível em:

<<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I/Conference%20Papers%20and%20abstracts/Home.aspx>>

Barbosa, Rafael (2009) *Cyberbullying. Perfil e contramedidas*. Faculdade de Tecnologia da Zona Leste: São Paulo. [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em: <<http://www.fateczl.edu.br/TCC/2009-2/tcc-46.pdf>>

BBC News – Westhead, James (2003) “*I was groomed online*”. [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/2733989.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/2733989.stm)>

BBC News (2003) “*Girl raped by chatroom 'friend'*”. [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em:

<[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/england/manchester/3078210.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/manchester/3078210.stm)>

Belsey, Bill (2006). *Cyberbullying: An emerging threat to the 'always on' generation*.

[Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível na Internet:

<[http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying\\_Article\\_by\\_Bill\\_Belsey.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf)>

Biegler, Samantha e Boyd, Danah (2010) *Risky Behaviors and Online Safety:*

*A 2010 Literature Review*. [Consultado em 13 de Julho 2010] Disponível em:

<<http://www.zephoria.org/files/2010SafetyLitReview.pdf>>

Campbell, Marilyn A. (2007) *Cyberbullying and young people: Treatment*

*principles not simplistic advice*. [Consultado em 20 de Maio 2010] Disponível em:

<<http://eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf>>

Campos, Mariana (2009) *O cyberbulling. Natureza e ocorrência em contexto português*.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e das Organizações) – ISCTE, Lisboa.

[Consultado em 20 de Maio 2010] Disponível em: <[http://repositorio-](http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf)

[iul.iscte.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf](http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf)>

Canço, Dina e Santos, Fernanda (2009) *A Igualdade de Género em Portugal 2009*.

[Consultado em 15 de Junho 2011] Disponível em:

<[http://195.23.38.178/cig/portalcig/bo/documentos/Igualdade\\_de\\_Genero\\_em\\_Portugal\\_2009.pdf](http://195.23.38.178/cig/portalcig/bo/documentos/Igualdade_de_Genero_em_Portugal_2009.pdf)>

Clough, Jonathan (2010) *Principles of Cybercrime*. New York: Cambridge University

Press.

Cyberbullying Research Center. *Summary of our cyberbullying research from 2004-*

*2010*. [Consultado em 3 de Setembro 2010] Disponível em:

<<http://www.cyberbullying.us/research.php>>

Diário de Bragança. *Bragança/Mirandela: Daniel Sampaio fala sobre o suicídio na pré-*

*adolescência*. [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em:

<<http://diariodebraganca.blogs.sapo.pt/241855.html>>

Duncan, Kelly et al. (2008) *Helping Kids and Families Stay Safe: Workshops on Cyberbullying and On-line Safety*. [Consultado em 3 de Setembro 2010] Disponível em: <<http://counselingoutfitters.com/vistas/vistas08/Duncan.htm>>

EU Kids Online – Relatório da investigação de 2010 [Consultado em 20 de Janeiro 2011] Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>>

Eurobarómetro – *Safer Internet for children. Qualitative study in 29 european countries – summary report* (2007). [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em: <[http://ec.europa.eu/information\\_society/activities/sip/docs/eurobarometer/qualitative\\_study\\_2007/summary\\_report\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/information_society/activities/sip/docs/eurobarometer/qualitative_study_2007/summary_report_en.pdf)>

Fox News - *Prosecutor: No Criminal Charges in MySpace Suicide* (2007). [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <<http://www.foxnews.com/story/0,2933,314620,00.html>>

Gallagher, Matt (2007) *Beyond the schoolyard. Bullies take their intimidation to digital media*. [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <[http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond\\_the\\_Schoolyard\\_Nov\\_26\\_2007.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Beyond_the_Schoolyard_Nov_26_2007.pdf)>

Kids Help Phone (2010) [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <<http://www.kidshelpphone.ca/Teens/InfoBooth/Bullying/Cyberbullying.aspx>>

Kowalski, Robin M.; Limber, Sue e Agatston, Patricia W. (2008) *Cyber bullying: bullying in the digital age* (s/d): Blackwell

Hinduja, S. e Patchin, J. W. (2006). *Bullies move beyond the schoolyard. A Preliminary Look at Cyberbullying*. Sage Publications, 148-169

Hinduja, S. e Patchin, J. W. (2008). *Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization*. Routledge, 129-156

Hinduja, S. e Patchin, J. W. (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard: Preventing and Responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications



Johnson, Jennifer M. (2009) *The Impact of Cyber Bullying: A New Type of Relational Aggression*. American Counseling Association Annual Conference and Exposition, Charlotte, NC.

Juvonen, Jaana e Gross, Elisheva F. (2008) *Extending the School Grounds?—Bullying Experiences in Cyberspace*. Journal of School Health Vol. 78, No. 9, pp. 496-505. American School Health Association. [Consultado em 20 de Abril 2010] Disponível em: <<http://www.safeinyourspace.org/2008juvonengross.pdf>>

Li, Qing (2005) *New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools*. Computers in Human Behavior. [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <[http://people.ucalgary.ca/~qinli/publication/cyber\\_chb2005.pdf](http://people.ucalgary.ca/~qinli/publication/cyber_chb2005.pdf)>

Li, Qing (2005) *Cyberbullying in Schools. A Research of Gender Differences*. [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <<http://people.ucalgary.ca/~qinli/publication/cyberGender2005SPIJ.pdf>>

Macedo, Edgar (2007) *Cyberbullying não conhece fronteiras*. Jornal Sol. [Consultado em 12 de Abril 2010] Disponível em: <[http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content\\_id=34513](http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=34513)>

Marden, Nancy E. (2010) *Exposing the Cyberbully*. Tese sob a orientação do professor John Briggs. [Consultado em 12 de Junho 2010] Disponível em: <[http://library.wcsu.edu/dspace/bitstream/0/526/1/CYBERBULLYING\\_THESIS\\_FINAL.pdf](http://library.wcsu.edu/dspace/bitstream/0/526/1/CYBERBULLYING_THESIS_FINAL.pdf)>

McGrath, Ellen (2009) *Young People and Technology. A review of the current literature* (2<sup>nd</sup> edition). [Consultado em 12 de Junho 2010] Disponível em: <[http://www.amf.org.au/Assets/Files/2ndEdition\\_Youngpeopleandtechnology\\_LitReview\\_June202009.pdf](http://www.amf.org.au/Assets/Files/2ndEdition_Youngpeopleandtechnology_LitReview_June202009.pdf)>

McLoughlin, Catherine e Burgess, Jill (s/d). *Texting, sexting and social networking among Australian youth and the need for cyber safety education*. Canberra: Australian

Catholic University. [Consultado em 12 de Junho 2010] Disponível na Internet:  
<<http://www.aare.edu.au/09pap/mcl091427.pdf>>

Microsoft (2009) *Portugueses lideram acesso contínuo à Web na Europa: 3 em cada 4 internautas está sempre ligado à rede e revela grande fidelidade aos sítios visitados*. [Consultado em 12 de Junho 2010] Disponível em:  
<<http://www.microsoft.com/portugal/presspass/press/2009/mai09/05-14ie8.msp>>

Morais, Tito (2005) *Miúdos Seguros na Net - "Happy Slapping", Mais Que Uma Nova Forma de "Cyberbullying"*. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:  
<<http://www.miudossegurosna.net/artigos/2005-05-06-acapital.html>>

Morais, Tito (2007). *Bullying e Cyberbullying – as diferenças*. [Consultado em 30 de Junho 2010] Disponível em: <<http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-09-11.html>>

Neves, José Pinheiro e Pinheiro, Luzia (2009) *Cyberbullying: uma primeira aproximação*. 6º congresso SOPCOM, 8º LUSOCOM, 4º IBÉRICO e 2º colóquio Portugal-Brasil, na Universidade Lusófona em Lisboa. [Consultado em 30 de Junho 2010] Disponível em:  
<[http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/279/254](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254)>

Newman, Katherine et al. (2004) *Rampage: The Social Roots of School Shootings*. New York: Basic Books

Novo, Cristina (2009) *Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso*. In *Interacções* nº. 13, PP. 327-337. [Consultado em 14 de Março 2010] Disponível em:  
<<http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/M17%20-%20Novo%281%29.pdf>>

Oliveira, Sara R. (2008) *Cyberbullying: fenómeno sem rosto*. [Consultado em 17 de Março 2010] Disponível em:  
<<http://www.educare.pt/educare/Actualidade/Noticia.aspx?contentid=45F563C7EFA931C9E04400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0>>

Ortega, Rosario; Calmaestra, Juan e Mérgan, Joaquín Mora (2008) *Cyberbullying*. International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 8, 2, 183-192.

[Consultado em 2 de Abril 2010] Disponível em:

<<http://www.ijpsy.com/volumen8/num2/194/cyberbullying-ES.pdf?PHPSESSID=b1a20ace7b72cd1d154d80194356cd03> >

Paías, Tânia (s/d). *O Cyberbullying*. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:

< [http://portalbullying.com.pt/artigos\\_semanais/cyberbullying.pdf](http://portalbullying.com.pt/artigos_semanais/cyberbullying.pdf) >

Pinheiro, Luzia de Oliveira (s/d) *Cyberbullying*. [Consultado em 16 de Junho 2010]

Disponível em: < <http://sites.google.com/site/cyberbullyingportugal/Home> >

Pinheiro, Luzia de Oliveira (2009) *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia: desenvolvimento e políticas sociais)

- Universidade do Minho, Minho. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>>

Ponte, Cristina e Cardoso, Daniel (2009) *Explorando perfis de vulnerabilidade para uma sensibilização do risco. Contributos do Projecto EU Kids Online*. [Consultado em 25 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/Ponte%20Cardoso%20Cyberbullying%202009.pdf>>

Privitera, Carmel e Campbell, Marilyn Anne (2009) *Cyberbullying : the new face of workplace bullying?* CyberPsychology and Behavior, 12(4). pp. 395-400. [Consultado em 30 de Junho 2010] Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/26670/3/26670.pdf>>  
Revista VISÃO edição nº. 888 (11 a 17 Março 2010)

Shiraldi, Kelly (2008) *Cyber-bullying: The New Generation of Mean*. College of Saint Elizabeth Journal of the Behavioral Sciences, Vol. 2. [Consultado em 30 de Junho 2010] Disponível em: <<http://psychology.cse.edu/Journal/journals/Cyberbullying.pdf>>

Smahel, David; Blinka, L. e Sevcikova, A. (2009) *Cyberbullying among Czech Internet Users: Prevalence across Age Groups*. In EU Kids Conference June 2009. [Consultado

em 30 de Junho 2010] Disponível em:

<<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I/Conference%20Papers%20and%20abstracts/Home.aspx>>

Smith, Peter K. (2006) *Ciberacoso: naturaleza y extensión de un nuevo tipo de acoso dentro y fuera de la escuela*. [Consultado em 2 de Maio 2010] Disponível em:

<[http://www.observatorioperu.com/lecturas/ciberacoso\\_pSmith.pdf](http://www.observatorioperu.com/lecturas/ciberacoso_pSmith.pdf)>

Smith, Peter K. et al. (2006) *An Investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying*. [Consultado em 4 de Maio 2010] Disponível em:

<<http://www.education.gov.uk/research/data/uploadfiles/RBX03-06.pdf>>

Smith, Peter K. et al. (2008) *Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 49:4, pp. 376-385. [Consultado em 6 de Maio 2010] Disponível em: <<http://mars.gold.ac.uk/media/SmithJCPP.pdf>>

Stop Cyberbullying. [Consultado em 3 de Abril 2010] Disponível em:

<[http://www.stopcyberbullying.org/how\\_it\\_works/index.html](http://www.stopcyberbullying.org/how_it_works/index.html)>

Traquina, Nelson (1999). *A redescoberta do Poder do Jornalismo: Um Estudo da Evolução Histórica do Paradigma do Agenda-Setting*. CAMBIASSU (Estudos em Comunicação), nº 1, vol VIII, São Luís. pp. 14-37

TSF. *Compreender o cyberbullying* - Entrevista da professora Ana Tomás de Almeida (Universidade do Minho) à TSF. [Consultado em 12 de Maio 2010] Disponível em:

<[http://tsf.sapo.pt/Programas/BlogsMaisCedo.aspx?content\\_id=1016877&audio\\_id=1562746](http://tsf.sapo.pt/Programas/BlogsMaisCedo.aspx?content_id=1016877&audio_id=1562746)>

Varela, Luís Gustavo et al. (s/d) *Cyberbullying: O despertar para uma nova violência*.

[Consultado em 5 de Maio 2010] Disponível em: <<http://ifc-araquari.edu.br/1/mct/2009/informatica/cyberbullying.pdf>>

Willard, Nancy (2004) *I Can't See You – You Can't See Me. How the Use of Information and Communication Technologies Can Impact Responsible Behavior*. Center for Safe and Responsible Internet Use. [Consultado em 14 de Abril 2010]  
Disponível em: <<http://www.csriu.org/cyberbully/docs/disinhibition.pdf>>

Willard, Nancy (2005) *Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats*. [Consultado em 14 de Abril 2010] Disponível em:  
<<http://www.cyberbully.org/cyberbully/docs/cbcteducator.pdf>>

Willard, Nancy (2010) *Cyberbullying, Cyberthreats & Sexting: Responding to the Challenge*. Center for Safe and Responsible Internet Use

Williams, Kirk R. e Guerra, Nancy G. (2007) *Prevalence and Predictors of Internet Bullying*. Journal of Adolescent Health 41, S14–S21. [Consultado em 3 de Junho 2010]  
Disponível em: <<http://www.wct-law.com/CM/Custom/Prevalence%20and%20Predictors%20of%20Internet%20Bullying.pdf>>

Wojtasik, Łukasz (2007) *Cyberbullying: Assessment of the problem in Poland*. [Consultado em 3 de Junho 2010] Disponível em:  
<<http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I/Conference%20Papers%20and%20abstracts/Home.aspx>>

Wolpert, Stuart (2008) *Bullying of teenagers online is common, UCLA psychologists report*. [Consultado em 16 de Junho 2010] Disponível em:  
<<http://newsroom.ucla.edu/portal/ucla/bullying-of-teenagers-online-is-64265.aspx>>

Wright, Vivian H. et al. (2009) *Cyberbullying: Using Virtual Scenarios to Educate and Raise Awareness*. Journal of Computing in Teacher Education, Volume 26/ Number 1. [Consultado em 23 de Julho 2010] Disponível em:  
<[http://www.iste.org/Content/NavigationMenu/Research/NECC\\_Research\\_Paper\\_Archives/NECC2009/Wright\\_Vivian\\_NECC09.pdf](http://www.iste.org/Content/NavigationMenu/Research/NECC_Research_Paper_Archives/NECC2009/Wright_Vivian_NECC09.pdf)>

## Anexos

### Notícias Bullying

N.º de peças jornalísticas recolhidas: 125

N.º de peças jornalísticas sobre *bullying*: 109

	<b>Janeiro 2010</b>	<b>Fevereiro 2010</b>	<b>Março 2010</b>	<b>Abril 2010</b>	<b>Maió 2010</b>	<b>Junho 2010</b>
<b>Lusa</b>	1		20	2		3
<b>Correio da Manhã</b>			6			
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>			9			1
<b>Diário de Notícias (DN)</b>			5	1		
<b>Público</b>			11	1	3	
<b>Jornal i</b>		1	3		1	
<b>Expresso</b>	2		2	1		

	<b>Julho 2010</b>	<b>Agosto 2010</b>	<b>Setembro 2010</b>	<b>Outubro 2010</b>	<b>Novembro 2010</b>	<b>Dezembro 2010</b>
<b>Lusa</b>	1	2	1	2		
<b>Correio da Manhã</b>			2	5	2	2
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>			1	1		
<b>Diário de Notícias (DN)</b>	1	1		3		
<b>Público</b>				2		1
<b>Jornal i</b>			3	3	1	
<b>Expresso</b>			1	1		

## Notícias Cyberbullying

N.º de peças jornalísticas recolhidas: 125

N.º de peças jornalísticas sobre *cyberbullying*: 16

	<b>Janeiro 2010</b>	<b>Fevereiro 2010</b>	<b>Março 2010</b>	<b>Abril 2010</b>	<b>Maió 2010</b>	<b>Junho 2010</b>
<b>Lusa</b>		3				
<b>Correio da Manhã</b>				1		
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>					1	
<b>Diário de Notícias (DN)</b>	3					
<b>Público</b>						
<b>Jornal i</b>		1	1			
<b>Expresso</b>		1	1		2	

	<b>Julho 2010</b>	<b>Agosto 2010</b>	<b>Setembro 2010</b>	<b>Outubro 2010</b>	<b>Novembro 2010</b>	<b>Dezembro 2010</b>
<b>Lusa</b>				1		
<b>Correio da Manhã</b>						
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>						
<b>Diário de Notícias (DN)</b>						
<b>Público</b>				1		
<b>Jornal i</b>						
<b>Expresso</b>						

### Vozes das Notícias

	<b>Agressores</b>	<b>Vítimas</b>	<b>Professores</b>	<b>Especialistas</b>	<b>Amigos vítimas</b>
<b>Lusa</b>		1	1	5	
<b>Correio da Manhã</b>			1	4	1
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>				6	
<b>Diário de Notícias (DN)</b>		1		7	
<b>Público</b>		1	7	11	1
<b>Jornal i</b>			6	9	1
<b>Expresso</b>		2	5	6	

	<b>Familiares do agressor</b>	<b>Familiares da vítima</b>	<b>Outros</b>
<b>Lusa</b>		1	20
<b>Correio da Manhã</b>		10	6
<b>Jornal de Notícias (JN)</b>			11
<b>Diário de Notícias (DN)</b>			10
<b>Público</b>		8	10
<b>Jornal i</b>			8
<b>Expresso</b>		3	8



## **Questionário jornalista Sandra Pereira (Jornal i)**

### **Notícia – Cyberbullying. Judiciária recebe uma queixa por dia (29 Março 2010)**

1. O bullying é um problema que não é específico de um país ou escola e Portugal não é excepção, tendo havido ultimamente várias denúncias de casos de bullying em escolas portuguesas. No entanto, as vítimas têm dificuldade em contar a alguém o que se está a passar e raramente o fazem. E isso manifesta-se também nas notícias publicadas sobre o tema, onde o testemunho da criança vítima raramente está presente. Na notícia que escreveram não existem testemunhos de nenhuma vítima de cyberbullying. Porquê? O facto de não terem procurado casos que envolvam cyberbullying foi uma opção vossa?

Na maioria dos casos de cyberbullying, as vítimas pedem o anonimato. Na notícia em causa, o caso da “Maria” aconteceu realmente e foi contada pelo Tito de Moraes, responsável pelo site Miúdos Seguros na Net, que ouve regularmente histórias deste género. Procuramos falar com a “Maria”, mas ela própria deu ordens para não fornecerem o contacto dela. No caso de menores, ainda é mais complicado pois os pais querem protegê-lo. Muitas vezes, as vítimas têm medo de represálias e por essa razão evitam expor-se. Ainda assim, têm aparecido relatos de pessoas vítimas de cyberbullying na comunicação social.

2. Será incorrecto um jornalista tentar conversar com uma criança vítima de bullying para depois publicar as suas palavras? O que será mais importante? Não interferir no sofrimento da criança ou denunciar a situação publicando o seu testemunho?

Não considero incorrecto um jornalista falar com uma criança vítima de bullying se ela estiver disposta a falar do que lhe aconteceu, com a devida autorização dos pais e eventuais psicólogos que acompanhem o caso. Incorrecto é se não respeitar o anonimato da criança ou escrever informações demasiado pessoais que ela não quer divulgar.

3. Na notícia que escreveram é a perspectiva da PJ e de vários especialistas sobre o assunto (como Tito de Moraes, João Amado e Luzia Pinheiro) que é apresentada. Na vossa opinião, enquanto jornalistas, será incorrecto tornar público o testemunho de uma criança vítima de bullying/cyberbullying ou pormenores como o nome dessa criança? O que deve e o que não deve ser publicado?

Como referi, não é incorrecto publicar o testemunho de uma vítima desde que seja salvaguardada a identidade ou dados que permitam que seja identificada. Mesmo que o testemunho seja publicado, um menor não pode ser fotografado de cara.

4. Numa situação de bullying, optavam por tentar ter contacto com a criança vítima para terem o seu testemunho, mesmo que não o publicassem, ou optavam por ter apenas contacto com a mãe ou o pai?

Tentava ambos. O testemunho da criança é importante para perceber como viveu a agressão, mas o dos pais dá outra perspectiva do caso, já que eles também sofrem com a situação do filho.

5. As situações que envolvem crianças são sempre mais delicadas e difíceis de publicar, por dever tomar-se determinados cuidados. O que consideram ser importante e que não deve ser esquecido quando se escreve e se publica uma situação que envolve uma criança?

Primeiro, é preciso certificar-se se a criança está preparada e quer mesmo contar a sua história (se não está a sofrer qualquer pressão externa), e se os pais ou eventuais psicólogos que a acompanhem estão de acordo. Depois, é preciso ouvir outras versões da história para perceber se o testemunho é credível e perceber se tudo se passou tal como o contado. Por fim, no caso de menores, a regra do anonimato – para salvaguardá-la da exposição pública e represálias – deve ser respeitada. Em casos mais graves, como agressões sexuais, a privacidade da criança prevalece e não se deve escrever algo que possa ter repercussões na sua vida pessoal e íntima. De resto, o ponto 7 do Código Deontológico dos Jornalistas refere que “o jornalista não deve identificar, directa ou indirectamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade”. A Lei de protecção de crianças e jovens em perigo refere também que “Os órgãos de comunicação social, sempre que divulguem situações de crianças ou jovens em perigo, não podem identificar, nem transmitir elementos, sons ou imagens que permitam a sua identificação, sob pena de os seus agentes incorrerem na prática de crime de desobediência”.

6. Enquanto jornalistas, como acham que devem aparecer as crianças vítimas de bullying/ cyberbullying nas notícias? Será que pormenores como o seu nome devem ser ocultados?

Os nomes devem ser ocultados se tal for a sua vontade e se incorrer o risco de sofrer represálias. Como são casos complexos e nada agradáveis, a maioria recusa-se expor-se e não divulga nomes.

### **Questionário jornalista Rosa Ramos (Jornal i)**

#### **Notícia – Cyberbullying. Judiciária recebe uma queixa por dia (29 Março 2010)**

1. O bullying é um problema que não é específico de um país ou escola e Portugal não é excepção, tendo havido ultimamente várias denúncias de casos de bullying em escolas portuguesas. No entanto, as vítimas têm dificuldade em contar a alguém o que se está a passar e raramente o fazem. E isso manifesta-se também nas notícias publicadas sobre o tema, onde o testemunho da criança vítima raramente está presente. Na notícia que escreveram não existem testemunhos de nenhuma vítima de cyberbullying. Porquê? O facto de não terem procurado casos que envolvam cyberbullying foi uma opção vossa?

O facto de não termos procurado casos prendeu-se com um dos maiores constrangimentos que as redacções enfrentam actualmente (e particularmente os jornais

diários): a falta de tempo. Conscientemente, não terá sido uma opção nossa. A rotina a isso obrigou – até porque o trabalho em causa não é uma reportagem. O enfoque foi mais noticioso, mais “hard news”, e não tanto um ângulo de reportagem (que obrigaria, aí sim, a conversar com vítimas de cyberbullying). No entanto, e admitindo que se trata de uma mera impressão pessoal (eventualmente mal fundamentada), acredito que possa ser difícil encontrar casos (não sei se pelos motivos que refere). Talvez porque a própria sociedade ainda desconheça o que é o cyberbullying. E que configura crime.

2. Será incorrecto um jornalista tentar conversar com uma criança vítima de bullying para depois publicar as suas palavras? O que será mais importante? Não interferir no sofrimento da criança ou denunciar a situação publicando o seu testemunho?

Não creio que conversar com uma criança que tenha passado por essa situação seja sinónimo de “interferir” no seu sofrimento. Acredito, aliás, que a denúncia é o melhor caminho – até porque os média têm um papel muito importante (ou deverão tentar ter) no sentido de sensibilizar os agentes sociais para determinadas realidades. E este é um fenómeno ainda pouco debatido em Portugal – mesmo junto dos professores, dos educadores e das famílias. Naturalmente que, por se tratar de uma criança, a abordagem terá de ser, forçosamente, cuidadosa. E a sua identidade salvaguardada.

3. Na notícia que escreveram é a perspectiva da PJ e de vários especialistas sobre o assunto (como Tito de Moraes, João Amado e Luzia Pinheiro) que é apresentada. Na vossa opinião, enquanto jornalistas, será incorrecto tornar público o testemunho de uma criança vítima de bullying/cyberbullying ou pormenores como o nome dessa criança? O que deve e o que não deve ser publicado?

Neste caso, em todos os outros, deverão imperar, sempre, os valores e os deveres éticos e deontológicos inerentes ao exercício do jornalismo. Não será, nunca, incorrecto, tornar público o testemunho de uma criança vítima de bullying, desde que o mesmo seja consentido pela própria e, como é menor, pelos pais. E desde que o testemunho seja recolhido de forma ética. O nome da criança deverá ser omitido se os pais assim o entenderem (sendo que neste caso, e para evitar, eventualmente, represálias, talvez seja recomendável omiti-lo e recorrer-se a um nome fictício).

4. Numa situação de bullying, optavam por tentar ter contacto com a criança vítima para terem o seu testemunho, mesmo que não o publicassem, ou optavam por ter apenas contacto com a mãe ou o pai?

Com os dois - sendo que o contacto com a criança é o mais importante de tudo. Desde logo, porque os pais não estão familiarizados, geralmente, com este tipo de fenómeno. E também por uma questão de compreender e conhecer, verdadeiramente, a criança. Mas, tratando-se de uma menor, o contacto com os pais será sempre igualmente importante e nunca dispensável.

5. As situações que envolvem crianças são sempre mais delicadas e difíceis de publicar, por dever tomar-se determinados cuidados. O que consideram ser importante e que não deve ser esquecido quando se escreve e se publica uma situação que envolve uma criança?

Nunca podem ser publicadas fotografias de um menor sem autorização dos pais, por exemplo. Quanto à escrita, tudo dependerá do tipo de assunto que se está a tratar...

6. Enquanto jornalistas, como acham que devem aparecer as crianças vítimas de bullying/ cyberbullying nas notícias? Será que pormenores como o seu nome devem ser ocultados?

Pessoalmente, julgo que sim, que deverão ser ocultados. Mesmo que para um jornalista possa parecer mais sedutor não o fazer. Acredito que devem ser omitidos, até por uma questão de segurança da própria criança.

### **Questionário Jornalista Helena Fidalgo (Lusa)**

#### **Notícia – Bullying: Mãe de menino de dez anos queixa-se de que o filho está a ser vítima de violência em escola de Mirandela (3 Março 2010)**

1. O bullying é um problema que não é específico de um país ou escola e Portugal não é excepção, tendo havido ultimamente várias denúncias de casos de bullying em escolas portuguesas. No entanto, as vítimas têm dificuldade em contar a alguém o que se está a passar e raramente o fazem. E isso manifesta-se também nas notícias publicadas sobre o tema. Na notícia que escreveu o testemunho da criança vítima também não está presente. Porquê? Foi a mãe da vítima que não deu autorização que a criança falasse ou foi uma opção sua não incluir o testemunho da criança vítima de bullying?

-Não vejo relação entre a dificuldade que as crianças têm em expressar a violência de que estão a ser vítimas e o não aparecimento do seu testemunho nas notícias. No caso concreto, não aparece por opção minha, aliás, quando se trata de crianças envolvidas em situações deste género é um princípio aceite e praticado por parte significativa dos jornalistas e órgãos de Comunicação Social não identificar ou expor as crianças. Isso nada acrescentaria à informação e pode ser mais prejudicial do que benéfico. Penso que haverá outros profissionais mais competentes e legitimados para essa abordagem com a vítima e que o nosso trabalho não deve interferir no deles.

2. Será incorrecto um jornalista tentar conversar com uma criança vítima de bullying para depois publicar as suas palavras? O que será mais importante? Não interferir no sofrimento da criança ou denunciar a situação publicando o seu testemunho?

- Não considero necessário o seu testemunho direto para denunciar a situação e para a eficácia da denúncia.

3. Na notícia que escreveu é a perspectiva da mãe da vítima que é apresentada. É Graça Caldeiras – a mãe – que denuncia a situação à imprensa. O nome da mãe é dado a conhecer, porém o nome da criança vítima está também ausente. Apenas se sabe a idade da criança e a escola que frequenta. Na sua opinião, como jornalista, é incorrecto tornar público pormenores como o nome da criança? O que deve e o que não deve ser publicado?

-Independentemente de juízos de valor, havemos de cair sempre no paradoxo de, mesmo optando pela reserva da identidade e da privacidade da vítima, não conseguirmos evitar que ela seja identificada. Mesmo que indiretamente, seja através do nome da mãe, da escola, da localidade, sobretudo nos meios mais pequenos e em que há um maior proximidade entre as pessoas.

4. Durante o contacto que teve com a mãe, Graça Caldeiras, houve possibilidade de ter contacto com a criança? A criança manifestou vontade de conversar consigo?

-Não e não procurei que tal acontecesse.

5. As situações que envolvem crianças são sempre mais delicadas e difíceis de publicar, por dever tomar-se determinados cuidados. O que considera ser importante e que não deve ser esquecido quando se escreve e se publica uma situação que envolve uma criança?

-O mais importante é termos consciência de que se trata de uma criança e de que nós jornalistas nem sempre estaremos preparados para saber lidar com algumas situações mais complexas e sensíveis. Talvez o seu estudo contribua para fazer alguma reflexão que permitam tomar melhores cuidados no futuro.

6. A criança vítima de bullying da notícia que escreveu tinha apenas dez anos. Recusa-se a regressar à escola, está a ser medicada e acompanhada por um psicólogo. Teve alguns cuidados na redacção da notícia de modo a não interferir no sofrimento da criança?

Penso que as minhas respostas anteriores respondem a esta pergunta.

### **Questionário Jornalista Elisabete Silva (DN)**

#### **Notícia – A vida infernal das vítimas de humilhação pela Net (31 Janeiro 2010)**

1. O cyberbullying é um problema que não é específico de um país e Portugal não é excepção, tendo havido ultimamente várias denúncias de casos de cyberbullying. No entanto, as vítimas têm dificuldade em contar a alguém o que se está a passar e raramente o fazem. E isso manifesta-se também nas notícias publicadas sobre o tema. Na notícia que escreveu, o testemunho das vítimas não estão presentes. São mencionados, no entanto, três nomes de vítimas: Ana, Filipa e Cátia. Estes são os nomes verdadeiros das vítimas? Se sim, porque optou pelos nomes verdadeiros? Foram as vítimas que deram a sua autorização para tal?

Não, os nomes são fictícios. Na edição em papel foi colocada uma nota a dizer que os nomes não eram os verdadeiros (algo que não apareceu na edição online). Os casos são reais, mas no cyberbullying, tal como em muitas outras situações do género, as pessoas continuam a ter medo de dar a cara, pois receiam represálias. Fazem as denúncias e até podem falar com os jornalistas, mas pedem o anonimato.

2. Como teve conhecimento destas três situações de cyberbullying? Teve contacto com as vítimas identificadas na notícia?

Através das denúncias que fizeram, ou seja, pela pessoa que as estava a acompanhar. Não tive contacto directo com elas.

3. Será incorrecto um jornalista tentar conversar com uma criança menor de idade, vítima de bullying/cyberbullying, para depois publicar as suas palavras? O que será mais importante? Não interferir no sofrimento da criança ou denunciar a situação publicando o seu testemunho?

Não considero incorrecto, mas depende um pouco da situação. Naturalmente que são casos muito delicados, pelo que, em primeiro lugar, há que ter a autorização do responsável pela criança. Se for dada a autorização, então não há qualquer impedimento. Será também esse mesmo responsável a decidir se a criança pode ser identificada pelo nome próprio e se se pode tirar fotografias. Mesmo que a opção seja o anonimato, é importante o depoimento na primeira pessoa. No caso de menores de idade e em casos de violência, o normal é optar pelo anonimato. O bullying já é muito tratado nos media, mas o cyberbullying ainda está um pouco “na sombra”. A melhor forma de alertar para uma realidade que se está a tornar cada vez mais assustadora, devido à evolução dos meios tecnológicos, é dar a conhecer casos reais. São esses que têm mais impacto nos leitores e que podem alertar de forma mais eficaz para o cyberbullying, principalmente chamado a atenção de outras vítimas que não estão sós. No caso dos pais, é desta forma que ficam a saber os perigos que os filhos correm, mas para os adultos que são vítimas de cyberbullying é também uma fonte de informação de como podem actuar.

4. Na notícia que escreveu é a perspectiva de especialistas como Tito Morais, João Amado e Sónia Seixas que são apresentadas. Tendo em conta que o cyberbullying é ainda um fenómeno pouco conhecido em Portugal, será importante publicar as palavras de especialistas? Será que as suas palavras servem para alertar a população para um fenómeno que se encontra em permanente crescimento?

Neste momento é a melhor forma de o fazer. As queixas estão a aumentar, mas este tipo de bullying é mais silencioso do que o “tradicional” bullying. Há muito receio de admitir que se é vítima. Portanto, pessoas como as que citei na notícias assumem grande importância, pois são elas que tentam dar a conhecer esta realidade e como se deve agir tanto para evitar ser vítima de cyberbullying, como o que fazer quando já se está a ser alvo. São pessoas como estas (felizmente há mais) que tentam sensibilizar escolas, por exemplo, para este problema. Ou seja, são elas que estão a fazer um trabalho base para que exista uma maior protecção contra o cyberbullying.

5. As situações que envolvem vítimas menores de idade são sempre mais delicadas e difíceis de publicar, por dever tomar-se determinados cuidados. O que considera ser importante e que não deve ser esquecido quando se escreve e se publica uma situação que envolve uma criança? Quais as regras éticas a ter em conta?

Pessoalmente, lidei muito pouco com crianças em situações delicadas. Estive muitos anos no Desporto e o tratamento é muito diferente. Recentemente estive no IPO e realizei uma reportagem de crianças com cancro. Além do que já escrevi na outra pergunta (pedir autorização) há, naturalmente, que ter uma sensibilidade completamente diferente. Existem regras básicas, sendo a que considero essencial não explorar as emoções, o sofrimento da criança. O que tentei fazer foi simplesmente conversar com elas. Saber os seus gostos (brincadeiras, músicas, por exemplo), falar sobre a família, coisas que parecem triviais, mas que as próprias crianças acabam por fazer a ligação para a doença contando-me o que tiveram de deixar de fazer, o que mais desejavam, os momentos mais difíceis... Mas tentava sempre que a conversa sobre a doença não se prolongasse, tendo sempre uma história mais alegre pelo meio. Não posso dizer qual é a melhor forma. Acho que acaba por depender muito do jornalista e da própria criança. Mas é essencial ter respeito e não esquecer que está ali uma criança.

6. Qual a razão que a levou a escrever sobre cyberbullying?

Precisamente por ser um assunto pouco falado. Já há muito que tinha ouvido falar sobre o cyberbullying e já tinha lido uns trabalhos feitos nos EUA. Na altura em que escrevi a notícia recordo-me que tinha acontecido um caso de bullying e de cyberbullying a uma adolescente. Resolvi então preparar o texto.

## Questionário

Olá, o meu nome é Ana Catarina Cruz e estou a fazer uma pesquisa sobre Cyberbullying para a minha tese de mestrado, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Para este trabalho, precisava muito da tua ajuda. O questionário é anónimo e todas as respostas serão tratadas com confidencialidade, ou seja, não será necessário escreveres o teu nome e ninguém irá ter conhecimento das tuas respostas, nem mesmo eu. Quando acabares de preencher, mete o questionário dentro do envelope e fecha-o para me ser entregue assim. Muito obrigada pela tua ajuda.

- a) Idade: \_\_\_\_\_
- b) Sexo: \_\_\_\_\_
- c) Ano escolar que frequentas: \_\_\_\_\_
- d) Com quem vives?

Mãe	
Pai	
Ambos os pais	
Irmãos	
Avós	
Tios	
Outro _____	

- e) Idade da mãe: \_\_\_\_\_
- f) Profissão da mãe: \_\_\_\_\_
- g) Escolaridade da mãe: \_\_\_\_\_
- h) Idade do pai: \_\_\_\_\_
- i) Profissão do pai: \_\_\_\_\_
- j) Escolaridade do pai: \_\_\_\_\_
- k) Tens irmãos? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
- Se sim, quantos anos têm? \_\_\_\_\_

### **PRIMEIRA PARTE**

Assinala as respostas com um X:

1. Tens computador em casa? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
2. Se tens computador em casa, em que divisão da casa está?

No teu quarto	
---------------	--



No quarto dos teus irmãos	
Na sala	
No quarto dos teus pais	
No escritório	
Noutra divisão da casa	
Qual? _____	

3. Quanto tempo gastas com a Internet e com o computador? Escolhe a resposta que te parece mais próxima com o tempo que gastas.

Alguns minutos por dia	
Cerca de 1h por dia	
Entre 1h e 3h diárias	
Entre 3h e 5h diárias	
Mais do que 5h diárias	

4. O que fazes na Internet?

Consulta de notícias online	
Redes sociais (Facebook, Hi5, ...)	
Consulta de emails	
Pesquisas para trabalhos escolares	
Jogos online	
Chats (MSN...)	
Downloads de música ou filmes	
Outros	
Quais? _____	

5. Os teus pais também utilizam a Internet? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

6. Tens telemóvel? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

- 6.1. Com que idade tiveste o teu primeiro telemóvel? \_\_\_\_\_

- 6.2. Utilizas mais o telemóvel para:

Enviar mensagens escritas	
Enviar mensagens multimédia	
Fazer vídeos	
Tirar fotografias	
Fazer chamadas	

Ir à Internet	
Ouvir música	
Outra actividade. Qual? _____	

## **SEGUNDA PARTE**

1. Costumas conversar com alguém sobre os cuidados a ter quando navegas na Internet? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Se sim, com quem? Marca todas as pessoas com quem costumavas falar.

<b>a)</b> Pais	
<b>b)</b> Amigos	
<b>c)</b> Professores	
<b>d)</b> Irmãos	
<b>e)</b> Primos	
<b>f)</b> Com ninguém	
<b>g)</b> Com outra pessoa Quem? _____	

2. Nessas conversas sobre os cuidados a ter quando navegas na Internet, falam de que tipo de cuidados?

Não dar informação pessoal a desconhecidos na Internet, como o nome, morada ou número de telefone	
Não conversar na Internet com desconhecidos	
É importante contar aos teus pais quando uma pessoa desconhecida fala contigo na Internet	
Não colocar fotografias ou vídeos pessoais na Internet	
Não colocar o número de telefone ou a morada no perfil de uma rede social	
Outros conselhos Quais? _____	

3. Já tiveste ou conheces alguém que tenha tido uma situação desagradável quando estava a utilizar a Internet? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

4. Se sim, o que aconteceu? (assinala com um X)

Desconhecidos usaram informação pessoal, como o teu nome, morada ou número de telefone	
Desconhecidos conversaram contigo na Internet	
Fotografias ou vídeos pessoais, colocados na Internet, foram usados por outras pessoas	

Outros Quais? _____	
------------------------	--

5. Há outros riscos da navegação na Internet ou do uso do telemóvel. Lê as frases seguintes e marca com um X as que já aconteceram contigo:
- A) Alguém descobriu a tua password do email, rede social (Facebook, Hi5..) ou do Messenger e fazer-se passar por ti \_\_\_\_\_
- B) Receberes várias vezes emails, comentários no Facebook ou Hi5 ou mensagens no Messenger em que te chamam nomes ou te ameaçam \_\_\_\_\_
- C) Alguém contar um segredo ou uma informação pessoal sobre ti na Internet, que não querias que as outras pessoas soubessem \_\_\_\_\_
- D) Alguém pode publicar fotografias tuas ou vídeos pessoais sem a tua autorização e sem tu saberes \_\_\_\_\_
- E) Alguém enviar-te mensagens para o telemóvel em que te chamam nomes ou te ameaçam \_\_\_\_\_
- F) Alguém pode enviar, através do telemóvel, de forma repetida, uma fotografia ou um vídeo teu que não querias que outras pessoas vissem \_\_\_\_\_

No caso de teres respondido a alguma das situações anteriores:

5.1. Conhecias a pessoa que te fez isso? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

5.2. Contaste a alguém o que se passava? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

A quem? \_\_\_\_\_

5.3. Quantas vezes é que esta situação aconteceu?

Uma ou duas vezes	Poucas vezes durante o mês	Várias vezes por dia	Várias vezes durante o mês

6. Conheces alguém a quem tenha acontecido alguma das situações anteriores?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Se sim, qual? (assinala com um X)

A)	
B)	

<b>C)</b>	
<b>D)</b>	
<b>E)</b>	
<b>F)</b>	

7. E tu, já praticaste alguma das situações anteriores? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Se sim, qual? (assinala com um X)

<b>A)</b> usaste a password do email, rede social (Facebook, Hi5..) ou do Messenger de outra pessoa e fingiste ser essa pessoa	
<b>B)</b> enviaste várias vezes emails, comentários no Facebook ou Hi5 ou mensagens no Messenger em que chamaste nomes ou ameaçaste outra pessoa	
<b>C)</b> contaste um segredo ou uma informação pessoal sobre outra pessoa na Internet	
<b>D)</b> publicaste fotografias ou vídeos pessoais de outra pessoa sem autorização e sem essa pessoa saber	
<b>E)</b> enviaste mensagens para o telemóvel em que chamavas nomes ou te ameaçavas alguém	
<b>F)</b> enviaste, através do telemóvel, de forma repetida, uma fotografia ou um vídeo de outra pessoa que era pessoal e que não era para outras pessoas verem	

7.1. Conhecias a pessoa a quem fizeste isso? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

7.2. Quantas vezes é que esta situação aconteceu? (assinala com um X a resposta correcta)

Uma ou duas vezes	Poucas vezes durante o mês	Várias vezes por dia	Várias vezes durante o mês

### **TERCEIRA PARTE**

O bullying e o cyberbullying às vezes aparecem nas notícias.

1. Lembraste de ter visto ou lido alguma notícia sobre bullying ou sobre cyberbullying? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

2. Se sim, podes fazer aqui um resumo do que aparecia na notícia? Lembraste de quem aparecia na notícia?

---

---

---

---

3. Como achas que se devia falar de bullying ou de cyberbullying nas notícias?

---

---

---

**Obrigada por responderes a este questionário**

### **Documento para os pais:**

Caros pais:

O meu nome é Ana Catarina Cruz e frequento o segundo ano do Mestrado de Estudos dos Media e Jornalismo, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade de Lisboa.

Neste momento, estou a desenvolver uma pesquisa que me irá ajudar com a minha Tese de Mestrado, a qual irá abordar o *cyberbullying* (*bullying* virtual). Esta pesquisa tem como objectivo perceber aquilo que as crianças/jovens sabem ou não sobre o assunto, bem como se já tiveram conhecimento de situações de *cyberbullying* ou se elas próprias já participaram em situações do género.

Para isso, necessito da vossa autorização, uma vez que necessito que o(a) seu(sua) filho(a) responda a um questionário sobre este tema. Todas as informações que o(a) seu(sua) filho(a) me der, serão tratadas de forma anónima e confidencial.

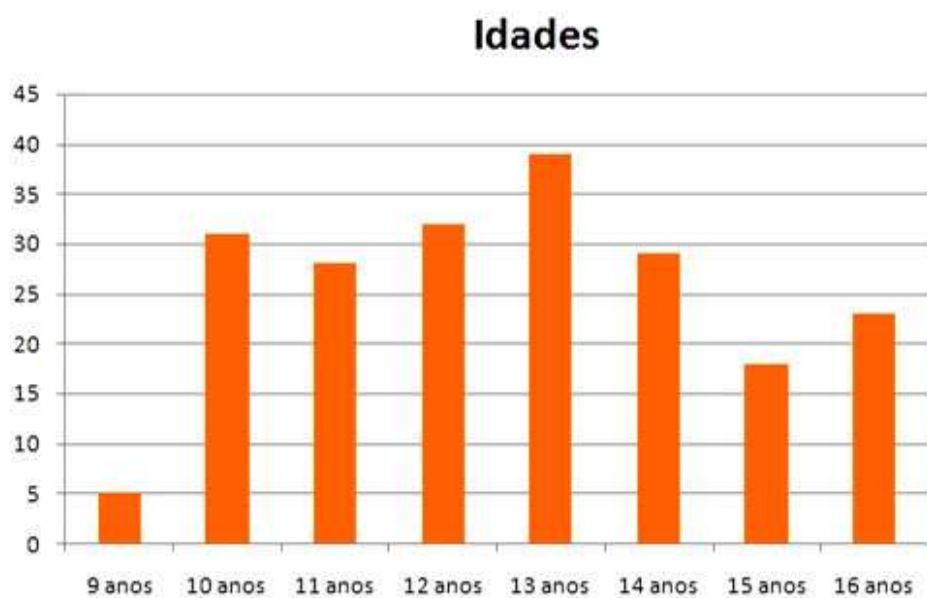
Em caso de esclarecimentos pode contactar-me através do endereço electrónico: [anacatarinacruz\\_tita@hotmail.com](mailto:anacatarinacruz_tita@hotmail.com).

Grata pela atenção,

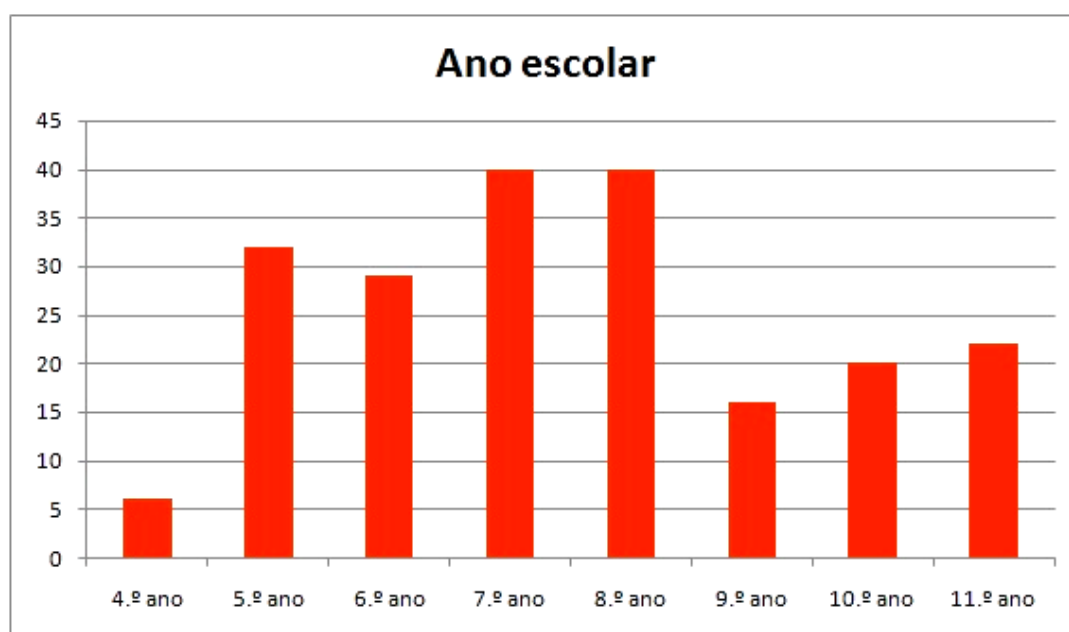
Ana Catarina Cruz

## Gráficos

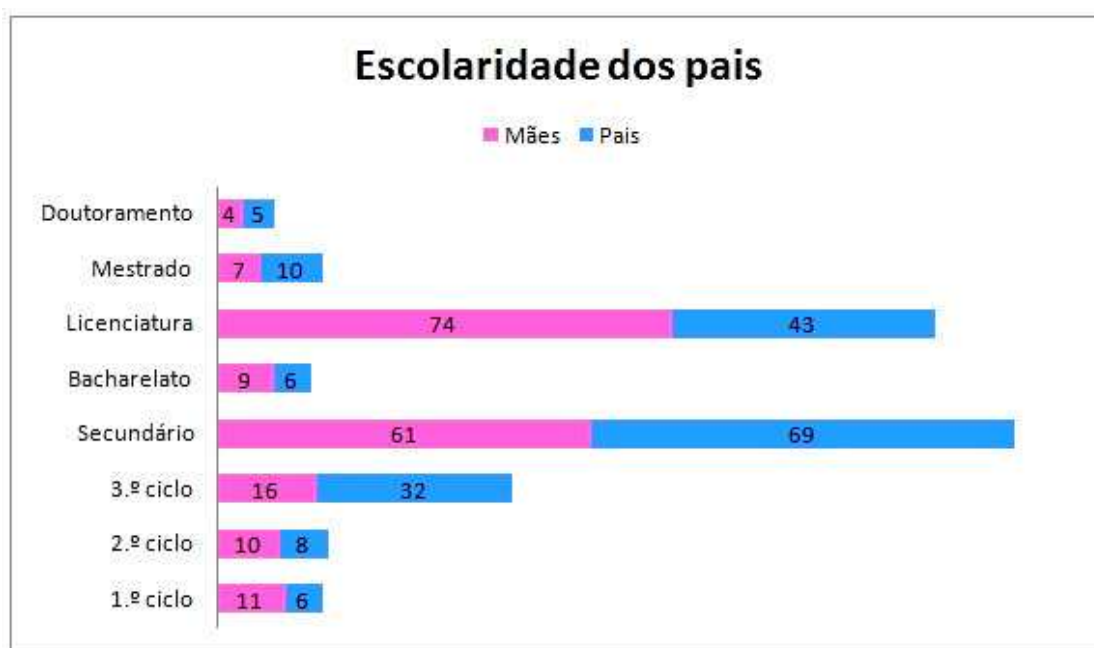
**Gráfico 1 – Idades dos participantes**



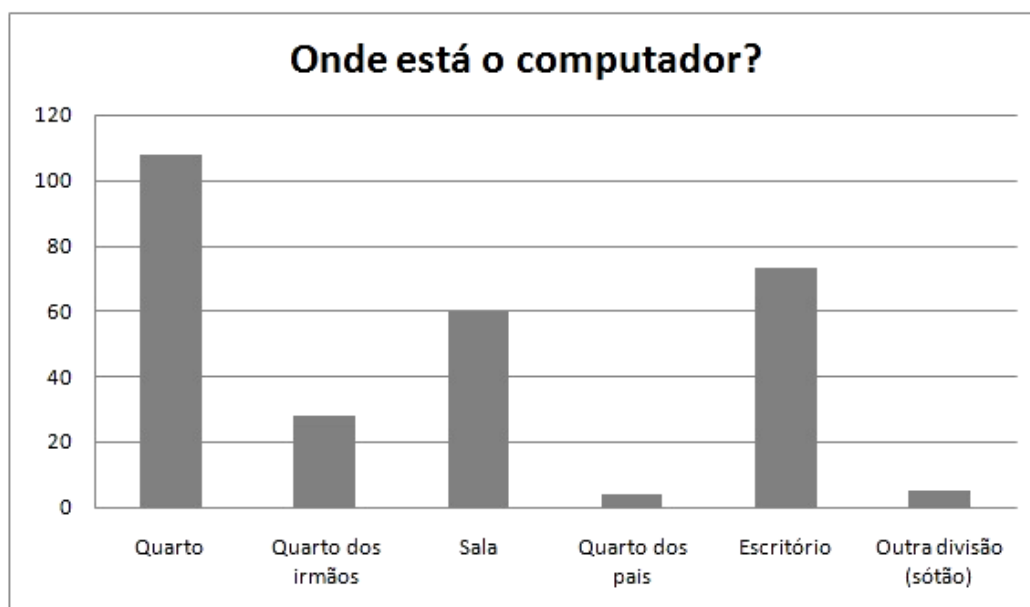
**Gráfico 2 – Ano escolar dos participantes**



**Gráfico 3 – Escolaridade dos pais dos participantes**

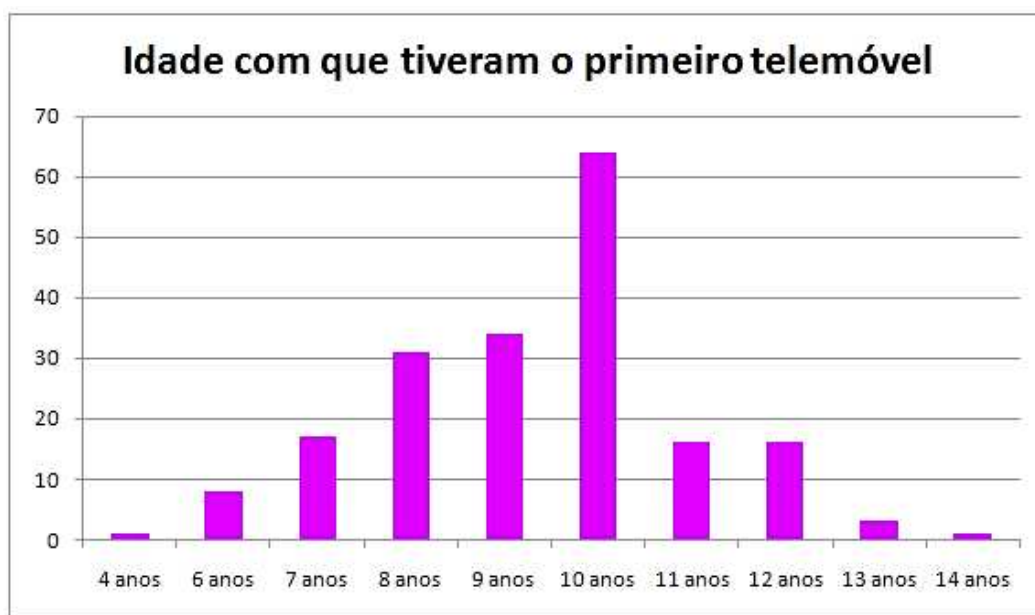


**Gráfico 4 – Divisão da casa onde os participantes têm o computador**

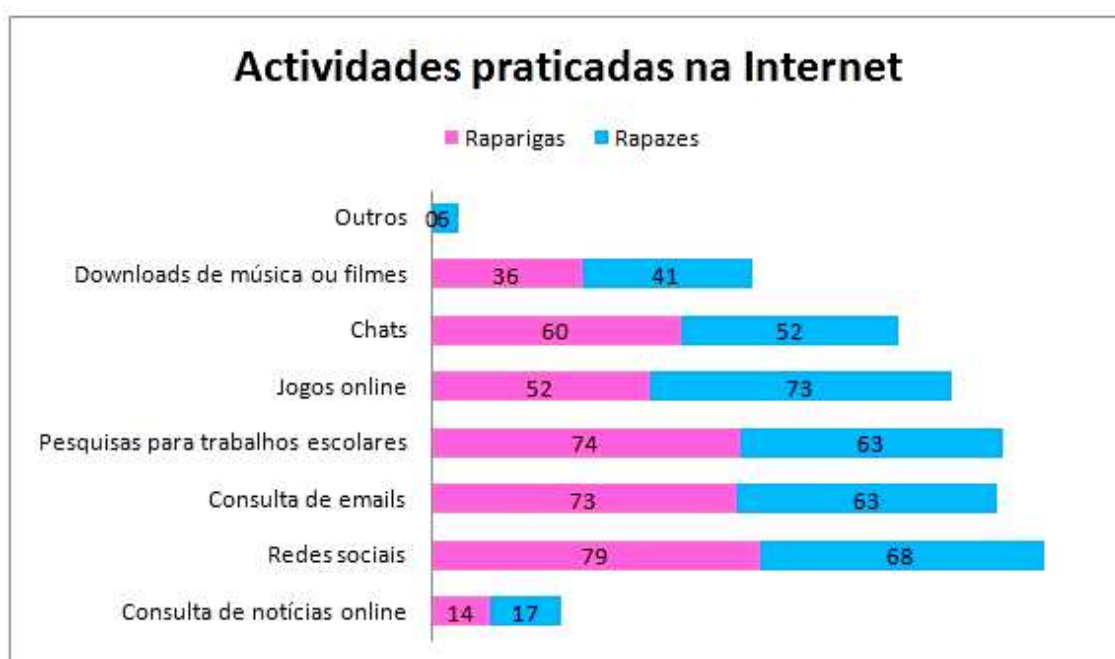




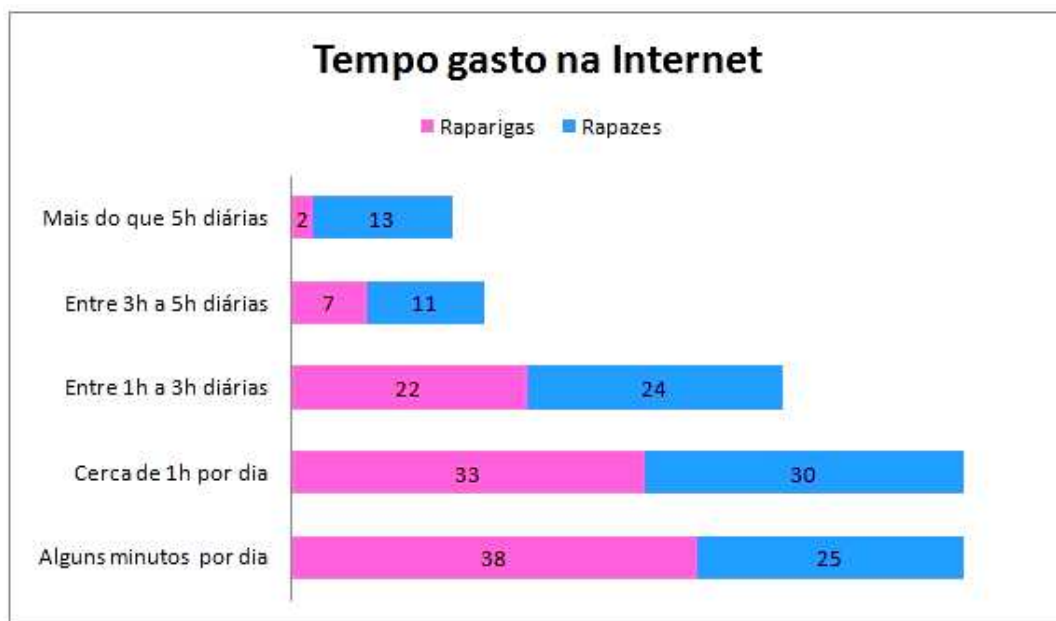
**Gráfico 5 – Idade com que tiveram o primeiro telemóvel**



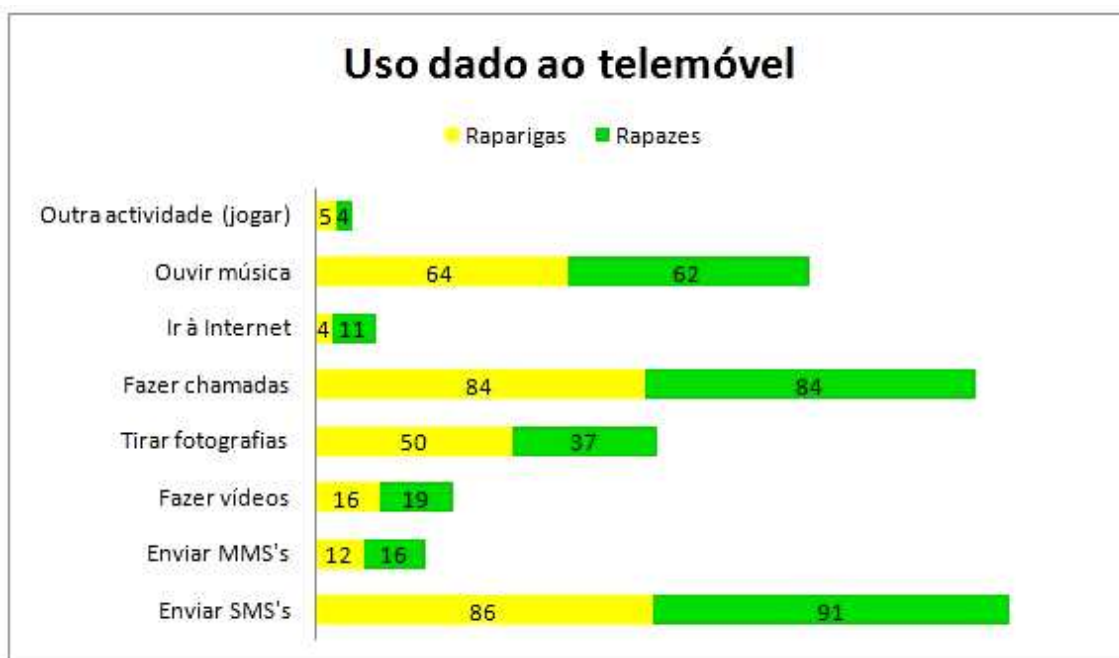
**Gráfico 6 – Actividades praticadas no ciberespaço**



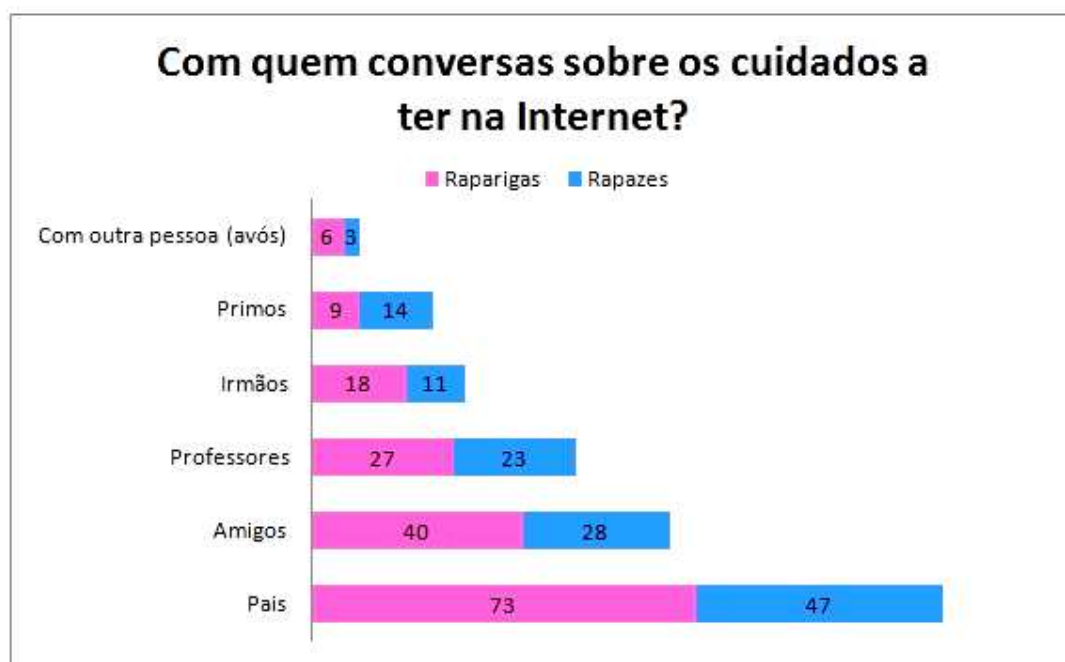
**Gráfico 7 – Tempo dispendido com a Internet**



**Gráfico 8 – Uso dado ao telemóvel**



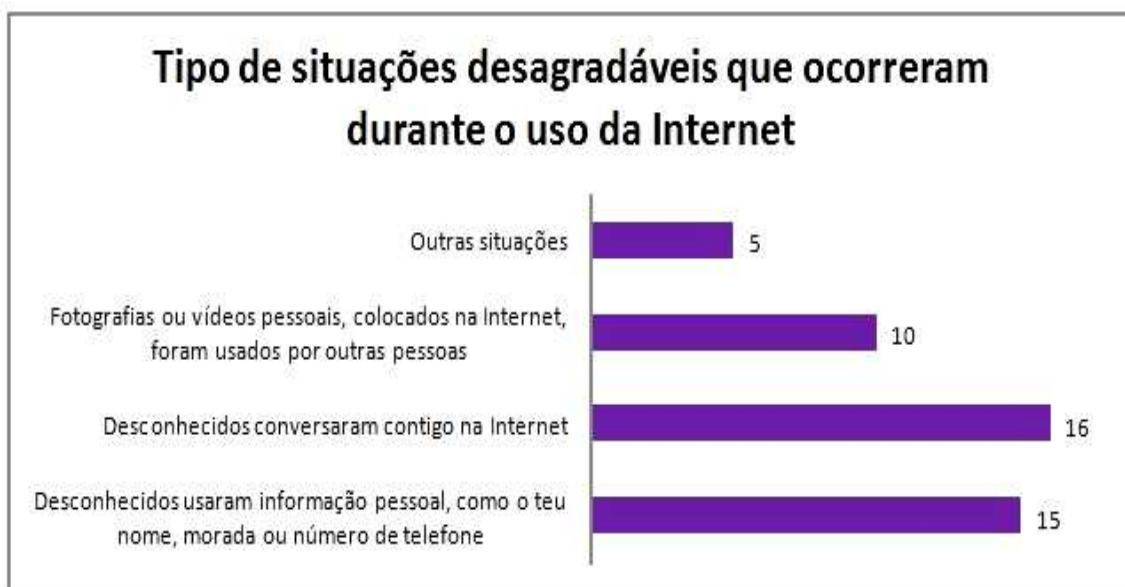
**Gráfico 9 – Com quem conversam sobre os cuidados a ter no ciberespaço?**



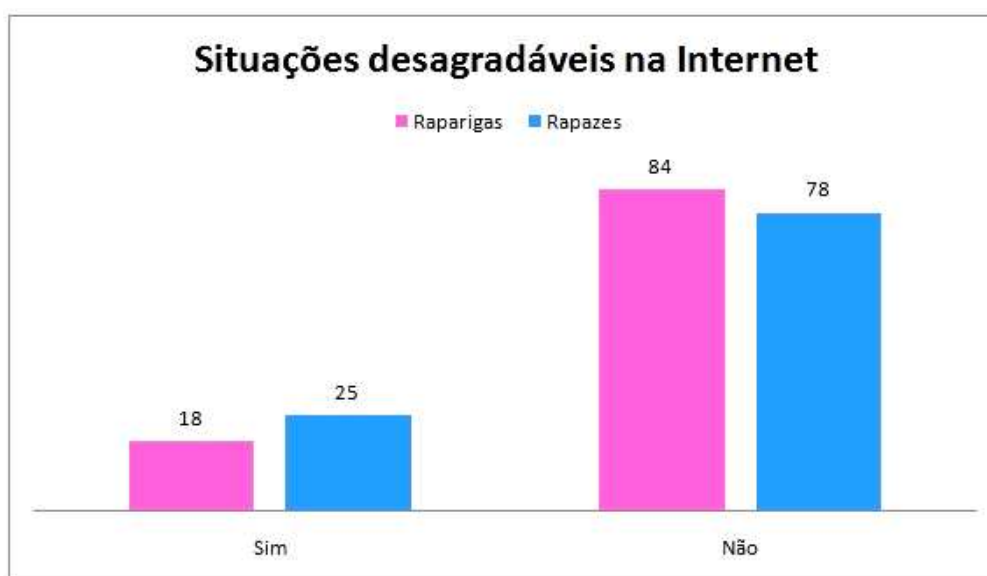
**Gráfico 10 – Tipos de cuidados de que falam**



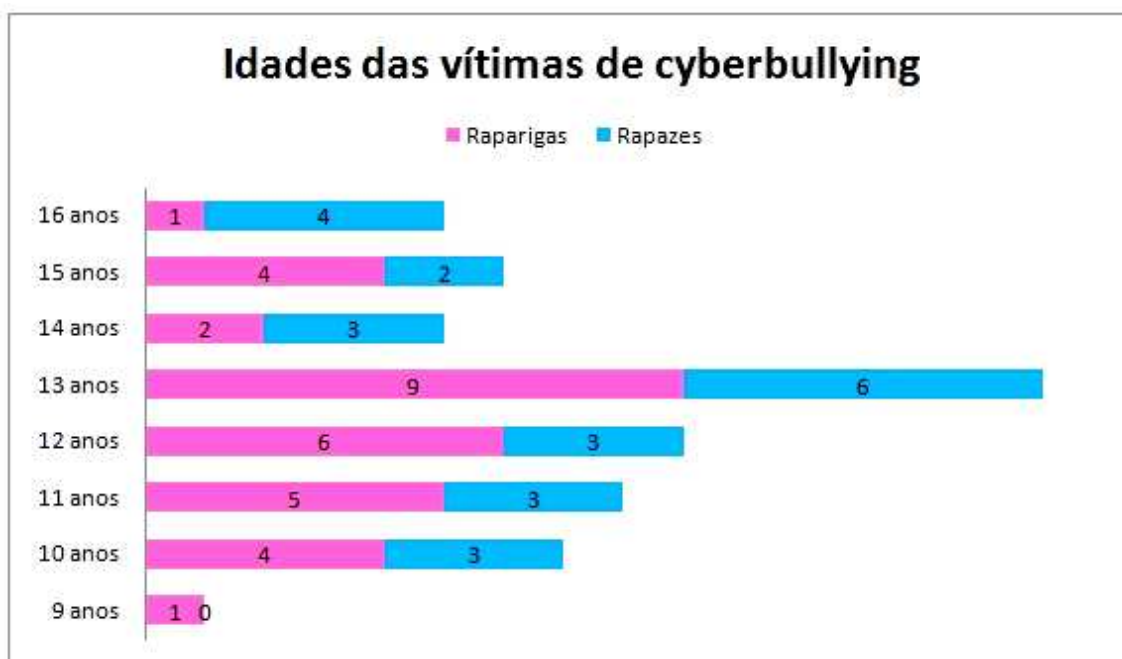
**Gráfico 11 – Situações desagradáveis no ciberespaço**



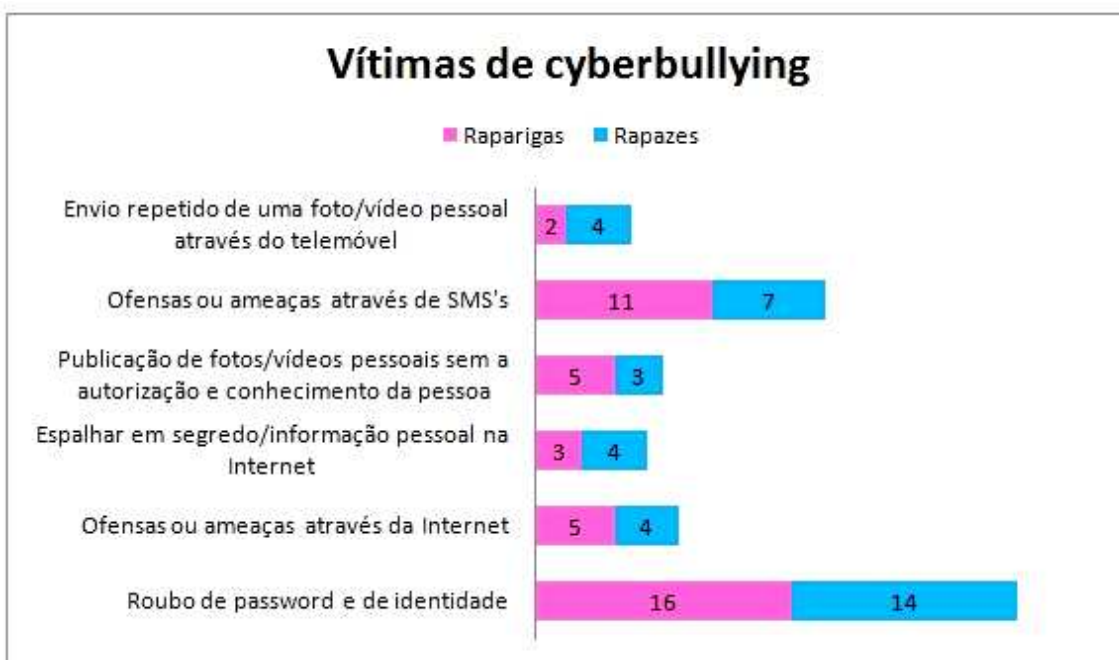
**Gráfico 12 – Situações desagradáveis no ciberespaço por género**



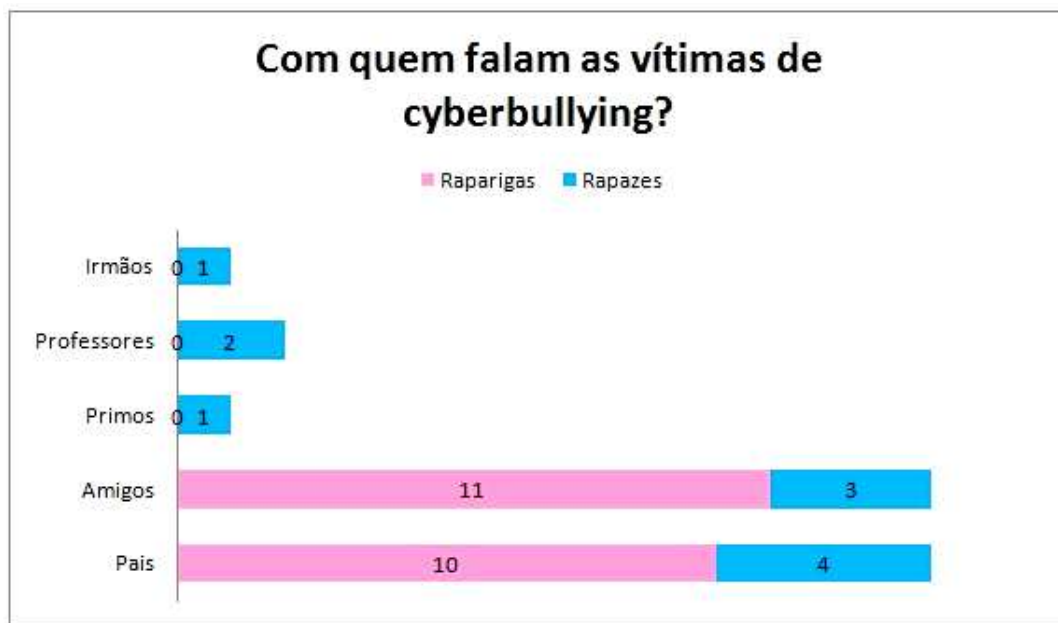
**Gráfico 13 – Idades das vítimas de cyberbullying**



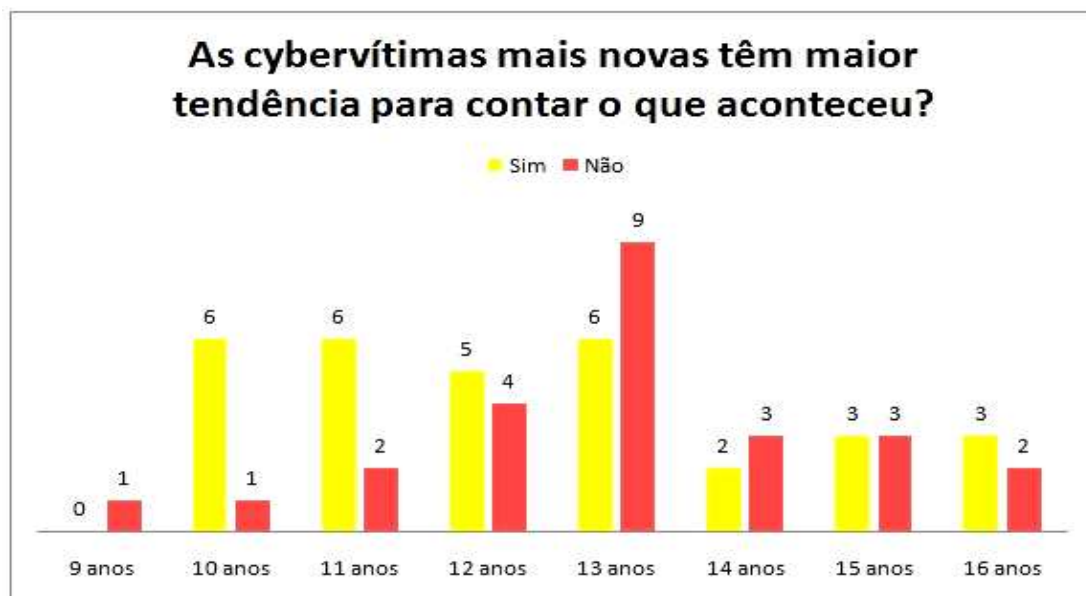
**Gráfico 14 – O que aconteceu às vítimas de cyberbullying?**



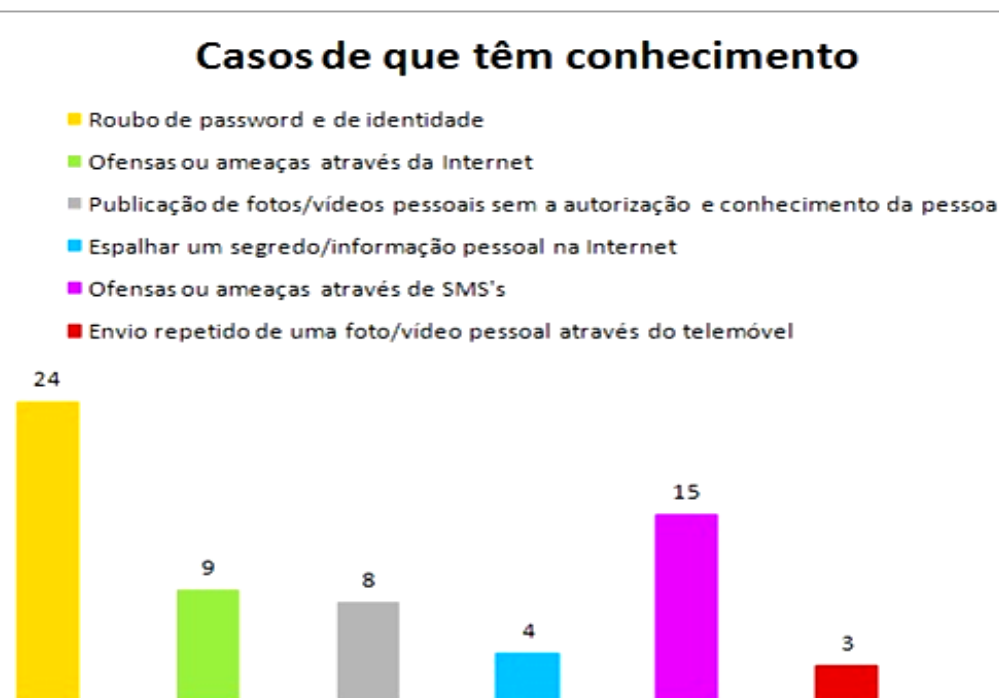
**Gráfico 15 – Com quem falam as vítimas de cyberbullying?**



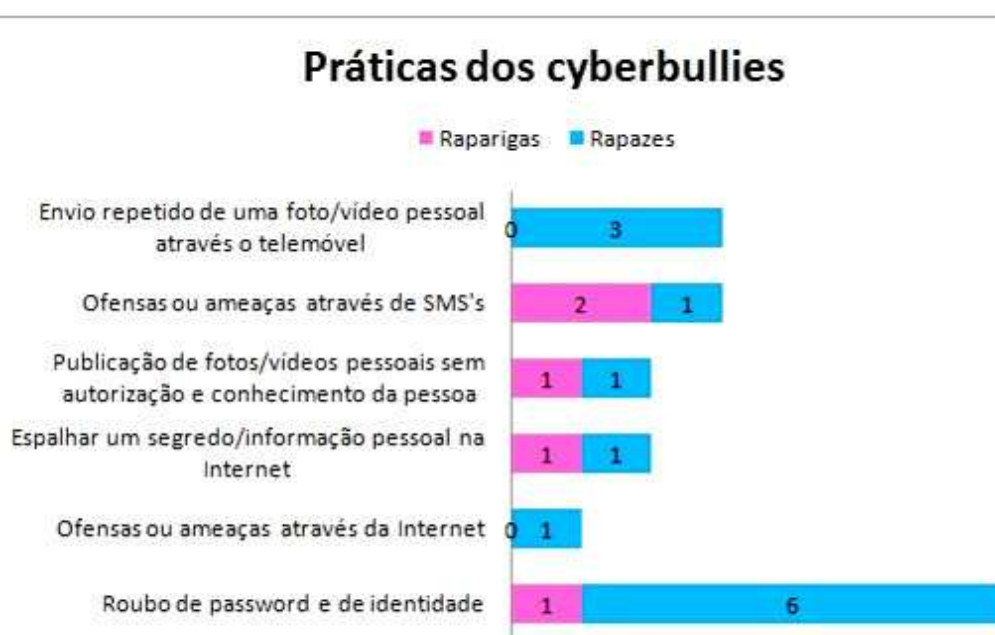
**Gráfico 16 – As vítimas mais novas têm mais tendência para partilhar uma situação de cyberbullying?**



**Gráfico 17 – Têm conhecimento de outros casos de cyberbullying?**



**Gráfico 18 – Práticas dos agressores**



**Gráfico 19 – Como se deve falar de bullying e cyberbullying nas notícias?**

